

A cadeira de Botânica

pede e agradece a remessa de suas publicações.
vous prie de lui envoyer vos publications.
shall be glad to receive your publications.
le agradecerá el envío de sus publicaciones.

Endereço:

Cadeira de Botânica
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Caixa Postal 105-B,
S. Paulo (Brasil).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

XXIX

FILOSOFIA

N. 1



1942

Os Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo são publicados pelas Cadeiras que constituem as suas Secções e Sub-secções.

Tôda a correspondência relativa ao presente Boletim deverá ser dirigida ao seguinte endereço:

Cadeira de Filosofia:

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Caixa Postal 105-B. São Paulo (Brasil).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

Reitor:

Prof. Dr. Jorge Americano.

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:

Prof. Dr. Fernando de Azevedo.

Cadeira de Filosofia:

Professor:

Dr. João Cruz Costa.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

XXIX

FILOSOFIA

N. 1



1942

PREFACIO

O estudo que ora apresentamos, como trabalho de dissertação ao doutoramento em filosofia, refere-se a um filósofo do século XVI que, pela sua crítica penetrante, é um dos precursores da filosofia moderna.

Pareceu-nos que seria interessante estudar a vida e a obra de Francisco Sanchez, já porque tem sido êle quasi esquecido dos historiadores da filosofia, já porque é um dos anunciadores do pensamento moderno, do pensamento relativista, que considera a filosofia e a ciência como disciplinas estreitamente ligadas e cujos progressos são, de certo modo, simultâneos. As dificuldades que tivemos na elaboração dêste pequeno trabalho, não foram poucas, pois faltaram-nos elementos para realizar um estudo que, ao menos, aproximadamente, pudesse ser perfeito. Fiados nos ensinamentos do autor que estudamos, crentes também de que a ciência perfeita é alguma cousa inacessível à fragilidade humana, mas que também nos podemos aproximar dela, dispuzemo-nos a elaborar, com os elementos que pudemos dispor, êste trabalho. Aliás, é nossa intenção completá-lo, no futuro, acrescentando a êste resumido "Ensaio", uma tradução completa e cuidada do texto do "Quod nihil scitur".

E' mister, aliás, que se possa conseguir, para o progresso dos estudos filosóficos na nossa terra, uma grande quantidade de textos originais e bem cuidados, para

que, com perfeita confiança e segurança, possamos estudar as obras dos filósofos.

Nós não tivemos essa sorte. Não nos foi possível encontrar nas bibliotecas do nosso país, nem sequer uma edição fotografada de um dos textos de Sanchez. Fomos obrigados a nos servir do texto e da tradução do Prof. Basílio de Vasconcelos, que apareceu em vários números da "Revista de História", de Lisboa, órgão da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, de que foi secretário dedicadíssimo, o ilustrado Prof. Dr. Fidelino de Figueiredo, que nos honra atualmente com a sua prestimosa colaboração nos trabalhos da nossa Faculdade.

Estudaremos nas páginas que se vão seguir, algumas das questões a que dão lugar a vida e a obra de Francisco Sanchez, filósofo sôbre o qual havia — e ainda há — inúmeras opiniões. Já o problema da sua nacionalidade, é objeto de dúvidas. Para uns, Sanchez é português; para outros, espanhol. Veremos que êle sofre as influências ibéricas, mas que quasi tôda a sua vida decorre em França e que, ao lado de Montaigne, é um dos grandes nomes da Renascença francesa.

A propósito da bibliografia de Sanchez, teremos ensejo de verificar ainda que grandes dúvidas se apresentam, sendo até impossível, no estado atual da mesma, decidir com segurança do problema. Passaremos, a seguir, a estudar as influências que sofreu e o momento histórico que viveu. Também aí a tarefa não é fácil. São necessárias novas investigações, que só podem ser feitas, investigando-se novamente os velhos manuscritos existentes nas bibliotecas européias. Ajuntamos ainda ao nosso trabalho um resumo-comentário do "Quod nihil scitur". E' êle, como se verá, incompleto. Mas acreditamos que seria

suficiente para assinalar algumas das principais idéias do ilustre médico e filósofo de Tolosa. Por último estudaremos o pensamento de Sanchez, mostrando que não podemos, de uma maneira absoluta, considerá-lo, como alguns historiadores da filosofia o fazem, um cético. O seu ceticismo é uma arma de combate contra a presunção e o orgulho que caracterizou a escolástica decadente, rainha das escolas e da ciência oficial, e, dessa maneira, grave obstáculo para o progresso da ciência.

Resta-nos agora, antes de passarmos ao estudo da vida e da obra de Sanchez, solicitar a benevolência do ilustrado juri de doutoramento para as muitas e reconhecidas fraquezas dêste trabalho. E, ao mesmo tempo, agradecer os mestres que nos guiaram, nestes oito anos de existência da nossa jovem Faculdade de Filosofia. Que outras gerações, mais aprestadas, possam dar-lhe o lustro que êste seu antigo aluno não conseguiu.

S. Paulo, 7 de Setembro de 1942.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho vamos estudar, com os poucos meios que dispomos, um dos filósofos do século XVI que, pela sua crítica à ciência medieval e por outros aspectos do seu pensamento, anuncia, apesar do seu desânimo e desencorajamento cético, de modo mais claro que os seus contemporâneos, a necessidade de uma reforma geral da ciência e, com ela, o advento da filosofia moderna.

Uma liberdade confusa de pensamento e de doutrinas caracteriza a Renascença. Nela irrompem as mais variadas correntes de pensamento, que haviam circulado, de maneira subterrânea, durante os longos séculos medievais. O brusco sentimento de liberdade e a multiplicidade dessas correntes de pensamento, que não possuem uma meta segura, não podem fornecer um método exato que dê à inteligência, como diz Brunschvicg, o poder de discernir entre todas elas. Falta-lhes, como escreve êsse filósofo, o “instrumento judicatório” da ciência. Assim, o século XVI inclina-se para uma erudição confusa e indigesta (1).

“O século XVI, — escreve ainda Brunschvicg — não rompeu com o movimento do pensamento medieval. Ainda aí a humanidade do Ocidente se limita a prosseguir a conquista do seu próprio passado; e por aí ela chega a considerar simultaneamente os estágios sucessivos de sua evolução; e assim se achará reunida a matéria sôbre a qual, mais tarde, há de se exercer a reflexão do juízo, mas sem que se possa dizer que os maiores pen-

(1) — Léon Brunschvicg — *Le Progrès de la Conscience dans la Philosophie Occidentale* — T. I. págs. 127/128.

sadores da Renascença tenham conseguido, por sua própria conta, organizar e dominar esta matéria. Parece que, ao contrário, êles se deixaram tomar pela sua infinita agitação e pela sua confusa fecundidade. A época de Rabelais ou a do Bruno é aquela a que se aplica, com todo o rigor, a observação da **Apologia de Raimundo Sebonde**: “Notre esprit est un util vagabond, dangereux et temeraire; il est malaisé d’y joindre l’ordre et la mesure” (2).

* * *

O **Quod nihil scitur** de Francisco Sanchez apresenta, porém, e paradoxalmente, nesse momento confuso da Renascença, um primeiro indício de uma confiança nesse utensílio vagabundo e perigoso, que há de ser capaz de ordem e de medida. Criticando o velho instrumento do saber da escolástica, Francisco Sanchez vislumbra, através das suas negações, os valores modernos da positividade, dentro das possibilidades da frágil inteligência humana. Filósofo da Renascença, submetido como os seus contemporâneos à infinita inquietação e confusa fecundidade do seu tempo, Francisco Sanchez soube entrever ainda através das brumas dessa época, os contornos da ciência do futuro. “A fórmula negativista **Nada se sabe**, em uma época de conflito entre as noções absolutas da teologia e da metafísica, foi acolhida com assombro. Sanchez apenas sustentava o princípio positivo da relatividade dos conhecimentos humanos” (3). Não é propriamente uma descrença, uma atitude cética, a sua. E’, sim, a relatividade do conhecimento, expressa na fragilidade humana que êle sublinha no seu libelo contra a Escolástica. Nenhuma ciência se formou com silogismos, diz Sanchez. Ao contrário, muitas se têm esterilizado e pervertido por causa dêles.

“A revolução filosófica dos séculos XVII e XVIII estava — como escreve ainda T. Braga, — implícita na concepção de Sanchez (4).

(2) — Léon Brunschvicg — *ob. cit.*, págs. 120/121.

(3) — T. Braga, *História da Literatura Portuguesa, II — Renascença* — pág. 615.

(4) — T. Braga — *ibidem*.

Não poderia, no seu tempo, fazer mais, pois as condições históricas da própria ciência não lh'o permitiam. Caberia a outros esta tarefa. Todavia, Francisco Sanchez é, embora marcado ainda pela confusão do século XVI, o que mais se aproxima da crítica moderna.

A verdade, para êle como para os filósofos modernos, é alguma cousa que devemos constantemente procurar, que estamos constantemente a descobrir, mas que não se nos revelará nunca inteiramente.

E' êle um dos precusores, portanto, desta concepção de que a filosofia é uma atividade permanente do espírito, que não se pode limitar a nenhum sistema, que é inteiramente livre, e cuja meta é o **conhecimento perfeito**. Para que o seja, mister é que ela possa alargar e aperfeiçoar cada vez mais os seus métodos, e abranger novos objetos, o que não será possível se ela se subordina a um sistema, qualquer que êle seja.

E' a vida e a obra dêsse filósofo, precursor do pensamento crítico, que ora vamos estudar.

CAPÍTULO I

A VIDA E AS OBRAS DE FRANCISCO SANCHEZ

I — A vida de Francisco Sanchez.

A vida de Francisco Sanchez, professor de filosofia e de medicina na Universidade de Tolosa, tem dado ocasião, no que se refere às suas origens, a muita discussão.

Para os estudiosos portugueses, Sanchez teria nascido em Braga. Os espanhóis, por seu lado, dizem ser êle natural de Tuí, cidade da Galiza, pertencente, ao tempo do nascimento de Francisco Sanchez, à diocese de Braga. Se disputas se travam em torno do lugar de nascimento dêsse filósofo que, de qualquer modo podemos considerar como ibérico, mas que passou a maior parte de sua vida em França, outras ainda se apresentam em relação aos anos do nascimento e da morte do filósofo. Raimundo Delasso, discípulo de Sanchez, parece ter sido o causador involuntário dessas disputas.

No **Elogio** que êste discípulo introduziu na mais completa edição das obras de Francisco Sanchez, que é a de Tolosa, de 1636, escreveu êle que Sanchez nasceu em Braga. (**Bracara, Lusitaniae urbs insignis**). Teria sido Braga, dessa maneira, o lugar de nascimento de Francisco Sanchez. Mas, algumas linhas mais adiante, conforme afirma H. P. Cazac, que tão profundamente estudou esta questão (1), o mesmo Delasso dizia:

“o primeiro céu visto pelo filósofo foi o de Espanha”.

(1) — H. P. CAZAC — *Le lieu d'origine et les dates de naissance et de mort du philosophe Francisco Sanchez.*

Nessa esteira seguiram os diversos autores que se compararam com a biografia de Francisco Sanchez.

De outro lado, Jean Astruc de Sauve (1684-1766), que foi médico de Luis XV e célebre professor em Tolosa, escrevia nas suas “*Mémoires pour l’histoire des sciences et des beaux arts, etc*” (2): “Contento-me em indicar uma parte dos professores que a Faculdade de Montpellier forneceu às outras Universidades. . . . A Tolosa, Francisco Sanchez, de Tuí, diocese de Braga em Portugal, professor de filosofia durante vinte e cinco anos e de medicina durante onze” (3).

H. P. Cazac, afim de bem dirigir as suas pesquisas sôbre tão controvertida questão, partiu de uma data que parece não poder suscitar dúvidas, a de 1573, a da matrícula do filósofo na Universidade de Montpellier. Nos arquivos da velha Faculdade de Medicina (4) encontrou êle três inscrições que parecem provar a nacionalidade espanhola de Francisco Sanchez. Nos pergaminhos em questão, estão traçadas, datadas e assinadas, pela própria mão do filósofo, estas inscrições:

“1a.) — (em 23 de novembro de 1573 — bacharel em medicina)

“**Ego, Franciscus Sanchez, Hispanus, diocesis Bracarensis, insignitus sum laureâ baccalaureatûs**”

2a.) — (em 24 de abril de 1574, licenciatura em medicina)

“**Ego, Franciscus Sanchez, Bracarensis diocesis, accepi gradum licentiatursæ**”

3a.) — (em 13 de julho de 1574, doutoramento em medicina)

“**Ego, Franciscus Sanchez, Hispanus, diocesis Bracarensis, accepi gradum doctoratus**” (5)

(2) — *Apud* Cazac, *ob. cit.*, pág. 9, nota 2.

(3) — Cazac, *ob. cit.*, p. 9.

(4) — “*Registre des Actes de la Faculté de Médecine en l’Université de Montpellier*”, vol. in 8.º, 92 folhetos em pergaminho não numerados, *apud* Cazac, *ob. cit.*, pág. 11.

(5) — H. P. Cazac — *ob. cit.*, pág. 11.

Dêstes documentos, decorre que a nacionalidade de Sanchez era a espanhola, pois, êle mesmo afirmou, assinando, repetidas vêzes, a sua qualidade de "Hispanus", de espanhol, da diocese de Braga.

Possuia o filósofo, isto parece certo, parentes muito próximos que eram portugueses. Era mesmo, segundo indica Fortunat Strowski, ligado à poderosa família dos Lopes, a que pertencia a mãe de Montaigne (6). O marido de uma sua tia, um certo Antonio Lopes, era de Valença do Minho. A família do filósofo pertencia à célebre casa de marranos que, na côrte de D. João II, de Aragão (1458-1479), e na de D. Fernando V, o Católico (1479-1516), ocupou lugar de destaque até a conspiração dos Judeus Conversos, de Saragoça, contra o Santo Ofício (7). Logo depois do primeiro auto-da-fé, celebrado em Saragoça, em 10 de maio de 1484, o inquisidor Gaspar Jugiar foi encontrado morto. Uma conspiração em que entraram ricos e poderosos marranos foi descoberta e nela implicados, Sancho de Paternoy, mestre racional da Côrte, Gabriel Sanchez, tesoureiro-mór e outras pessoas importantes (8). Êste Sanchez era um dos antepassados de Francisco Sanchez.

Quando se deu a dispersão dos judeus na Península, em consequência dos decretos contra os israelitas, algumas famílias de proscritos procuraram, como os Lopez, asilo na Provença, no Poitu, na Guiena e no Languedoc, em geral no sul da França, principalmente nas raias marítimas (9). Os Sanchez parece haverem se refugiado, primeiro, na Galiza espanhola e portuguesa e só haver passado os Pireneus pouco depois

(6) — Fortunat Strowski — *Montaigne* — p. 136, cf. Paul Stapfer — *Montaigne* — 6a. ed. 1927, p. 10.

(7) — Cf. Cecil Roth — *Historia de los Marranos*. trad. esp., p. 31.

(8) — Cecil Roth — *ob. cit.*, pág. 53.

(9) — E' sabido, por exemplo, que desde 1550, data do nascimento do filósofo, já grande numero de judeus e marranos, se refugiara em França. No bairro do Espírito Santo, em Baiona, êles haviam obtido abrigo, por concessão da Rainha da Navarra. Cf. João Lúcio de Azevedo — *História dos Cristãos Novos Portugueses*, p. 372.

dos meados do século XVI, mais ou menos pelos fins do reinado de Carlos V e no princípio do de Felipe II (10).

E' interessante notar, que em Braga — diocese a que pertencia Sanchez — devia existir, já muito antes da data do nascimento do filósofo, uma forte comunidade judaica. Braga, nas proximidades da fronteira de Espanha, era talvez um centro de refugiados.

“Em Portugal — escreve João Lúcio de Azevedo — as primeiras obras impressas de que há segura notícia, foram em língua hebraica e por impressores hebreus. Anteriormente a tôdas, o **Pentateuco**, de 1487, saindo do prelo de Samuel Gacon, em Faro. Só de 1494 em diante nos aparecem as produções tipográficas de oficiais alemães: primeiro o **Breviário Bracarense**, por João Gherline, em Braga, etc.” (11). Quanto à quantidade de judeus na Galiza, nos dá notícia um interessantíssimo documento que foi encontrado por João Lúcio de Azevedo, na Biblioteca Nacional de Lisboa (Inquisição. Cod. 1506, fol 32 e seg.) (12) em que se contam as razões da predileção dos judeus pelas raias marítimas, isto é, pela facilidade que tinham de commerciar com o estrangeiro e de, à tôda hora, terem aberto o caminho para uma fuga precipitada.

Em ocasiões solenes, como o bacharelamento, a licenciatura e o doutoramento, afirma, pois, Sanchez a sua qualidade de “**espanhol**”, da diocese da Braga. A origem da confusão que se travou sobre o lugar de nascimento de Francisco Sanchez decorre de uma questão relativa à jurisdição eclesiástica.

Na época do nascimento de Francisco Sanchez, a cidade galega de Tuí era sufragânea de Braga. “No século XVI — escreve Cazac — como na Idade Média, podia se pertencer realmente à nacionalidade espanhola e, não obstante, usar também o qualificativo de “**Bracarensis**”, ou mesmo, em certa medida, por extensão vulgar e corrente da linguagem, por uma espécie de

(10) — Informações de H. P. Cazac a E. Senchet — in Senchet — *Essai sur la Méthode de Francisco Sanchez*, págs. 163/164.

(11) — João Lúcio de Azevedo — *ob. cit.*, pág. 36.

(12) — João Lúcio de Azevedo — *ob. cit.*, pág. 462.

costume arcaico, a de “lusitano” (13). Tuí dependia da diocese de Braga. Passou a seguir para a dependência da sede da Luco e mais tarde, novamente, para a jurisdição de Braga. Até a invasão dos mouros, a autoridade eclesiástica de Braga teve primazia sôbre os bispos da Galiza. Por ocasião das invasões dos mouros, Braga perdeu, por sua vez, a primazia, passando a ser regida pelo arcebispado de Oviedo. No fim do século XI, Braga reconquista novamente os seus direitos metropolitanos sôbre a Galiza (14). Mas, como ainda nota H. P. Cazac, o filósofo distingue muito bem nos seus escritos, o sentido de hispano e de lusitano. Estas palavras têm, para êle, um nítido significado. Não confunde êle, nunca, os dois povos. Exemplos bem marcantes dessa afirmação de H. P. Cazac, são êstes trechos:

“Apothecarius denique vocitatur, et gallice, modicum mutato vocabulo: “apothicaire”; et hispanice: “boticario”; et lusitanus (sic): “boticairo”, à verbo grego, ἀποθήκη quod significat cellam vinariam” (14).

Já é clara aí a distinção entre os dois povos. Mas, no trecho a seguir, a distinção entre as duas gentes aparece ainda uma vez.

“Succum vero hunc ab Arabibus “nil” vocari (praeter id quòd herbam a qua hic extrahitur eodem nomine ii vocant, et quod Bellunensis infra notando loco id testatur), probat etiam nomen hoc “anil”, quo Hispani Lusitanique colorem illum qui a glasto fit, denotant; quae duae gentes ab Arabibus, quibus sat diu paruerunt, plurima retinere nomina... Ubi obiter notabis, perperam Lacunam Segobiensem, Commentariis in Dioscoride hispano sermone editis, De Lapide Indico caput illud inscrip-

(13) — *Apud H. P. Cazac, ob. cit.,* pág. 15.

(14) — *idem, págs. 15/16 — Cf. Alex. Herculano — Hist. Portugal — 8a. ed., vol. II — págs. 195 e 199.*

(14) — *Pharmacop. Lib. Tres, De election. Medicament. Lib. Prim. Cap. I, Opera, 1636 — pág. 418 — apud Cazac — ob. cit., pág. 13.*

sisse, interpretatum et commentatum fuisse, quum Dioscorides solum Indicum inscripserit” (15).

E mais êste:

“Saccus enim et sacculus et saccellus... apud Graecos (quibus σάκκος vocitatur), Latinos, Gallos, Germanos, Belgas, Italos Hispanos, Lusitanos et plures alios magnum est marsupium” (16).

* * *

Não sòmente o lugar do nascimento de Sanchez deu origem a disputas. A data do seu nascimento é, também, muito controvertida. Ainda desta vez, é Henri-Pierre Cazac o melhor informador. Para restabelecer as datas de nascimento do filósofo, teve Cazac de se dispor a um duro trabalho.

Todos os equívocos acêrca das datas de nascimento e da morte de Sanchez derivam de um erro tipográfico da **Patiniana**. O trecho causador de tantos erros, é êste: “Francisco Sanchez era um médico português radicado em Tolosa. Era cristão e nasceu de pais judeus; possuía muito espírito e era grande filósofo. O opúsculo de sua autoria, o **Quod nihil scitur** é belo. O **De Divinatione per somnum**, vale o seu peso em ouro. Escreveu Sanchez também um livro em espanhol — **Do método universal das ciências**, que é muito douto. Morreu (Sanchez) em Tolosa, com a idade de 70 anos, no ano de 1632” (**Patiniana** pp. 72, 73, in **Naudaeana et Patiniana**, París, 1701) (17).

Nessas condições, Francisco Sanchez teria nascido em 1562. Esta data acarreta uma série de dificuldades. Já vimos um documento assinado pela própria mão do filósofo, que o dá como bacharel em medicina, em 1573. Nesse caso seria êle bacharel em medicina apenas com 11 anos! Muitos historiadores da filosofia, tais como Brucker, Tennemann, Ritter, Hippeau, Saisset, Bouillet,

(15) — *Apud* H. P. Cazac, *ob. cit.*, pág. 14.

(16) — *Apud* H. P. Cazac, *ob. cit.*, pág. 14.

(17) — *apud* Emiliën Senchet — *Essai sur la Méthode de Francisco Sanchez*. — pág. 11, nota 2, cf. M. Menendez y Pelayo — *Ensayos de Crítica Filosofica*, p. 296.

Stöckl, para apenas citar alguns, repetiram, sem atender a essa dificuldade, um erro de tipografia. Outros, apenas mencionam a data do óbito, como Moréri e Bayle. Outros ainda, mencionam apenas a duração da vida de Sanchez, dizendo que ela se prolongou por mais de setenta anos. Nesta categoria estão, Van der Linden, Mercklin, Beck e Burtorff assim como Barbosa Machado (18). Estes dados eram não somente insuficientes, mas perigosos.

Em 1635, os dois filhos de Francisco Sanchez, Dionísio e Guilherme Sanchez publicam as Obras do pai. A edição de 1636, (*Tolosae Tectosagum*), recebe permissão para publicação em 12 de novembro de 1635 e privilégio do Rei, em Paris, no último dia de abril do mesmo ano (19). Nesse livro, os filhos do filósofo contam que o pai só chegara a atingir o bom método da medicina no fim de sua carreira, aos setenta anos. (*Rectam rationem medendi — septuagenarius senex tandem apprehendit*”, e Raimundo Delasso, o discípulo dileto do filósofo, acrescenta ainda “*Tandem virum mors rapuit vita dignissimum, septuagenarium, vel paulo plus*”) (20). Naturalmente, não é possível que os filhos e o discípulo ignorassem a idade verdadeira do pai e do mestre.

Ludwig Gerkrath, no seu “*Franz Sanchez. Ein Beitrag zur Geschichte der Philosophischen Bewegung im Anfang der Neueren Zeit*”, Vienna, 1869, e Z. Gonzalez — “*Histoire de la Philosophie*” (trad. francesa, t. III, págs. 141/142, 1891) julgam que Sanchez nasceu mais ou menos na metade do século XVI, mas, nada mais afirmam sobre as datas do seu nascimento e da sua morte. Gerkrath foi um dos primeiros críticos a perceber que havia, sobre esse assunto, “um erro qualquer em algum lugar” (21). Não descobriu todavia o segredo da questão das datas limites da vida de Francisco Sanchez.

(18) — Cf. H. P. Cazac — *ob. cit.*, págs. 18/19.

(19) — H. P. Cazac — *ob. cit.*, pág. 21.

(20) — H. P. Cazac — *ob. cit.*, pág. 21.

(21) — H. P. Cazac — *ob. cit.*, pág. 22.

Se os eruditos que se ocuparam com o filósofo tivessem melhor procurado em Tolosa, teriam, por certo, economizado muitas incertezas inúteis. “Enquanto argumentavam à priori sobre as datas do nascimento e da morte de Francisco Sanchez, e assim se viam reduzidos a suposições gratuitas, a Sala dos Atos da Faculdade de Medicina de Tolosa, hoje restaurada, guardava o segrêdo em vão procurado por todos êles” (22).

De fato, nessa sala está o segrêdo da biografia de Sanchez. Os erros cometidos desde Guy Patin, aí encontram desmentido.

Uma das grandes telas que se encontram na sala dos Atos da Universidade de Tolosa, dá a chave do segrêdo das datas de nascimento do filósofo do **Quod Nihil scitur**. Essa sala contem os retratos de diversos professores célebres da Universidade. Aí se encontram o de **Magister Lupus Hispanus** (Lopez, o espanhol), o primeiro regente da Universidade. O de Raimundo de Sebonde, o de Ferrier e o do célebre Sanchez. Essas telas marcam a origem espanhola da medicina, no sul da França, assim como o caráter internacional dessa Universidade. Na epígrafe do quadro que representa Francisco Sanchez, está escrito isto:

“Franciscus Sanchez, Lusitanus, antecessor regius saluberrimae Facultatis Medicinae, in almâ Universitate Tolosanâ professor. Obiit anno . . . M.D.CXXIII, aetatis suae LXX. — “Quid” — Librarium artium Cathedram prius occupaverat” (23).

Um erro, um descuido talvez, de Guy Patin produziu uma longa discussão entre os eruditos, durante quasi duzentos anos. Uma inversão de algarismos, descuido devido talvez também aos impressores da **Patiniana**, acarretara tanta discussão.

Onde deveria estar 1623 haviam posto 1632 (24). .

(22) — H. P. Cazac — *ob. cit.*, pág. 23.

(23) — H. P. Cazac — *ob. cit.*, pág. 24.

(24) — H. P. Cazac — *ob. cit.*, pág. 23. Aqui damos, a simples título de curiosidade, os nomes dos impressores da **Patiniana**, os parisienses Florentin e Pierre Delaulna (cf. Cazac. *ob. cit.*, p. 23).

Nos antigos arquivos paroquiais que se acham no Arquivo de Tolosa, um amigo de Henri-Pierre Cazac, Ernesto Roschach, descobriu documentos que vêm esclarecer ainda mais esta controvertida polémica acêrca da vida e da morte do filósofo Francisco Sanchez. Nesses documentos é dito que “Francisco Sanchez pertencia à paróquia de Notre-Dame-la-Daurade e que morava na Rua Grande, que ia de Chateau-Narbonnais até a basilica de Saint Sermin, isto é, do coração da velha cidade ao burgo, e que há mais de dois mil anos tem sido a artéria principal do comércio local” (25). O mesmo documento diz ainda que Francisco Sanchez faleceu pelos meados de novembro de 1623 e que foi enterrado na igreja dos franciscanos da Grande Observância, monumento hoje destruído. A sua sepultura desapareceu. O texto relativo ao seu obito é o seguinte.

“Du XVIIe novembre 1623. François Chanche (Sanche), docteur et régent en médecine, âgé de soixante-treze ans, a esté ensevely aux Cordeliers demeurant à la Grand'Rue” (26).

Por êsse documento verifica-se que o escriba que o fez, o da igreja de Notre-Dame-la-Daurade, estava pouco familiarizado com os nomes espanhóis e alterou, segundo a pronúncia francesa, o nome do filósofo. Mas a identidade do mesmo, nem por isso, padece dúvida.

* * *

As conclusões a que êstes documentos nos levam, impõem-se por si mesmas. Francisco Sanchez nasceu em Tuí, pertencente então à diocese de Braga, no correr do ano de 1550, talvez na segunda metade dêsse ano. Faleceu em meados de novembro de 1623, com 73 anos, em Tolosa, conforme a certidão da Igreja de Notre-Dame-la-Daurade, de Tolosa (27).

(25) — H. P. Cazac — *ob. cit.*, pág. 25.

(26) — H. P. Cazac — *ob. cit.*, pág. 25.

(27) — Alfredo Pimenta, em seus *Estudos Filosóficos*, pag. 89, confirma êsses documentos de Cazac quando diz, à pág. 95, que “o Prof. Ricardo Jorge projetou fazer uma tradução do “Quod nihil scitur”, enquanto presumiu que o autor era português. Averiguada a nacionalidade verdadeira, desinteressou-se”.

De posse desses dados limites da existência de Francisco Sanchez, vamos agora estudá-la sob outros aspectos.

Não há notícias muito seguras sobre a primeira parte da existência de Francisco Sanchez, sobre os primeiros doze anos de sua vida. Os seus primeiros estudos, parece, êle os fez nas escolas de Braga, afamadas na época. Mas, pouco tempo aí ficaria. Em companhia de seu pai, o médico Antonio Sanchez, já em 1562 o encontramos em Bordeus.

Desde 1496, data do édito de D. Manuel, a situação dos judeus tornara-se muito instável em Portugal (28). Não menos perigosa e instável era a situação dos marranos, dos judeus conversos. Em 1557 falecia D. João III e, com êle, desapareciam também as esperanças dos judeus. A regência de D. Henrique iniciara-se precisamente com uma reunião de prelados, encarregados de chamar a atenção do rei e de protestar contra a liberdade em que viviam judeus e cristãos novos (29).

Delasso, citado por Emilien Senchet, refere-se à emigração da família de Sanchez para a França, como tendo uma causa incerta: "ex-incerta occasione"; (30) mas, certamente teria contribuído para essa emigração, a situação em que se encontravam nessa época, em Portugal, os judeus e os seus descendentes.

Com a idade de 12 anos, já se encontrava, pois, Sanchez em Bordeus. Seu tio, Adão Francisco Sanchez, segundo informa Senchet, baseado nas informações de H. P. Cazaç, havia obtido, entre 1561 e 1569, carta de naturalização. O mesmo iria fazer o pai de Francisco Sanchez que, em Bordeus, grangeou fama de excelente médico (31).

(28) — Cf. *Ordenaç. Man.* 1.2, tit. XLI. vide. J. Mendes dos Remédios. — *Os Judeus em Portugal*, págs. 289 e 431.

(29) — Cf. *Os Judeus em Portugal*, II. Coimbra, 1928, pág. 53 e passim. Cf. Alexandre Herculano — *História da Origem e do Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, passim.

(30) — Emilien Senchet — *ob. cit.*, pág. VII.

(31) — Emilien Senchet — *ob. cit.*, pág. 164.

Em Bordeus, Francisco Sanchez cursa o famoso Colégio da Guiena que fôra, alguns anos antes, frequentado por Montaigne e do qual havia sido principal (diretor), o famoso André de Gouvêa (32). Naturalmente, a família de Sanchez devia possuir fortuna, pois o Colégio da Guiena era frequentado por famílias nobres e ricas, como, por exemplo, a de Montaigne. O famoso Colégio possuía um corpo docente formado de grandes humanistas, já bastante influenciados pelo espírito crítico da Renascença e mesmo, um tanto herético. A livre pesquisa, o espírito moderno orientava a pedagogia adotada nesse colégio. Em Portugal, já antes do nascimento de Sanchez, os mestres do Colégio da Guiena, os chamados bordaleses, eram suspeitos de “sentirê mal da fee e serê da secta de luther” (33). Todos os professores que D. João III contratara para a Universidade de Coimbra e que haviam sido escolhidos por André de Gouvêa, eram tidos na conta de pouco ortodoxos em matéria de fé. Diogo de Teive, João da Costa e Buchanan, em breve tempo ajustariam contas com a Inquisição (34).

O Colégio da Guiena reunia a burguesia enriquecida de Bordeus. Os burgueses, que haviam amealhado boas fortunas no comércio de peixe, — é êsse o caso, por exemplo, da família de Eyquem, tornada mais tarde, senhora do domínio de Montaigne — procuravam o famoso Colégio, dirigido por André de Gouvêa, para a formação intelectual de seus filhos.

Os efeitos da reforma luterana se faziam sentir entre o professorado do colégio da Guiena e, desde o principalato de André de Gouvêa, o efeito das novas doutrinas já se alastrava mesmo entre os seus alunos (35). Era natural que os cristãos novos, que encontra-

(32) — Cf. Ernest Gaullieur — *Histoire du Collège de Guyenne*.

(33) — Mario Brandão — *O Colégio das Artes (1547-1555)* — pág. 138.

(34) — Mário Brandão — *ob. cit.*, cap. III, cf. Antônio Baião — *Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa* — págs., 19-29, e ainda T. Braga — *Hist. da Universidade de Coimbra* — t. I. Lisboa, pág. 485 e seg.

(35) — Ernest Gaullieur — *ob. cit.*, pág. 265.

vam maior liberdade no luteranismo, se inclinassem com simpatia, para a livre opinião que ia em progresso na atmosfera intelectual do célebre colégio. “O colégio de Guiena — escreve Jullian — com o seu devotamento à ciência, o seu culto dos sucessos oratórios, a sua curiosidade pelos textos antigos, as tendências liberais, e por vêzes heréticas de seus mestres, representava o advento do espírito moderno, da razão pura e da liberdade de pesquisa” (36).

Sanchez parece haver residido durante sete anos em Bordeus. Tinha êle 19 anos quando partiu para a Itália, (1569), após a morte de seu pai e de seu tio paterno. Francisco Sanchez parte de Bordeus para a Itália em viagem de estudos e não de turismo. Na Itália reside pelo espaço de quatro anos, estudando em varias Universidades e principalmente na Universidade da Sapiência, em Roma. O estudo das ciências naturais desenvolvera-se muitíssimo na Itália, desde o século XIV e às suas Universidades acorriam, sequiosos, os estudiosos de toda a Europa para ouvir as lições de Vesálio, de Falópio, de Colombo. “A Itália, que possuia Paolo Toscanelli, Luca Paccioli e Leonardo da Vinci, ocupava entre todos os povos da Europa, o primeiro lugar nas matemáticas e nas ciências naturais e os sábios de todos os países, mesmo Regiomontanus e Copérnico, se proclamavam seus discípulos” (37). Nas Universidades italianas da sua época foi que Sanchez formou a sua cultura médica e cirúrgica. Os continuadores de Vesálio, de Mateo Realdo Colombo, de Falópio, os anatomistas e fisiologistas italianos da renovação médico-científica do século XVI, exerceram, por certo, grande influência na sua formação (38).

Em 1573 está Francisco Sanchez de volta à França. Já o encontramos, nessa data, em Montpellier, onde termina os estudos médicos, na famosa Facul-

(36) — Jullian — *Histoire de Bordeaux*, cit. in Senchet, *ob. cit.*, pág. VIII.

(37) — J. Burckhardt — *La Civilisation en Italie au Temps de la Renaissance* — trad. franc. T. II. p. 9.

(38) — Cf. Paul Diepgen, p. 149 e seg. — *Historia de la Medicina*, trad. esp. vol. II, 1925, cf. — J. Bouillet — *Précis d'Historie de la Médecine*, p. 167 e seg.

dade de Medicina que Rabelais ilustrou e aí toma grau. Apenas doutor em medicina, com a idade de vinte e quatro anos, em 1574, obtem Francisco Sanchez, logo depois, uma cadeira de medicina na Universidade. Michaud, na sua **Biographie Universelle** afirma que o filósofo defendeu sua tese diante do grande médico Jean Fernel, o introdutor em França, da medicina dos árabes. Mas, se é certo que a influência da medicina árabe se faz sentir na obra de Sanchez, principalmente através da ciência italiana, não é exato, porém, que Fernel tivesse tomado parte no juri de doutoramento de Sanchez. Isso não é exato porque Fernel morreu em 1558, quando Sanchez tinha, conforme vimos, apenas 8 anos (39).

Parece que não chegou a um ano, a residência de Sanchez em Montpellier. No ano seguinte, em 1575, já o encontramos em Tolosa, para onde se transferira, em virtude das guerras de religião. Em Tolosa, menos infestada por essas lutas, Sanchez vai dedicar-se a escrever o seu livro. E' de 1576 o prefácio do **Quod nihil scitur**.

O pensamento moderno e científico de Sanchez manifesta-se ainda quando, no ano seguinte, um cometa aparece no céu e traz, com o seu aparecimento, uma revigoração das falsas idéias astrológicas. Francisco Sanchez ataca essas interpretações primitivas da astronomia. "Como Lucrécio, — escreve Senchet — êle (Sanchez) explica por causas naturais os prodígios do universo; no seu poema sobre o Cometa, sabe Sanchez envolver um assunto árido nas graças da poesia. Assistimos, assim, ao despertar da alma moderna procurando penetrar os segredos da natureza" (40).

Além de se preocupar com os estudos médicos, ainda se dedica Sanchez a estudos matemáticos. Senchet, baseando-se nas afirmações de Delasso e de Barbosa Machado, informa que entre 1576 e 1578 enviara San-

(39) — Senchet, *ob. cit.*, cita êsse fato à nota 4, pág. XI do seu trabalho. Cf. J. Bouillet — *ob. cit.*, pág. 179 e seg. e Dezobry et Bachelet — *Dictionnaire Général de Biographie et d'Histoire* — 10a. ed. Tomo II, pág. 1080/1081.

(40) — E. Senchet — *ob. cit.*, pág. XII.

chez ao jesuita alemão Cristovão Clavius, um dos matemáticos que Gregório XIII empregou na reforma do calendário (41), um manuscrito intitulado: “**Objeções e problemas relativos às demonstrações de Euclides**”, manuscrito cujas idéias não foram, ao que parece, refutadas pelo sábio jesuita (42).

A multiformidade de interesses intelectuais, o seu temperamento curioso e indagador, levaria Francisco Sanchez a se interessar pelas questões relacionadas com a filosofia. Mas, na filosofia do seu tempo, o seu gênio observador e inquieto não encontraria a menor satisfação. Armado de conhecimentos científicos, adquiridos nas escolas italianas, formado pelos humanistas de espírito livre, do célebre Colégio da Guiena, Sanchez sonhou reformar, desde os fundamentos, a ciência do seu tempo, os métodos em vigor ainda no século XVI. Para isso, mister era que se iniciasse essa obra reformadora pela crítica da velha escolástica. Era o que êle iria fazer, abrindo caminho mais largo às conquistas do espírito moderno.

* * *

Rico, sem grandes cuidados, dedicava o seu tempo aos estudos e às pesquisas científicas. Por vezes até esquecia — ou fazia-se esquecido dos seus deveres...

Assim, o filósofo e médico da Santa Casa de Tolsa, (Hotel-Dieu) nem sempre era muito assíduo aos

(41) — Cf. F. Boquet — *Histoire de l'Astronomie*, pág. 300.

(42) — Barbosa Machado, na sua *Biblioteca Lusitana*, 2.^a ed. T. II, pág. 236, escreve, indicando entre outras obras de Sanchez, esta: “*Erotemata super Geometricas Euclidis demonstrationes ad Christophorum Clavium anno 1627*”. Esta obra, como se vê, teria sido editada após a morte de Sanchez e de Clavius, em 1627, e não faz parte das obras completas do filósofo, recolhidas e editadas por Delasso. A razão que êste dá, segundo Senchet, é que um tratado de matemática não teria razão ao lado de livros de medicina e de filosofia. (*apud* Senchet — *ob. cit.*, pág. XIII).

Não se sabe, porém, onde para hoje êsse tratado de matemática. Seria interessante procurá-lo nas bibliotecas da Itália, onde se achava na época o jesuita Clavius, ou nas bibliotecas da França ou mesmo de Portugal, onde também esteve Clavius.

seus deveres de médico. Nos arquivos do Hospital São Jacques, que datam do ano de 1584, encontrou Senchet um curioso documento sobre Sanchez. Nele conta-se que o médico Sanchez, tido como doente de disenteria, fora visto a passeiar. Perguntado sobre esse fato, dissera ter ido ver um capitão doente. Depois de repreendido e multado, volta Sanchez ao seu serviço de cirurgia no Hotel-Dieu, mas daí por diante, mais assíduo (43).

Por esse tempo, já era o filósofo, mestre de cirurgia em Tolosa.

As suas funções de cirurgião nessa cidade, vai logo juntar Sanchez, a de professor regente na Faculdade de Artes. Em 1585 torna-se Sanchez professor, por “postulativa”, isto é, sem concurso, da Faculdade de Artes. Aí ensina filosofia pelo espaço de vinte e cinco anos. Só em 1610 passa êle à Faculdade de Medicina.

Francisco Sanchez casou-se duas vêzes. De seu primeiro casamento com Maria de Maranhão, irmã de um seu colega de Universidade, em 1588, teve nove filhos (44), dos quais só sobreviveram cinco: Bertranda, que foi religiosa de Santa Úrsula, (irmã Bertranda de Santo Agostinho); Dionísio, nascido em 1596, doutor em direito e conselheiro do rei, editor das obras de seu pai. Tomou mais tarde ordens e faleceu em 1653. Margarida e Guilherme, também advogado e editor, com o irmão, das obras do pai. Este também entra para o sa-

(43) — Tudo faz crer que foi sempre um homem de fortuna. Varias questões jurídicas, sobre casas, teve êle no fôro de Tolosa, questões que parecem mostrar que a fortuna de Sanchez não era pequena. E' preciso lembrar que Sanchez pertencia também à família dos Lopes que eram ricos comerciantes de tinta e de pescado em Bordeaux. Cf. E. Senchet — *ob. cit.*, pág. XIV, nota 1, p. XV, nota 1 e 2 e págs. XVIII e XIX, notas. Cf. P. Bayle — *Dict. Hist. et Crit.* p. 133.

(44) — Em 1588, já naturalizado tolosano, casava Francisco Sanchez com Maria de Maranhão. Dêsse consórcio nasceram Guilherme, morto ainda criança; Bertranda; João, também falecido em criança; Dionísio (1596); Jacqueline (1598), falecida na infancia; Margarida (1600), que se casou com um nobre funcionário do Rei, falecida em 1678; Guilherme (1601-1657). João (1603), e Ana, *apud* Senchet, *ob. cit.*, págs. 165/166.

cerdócio. Ana, a mais jovem vive celibatária, falecendo após os irmãos.

Tendo enviuvado de Maria de Maran, em 1614, Francisco Sanchez casa-se novamente (contava então mais ou menos 64 anos) — com uma viúva tolosana, Maria de la Guarrique. A união foi efêmera, pois, já nos testamentos do filósofo, de 1623, citados por Senchet, não se fala nela (45).

São êstes os dados que possuímos sôbre a biografia do filósofo do **Quod Nihil Scitur**.

. . .

II — As obras de Francisco Sanchez.

As principais obras do filósofo são as seguintes (46):

- a) **Carmen de Cometa anni MDLXXVII, Ludguni, edit. Gryphe, 1578.**

Êste poema não foi inserto nas edições posteriores das obras do autor. Encontra-se um exemplar desta obra em Breslau, na Universidade, e um outro, na Biblioteca de Munique.

- b) **Quod Nihil scitur — Ludguni, ed. Gryphe, 1581.**

Êste opúsculo é precedido por uma carta dirigida a Diogo de Castro, amigo do filósofo. Dois exemplares desta edição encontram-se nas bibliotecas Mazarina e de Santa Geneveva, em París. Um outro exemplar, em Versalhes; um na Biblioteca da Universidade de Montpellier; três no British Museum; e — que eu saiba — mais um que pertenceu ao escritor português, José Pereira de Sampaio (Bruno), exemplar de que se serviu Basílio de Vasconcelos, que foi professor do liceu da cidade de Faro, (Portugal), para fazer a tradução que se acha na RE-

(45) — Senchet — *ob. cit.*, pág. 166.

(46) — *Apud* E. Senchet, *ob. cit.*, de págs. XXVIII a XXXIV.

VISTA DE HISTÓRIA, dirigida pelo ilustre Prof. Fidelino de Figueiredo (47).

O prof. Fidelino de Figueiredo, na sua excelente bibliografia filosófica portuguesa, insere nos seus “Estudos de Literatura”, escreve:

“Sanchez, Francisco — **Quod nihil scitur, Ludguni. MDLXXXI**, 100 páginas.

(Esta obra aparece quasi sempre citada com o seguinte título: **De multum nobili et prima universali scientia — Quod nihil scitur**; na 1a. edição, de que possuímos um exemplar, só figura o título que indicamos; supomos ser isso devido a ter-se divulgado mais a edição de Francofurti, 1618. Outras edições em Roterodami,

(47) — Foi desta tradução que nos servimos para este trabalho. Não encontramos em nossas bibliotecas nenhum outro exemplar do “Quod nihil scitur”. A *Revista de História* publicou em vários dos seus números, o texto de Sanchez e a tradução de B. Vasconcelos. Todas indicações que faremos, referem-se aos diversos números dessa Revista. Usaremos sempre a indicação *R. H.*, seguida do ano e da indicação da página. E’ este o quadro geral das indicações:

números:

5 a 8, ano II (1913): *R H* (1913)

2.º vol. 2a. ed. *Clássica Editora*, 1922, Lisboa
páginas 122/127
páginas 187/199.
páginas 272/292.

números:

9 a 12, ano III (1914): *R H* (1914)

3.º vol. ed. *Clássica Editora*, Lisboa, 1914
páginas 159/166.
páginas 240/245.

números:

13 a 16, ano IV (1915): *R H* (1915)

4.º vol., ed. *Clássica Editora*, Lisboa, 1915
páginas 45/56
páginas 169/184
páginas 362/377.

números:

17 a 20, ano V (1916): *R H* (1916)

5.º vol. ed. *Clássica Editora*, Lisboa, 1916
páginas 60 a 70.

1644, em parte que desconhecemos, 1665 e em Lisboa, 1913 e seg.", (48).

- c) **Quod nihil scitur — (1618) — Francofurti, Sump-tibus Joannis Berberi bibliopolae (49).**

Existem na Mazarina dois exemplares desta edição. Um dêles — segundo informa Emilien Senchet — é seguido de um opúsculo de Maturin Simon sôbre a **Decadência das Letras**; o outro precedido da **Livre Filosofia** de Daniel Carpentário e seguido da **Decadência das Letras** de Marturin Simon.

- d) **Opera Medica et philosophica Francisci Sanchez — Tolosae.**

Tectosagum apud Petrum Bosc typographum, in-4.º (1636), com duas gravuras, uma com o retrato do filósofo e outra com uma assinatura de um Senhor Lasne.

O volume abre-se com uma carta de Dionísio e de Guilherme, filhos do filósofo. Aí se encontra também a vida de Sanchez, escrita pelo seu discípulo Raimundo Delasso.

Esta obra compreende uma parte médica (págs. 1/943) e uma parte filosófica (págs. 1/134). São os seguintes os títulos dos diversos tratados:

- i) — **Opera medica**

De morbis internis. Lib. III, — De febris et earum symptomatibus, Lib II, — De Venenatis omnibus cum signis et remediis — De purgatione, liber singularis — De phlebotomia — De locis in homine — Observationes in praxi — De formulis prescribendi medicamenta, ad Tyrones. — Pharmacopeiae, lib III, — De Theriaca — Examen opiatorum, syroporum, pilula-

(48) — Fidelino de Figueiredo — *Estudos de Literatura* — 4a. série — 1921/1922), pág. 134.

(49) — Menendez y Pelayo dá como editor da francfortiana de 1618 a Jacob Berneri — M. y Pelayo. *Ensayos de Crítica Filosofica* — pág. 141, nota.

rum et electuariorum solidorum, lib IV. — In lib. Galeni de pulsibus, ad Tyrones commentarii — In eiusdem librum “De Differentiis morborum” commentarii. — In eiusdem librum “De causis morborum” — In eiusdem “De Differentiis symptomatum” — In “de causis symptomatum”, lib III, commentarii — Censura in Hippocratis opera omnia — Summa anatomica lib. IV.

ii) — Opera philosophica

De longitudine et brevitare vitae liber. In lib. Aristotelis Physiognomicum commentarius. De divinatione per somnum ad Aristotelem. Quod nihil scitur (3a. ed.).

- e) Quod nihil scitur — liber, quibus (sic) iuncti sunt tractatus philosophici, ex-officina Arnold Leers (1649).

E' a 4a. edição, muito espalhada. Existe na Mazarina (2 exemplares), na biblioteca da cidade de Montpellier e em Bordeus. Senchet, de onde reproduzimos êstes dados, pôde conseguir um exemplar. Os tratados filosóficos impressos em 1649 são os mesmos da edição completa que mencionamos atraz (cf. nota 46).

- f) **Erotemata super Geometricas Euclidis demonstrationes ad Chistophorum Clavium anno 1627** (Objecções e problemas relacionados com as demonstrações de Euclides).

Barbosa Machado diz que êste trabalho foi editado em 1627. Senchet, que apresenta uma excelente bibliografia, pensa que talvez êste tratado tenha ficado apenas em forma de manuscrito. Em todo caso, Senchet não pode encontrá-lo em nenhuma biblioteca da França (cf. nota 46) (50).

(50) — Diogo Barbosa Machado, em sua *Biblioteca Lusitana*, 2a. ed., (Lisboa, 1931), t. 2, à págs. 235 e 236, escreve: “Francisco Sanches. Natural da Augusta cidade de Braga donde passou com seu Pay Antonio Sanchez insigne professor de Medicina a França, alcançou grandes estimações pelo seu raro talento, e profunda especulação na Faculdade Medica. Havendo girado por Italia,

Emilien Senchet, que seguimos muito de perto no nosso trabalho, conta que não lhe foi possível encontrar os opúsculos **Examen Rerum** e **De Anima**, a que Sanchez alude várias vezes no seu **Quod nihil scitur**.

e assistindo por algum tempo em Roma se restituiu a França, e na Universidade de Mompilher foy cathedratico de Medicina quando contava a florente idade de vinte e quatro annos. Desta cidade se trãserio para a de Toloza onde passou o restante da vida, que acabou em idade de 70 annos tendo dictado 25 annos philosophia, e 11 Medicina, de cujas facultades se publicarão as seguintes obras posthumas, por diligencia de seus filhos Dionisio e Guilherme Sanches.

Opera Medica. Tolosae apud Petrum Bosch. 1636. 4. Comprehemdem estes tratados: *De Morbis internis Lib iii. De Febris, et aerum Symptomatis lib. ii. De Venenatis omnibus cum signis, et remediis liber, De Purgatione Liber Singularis, De Phlebotomia lib i, De locis in homine lib 1, in quo pharmacopari docentur rectam applicandorum Topicorum medicamentorum methodum. Observationes in praxi. De formulis praescribendi medicamenta ad Tyrones Medicos. Pharmacopeiae lib iii, seu brevis, et compendiaria praeceptorum quae tyronibus Pharmaciae conveniunt, collectio tribus libris divisa, quorum prima est de electione medicamentorum 2. de praeparatione medicamentorum et simplicibus purgantibus, 3 de Compositione Medicamentorum. De Theriacae, et Pharmacopaeos liber 1. Examen Opiatarum, Syroporum, Pillularum et Electuorum solidorum liber iv. In Librum Galeni de Pulsibus ad Tyrones Comentarum. In ejusdem librum de differentiis morborum Comentarum. In librum iii Galeni de Crisibus Comentarum; Censura in Hypocratis opera omnia.*

Summa anatomica in qua breviter omnium corporum principium, situs, numerus, substancia, usus, et figura continetur ex Galeno, et Andraea Vessallo collecta. Adiectae sunt etiam annotationes quibus Columbi, et Fallopii repugnantia cum Galeno et Vessallo opinamenta recensentur.

De multum nobili et utili scientia quod nihil scitur, deque litterarum pereuntium agone, ejusque causis Ludguni, apud Antonium Gryphium, 1851. 4 Francfurti apud Joannem Bernerum, 1618, 8, & Roterodami. 1649. 12. Nesta obra estão os seguintes tratados:

De longitudine et brevitate vitae.

in lib. Aristotelis Physiognomicon Comment. (Este livro. Menendez y Pelayo cre ser apócrifo Cf. Menendez y Pelayo, ob. cit., pág. 298).

De Divinatione per somnum ad Aristotelem. De Inter-

Parece que nem mesmo foram concluídas essas obras. E' o que pensava Ludwig Gerkrath (51).

A mesma cousa se dá em relação ao *Methodus* ou *Modus sciendi*, que Francisco Sanchez anuncia frequentemente no seu livro. Alguns autores, Guy Patin, Bayle (52), falam dêsse livro, talvez escrito em espanhol (53) “*Método universal de las Ciencias*”. As afirmações sobre a existência dêsse trabalho, datam das informações de Moréri no seu *Dictionnaire*. “Sanchez — escrevia êle — compôs diversas obras de medicina e de filosofia, em latim e, em língua espanhola, o *Método universal das ciências*” (54).

E' certo que outros autores pensam que essa obra é de um médico espanhol, de nome semelhante ao de

pretandis Autoribus, Autuerpie apud Platinum, 1582. (Não encontramos tão pouco esta obra nas outras bibliografias. Só aparece em Barbosa Machado. Senchet não a cita).

Erotemata super Geometricas Euclidiis demōstrationes ad Christopharum Clavium anno 1627. A resposta que fez êste grande professor de matemática não satisfaz à eficácia dos argumentos do nosso Francisco Sanchez”. Gaston Sortais, na sua *La Philosophie Moderne*, T. I., p. 34, nota 7, diz não haver encontrado, nas *Obras* do Padre Clavius, mencionadas por Sommervogel — (*Bibliothèque de la Compagnie de Jésus. Iere partie, t. II*, col. 1212/1224. Bruxelas — Paris, 1891) — nenhum traço da resposta de Clavius a Sanchez.

Discurso sobre o Cometa que apareceu no anno de 1577. Desta obra faz menção seu discípulo Raymundo Delasso.

- (51) — Ludwig Gerkrath — *Franz Sanchez — Ein Beitrag zur Geschichte der philosophischen Bewegung im Anfang der neueren Zeit*. — cit. apud Basilio de Vasconcelos — “*Quod nihil scitur*” — tradução e nota 3, *R. H.* (1913) pág. 272. Cf. ainda pág. 279.
- (52) — “*Naudoeana et Patiniana*”, cit. apud Senchet, *ob. cit.*, p. XXXI. Cf. Pierre Bayle, *Dictionnaire Historique et Critique*, 4a. ed., T. 4, pág. 133 e seg.
- (53) — Emilien Senchet — *ob. cit.*, p. II, nota 2.
- (54) — E. Senchet, *ob. cit.*, pág. XXXI. Cf. Menendez y Pelayo — *Ensayos de Critica Filosofica*, pág. 298, nota 1.

Sanchez. Dessa opinião é Michaud (55). Todavia, tudo isto é incerto.

Conta ainda Senchet que examinando na Biblioteca Nacional de Paris um maço de manuscritos anônimos, encontrou entre êles um opúsculo que chamou a sua atenção. Esse opúsculo intitula-se: **Methodus omnibus scientiis**" (56) Senchet acreditou, então, ter em mãos o famoso **Método** do filósofo de Tolosa. O autor dêsse manuscrito discorre sôbre as ciências experimentais e isso poderia talvez indicar que o seu autor fôsse Francisco Sanchez. Mas a caligrafia em nada se parecia a que Senchet encontrara nos manuscritos do filósofo, que existem no Hotel-Dieu, de Tolosa. Além disso, o trabalho consistia em um certo número de máximas práticas sôbre o estudo da rétorica, da poesia, da filosofia moral e da dogmática. Nem mesmo o estilo assemelhava-se ao de Sanchez. Teria Senchet encontrado o esbôço do famoso livro de Sanchez? Nada podemos afirmar, nem as informações de Senchet o permitem. Menendez y Pelayo diz, todavia, que não devemos perder a esperança de encontrar êsse famoso livro. O filósofo em várias passagens do seu **Quod nihil scitur** alude a êsse trabalho (57).

São êstes os dados que podemos reunir sôbre a vida e a obra de Francisco Sanchez.

Passamos agora a estudar o momento do aparecimento de sua obra e as influências que se exerceram sôbre o filósofo.

(55) — Êste outro Francisco Sanchez teria escrito, segundo informa Senchet, um "Discurso de Oropesa", em nada relacionado com o problema do método. Cf. *ob. cit.*, p. XXXI.

(56) — *Methodus universalis et particularis omnibus scientiis* — Ms. fundo latino da Biblioteca Sainte Gêneviève, n.º 13969. — *apud* E. Senchet, *ob. cit.*, pág. XXXII.

(57) — Para onde teriam ido os manuscritos de Sanchez? Ninguém os encontrou. Senchet supõe que os manuscritos do filósofo devem estar na Alemanha ou na França do Norte. E' uma tarefa para os eruditos pesquisadores.

CAPÍTULO II

O MOMENTO E AS INFLUÊNCIAS NA ELABORAÇÃO DO “QUOD NIHIL SCITUR”

I — O Momento:

Tôda a inquietação a que o Renascimento deu lugar, tôda a fermentação intelectual do fim do século XV e da primeira metade do século XVI tomam, ao findar dêste século, um aspecto que dá origem a uma curiosa forma de ceticismo. “Após a Idade Média que havia sido tão essencialmente dogmática, poder-se-ia supor — escreve Fortunat Strowski — que o ceticismo havia encontrado novamente a fortuna que tivera na Antiguidade. Mas, enganar-se-iam aqueles que assim pensassem: o século XVI não teve menos confiança do que o século XIII, na Razão e na capacidade que o homem possui de atingir a verdade”. (1)

Um grande trabalho de crítica e de destruição se fez ao redor da velha escolástica. O nominalismo estabelecera a impossibilidade da ciência racional, arruinando os fundamentos da atividade espiritual. Sentiam os pensadores da época, que a silogística era apenas capaz de desenvolver verdades conhecidas, sem poder todavia criar algo novo. Todos os métodos conhecidos do passado nada mais significavam diante dos desmentidos que os novos descobrimentos iam trazendo. O próprio descobrimento da Antiguidade, iria reacender no espírito dos homens cultos dos séculos XV e XVI o desêjo ardente de conhecer, de interpretar tudo, sob novas for-

(1) — Fortunat Strowski — *Montaigne*, pp. 120/121.

mas. Novas perspectivas se abriam assim à cultura humana. Tôdas as múltiplas correntes do pensamento antigo que haviam influido, de uma maneira subterrânea na Escolástica, repontam agora. O humanismo reconduziria os espíritos às obras de duas antiguidades, a sagrada e a profana; iria dar-lhes o desêjo de conhecer os textos, de interpretá-los, de revisar, graças a êsses textos, as opiniões e as doutrinas que aí se fundamentavam. E assim, primeiramente sob a égide da fé e em seu benefício, se organiza o trabalho científico. A ciência das Escrituras se estabelece sôbre o estudo filológico e sôbre a exegese crítica dos textos gregos, hebraicos e siríacos. Ao mesmo tempo, pesquisam-se nos textos da antiguidade profana os conhecimentos e a sabedoria que o exercício regular e confiante das faculdades naturais, aplicadas ao estudo do homem e da natureza, haviam dado aos gregos e aos latinos” (2).

Qual a renovação que esta inquietação intelectual vai criar? Vai ela por sobretudo em circulação e intensificar a multiplicidade de correntes de pensamento que, embora adormecidas durante a Idade Média, mantiveram-se todavia em todo o seu curso. As heresias, a longa e complexa história das heresias, mostra que nem mesmo o enorme poder da Igreja, pudera calar a liberdade da inteligência (3). Tôdas as modalidades do pensamento antigo reagem contra o domínio opressivo da Escolástica. E' o neo-platonismo, em que se combinam elementos gregos e cristãos. São os efeitos da Reforma, já no século XVI, que ordenam a pesquisa filológica e o livre exame. E' o racionalismo cristão, risonho e tolerante de Erasmo, a trazer em socôrro da fé e dos seus ideais, a moral pagã e o pensamento helênico. E, de uma maneira mais característica, é a renovação do racionalismo naturalista.

Mas mesmo o prestígio dos autores da Antiguidade, não passaria sem crítica. O que a Antiguidade fizera nascer nos espíritos, fôra um tal anseio de liberdade, de progresso que era incompatível com qualquer sub-

(2) — Gustave Lanson — *Les Essais de Montaigne*. págs. 78/79.

(3) — Paul Vignaux — *La Pensée au Moyen-Âge* — pág. 85 e seg.

missão. Uma fé profunda na razão, afirmando que a natureza é constante na sua fecundidade e nos seus efeitos, revelaria que os modernos possuem o gênio tão fecundo quanto o dos antigos.

“A erudição, — escreve Gustave Lanson, — que devia excitar os espírito e levá-los rapidamente aos limites extremos da ciência antiga, os havia também sobrecarregado, esterilizado no orgulho de um saber vão, os havia afogado no caos e na contradição das opiniões e dos fatos. Contentes em poderem alinhar diante de tudo o que havia sido dito, a inteligência sucumbia, incapaz de escolher. Assim, o valor e a possibilidade mesma da ciência humana eram objetos de dúvida. Desde o primeiro terço do século XVI, o alemão Henrique Cornelio Agripa proclamara a incerteza de todos os conhecimentos humanos; Sanchez proclamaria, por sua vez, a desoladora conclusão do esforço intelectual: *quod nihil scitur*. Restava a provar a capacidade da razão e a definir o critério da verdade. Era a questão do método que se apresentava” (4). Neste período, em todos seus escritos, é fácil verificar o uso que se faz da autoridade dos antigos e, ao mesmo tempo, uma alvorada de observação própria e de experimentalismo, que desmentem as velhas autoridades. “Em cirurgia, em medicina, ou história natural, os partidários da razão e da experiência (que muitas vezes o eram também das línguas vulgares), pretendiam rejeitar a ciência livresca que a autoridade dos antigos continuava a impor à maioria; mas os resultados não eram ainda bastante abundantes e decisivos, e o esforço desses homens, que pertencia ao futuro, só aumentava a confusão e a dúvida” (5).

E’ da contradição entre a autoridade dos antigos e o início desse novo espírito de observação e experimentação que vai resultar a obra de Francisco Sanchez.

A filosofia do século XIII afirmara que toda a ciência, — todas as observações e experiências — já haviam sido feitas na Antiguidade, por Aristóteles. Não havia necessidade, pois, de perder tempo na verificação

(4) — Gustave Lanson — *ob. cit.*, pág. 89/90.

(5) — Gustave Lanson — *ob. cit.*, p. 91.

das mesmas e nada se apresentava que pudesse modificá-las. A partir do século XIV, o dogmatismo começa porém a ser destruído. O século XV preparou o terreno que, fecundado mais tarde pelas recentes aquisições e desenvolvimentos da matemática dos gregos e pela extensão do campo da observação direta, iria dar como resultado, nos séculos XVI e XVII, a náutica científica dos portugueses e a própria revolução cartesiana. O que entrou a “evolução da ciência e as iniciativas nascentes, foi sempre o caráter livresco das tradições da escola e a sedução que os métodos herdados da metafísica antiga exerciam sobre os espíritos. Quando se percorrem as obras dos sábios medievais, mesmo as dos mais originais, as de um Roger Bacon, de um Buridan, de um Oresme, de um Nicolau de Cusa, espantamo-nos com a importância extrema que aí têm a dialética, a discussão lógica, as concepções metafísicas. Apesar das tentativas de pesquisa, e de invenção pessoal, a ciência medieval continua impregnada de noções cujos quadros devem ser rompidos antes de poder avançar mais adiante” (6).

Nos séculos XV e XVI o campo da observação humana alarga-se. Tanto a concepção que se tem do mundo moral como do mundo físico sofrem radicais modificações. Um grande número de fatos aparece, que a Antiguidade não conhecera nem suspeitara, que contradizem as observações da Antiguidade e da ciência medieval. Os descobrimentos dos portugueses e dos espanhóis, trazendo ao velho mundo, um mundo novo, com povos e civilizações desconhecidas, determinariam uma forte ruptura com os moldes culturais da Antiguidade e da Idade Média. Um nova cultura, de base experimental e de tendência crítica ia-se agora formar. Cultura nova, em oposição à autoridade clássica e ao dogmatismo medieval. As concepções sobre as quais se apoiara a ciência da Idade Média revelavam que elas se estribavam em observações incompletas. Graças à crítica do século XVI, iriam perder logo o seu valor.

Era mister refazer uma interpretação do mundo. Todo o contacto da ciência com a realidade havia sido

(6) — Felix Sartiaux — *Foi et Science au Moyen-Âge* —
pág. 185.

perdido. A representação das cousas era feita por conceitos, e êstes combinavam-se segundo uma lógica pura e abstrata que deformava, que dissolvia, numa silogística absolutamente estéril, essa realidade. “Em matéria científica, — escreve Sherwood Taylor —, a Idade Média pouco ou nada avançou em relação às realizações da Grécia e do islamismo. A Europa Ocidental aprendeu tudo quanto estas lhe podiam ensinar e, ao mesmo tempo, aprendeu a pensar. A cultura escolástica preocupava-se muito com uma lógica subtil e precisa aplicada aos assuntos teologais, que já hoje não interessam mais muito, mas a consequência de alguns séculos de discussões foi dotar o mundo intelectual do Ocidente de hábitos lógicos de expressão e pensamento. Aliás, nesses tempos a cultura estava a dar largas às extravagâncias da mocidade e criando dificuldades unicamente pelo prazer de por à prova seus instrumentos intellectuais. Foi só quando, por meio da experimentação, as pessoas se capacitaram das limitações do estudo livresco e do raciocínio a partir de premissas incertas, que o mundo pôde enfrentar a construção de um saber mais sólido” (7).

O século XVI é assim uma época muito viva em contradições. Acha-se colocado entre a ciência do passado e a ciência do futuro. Uma delas deve ser destruída. A outra preparada ou construída. Tôda a sua tarefa se encontra entre êstes dois aspectos: o da destruição de uma forma de ciência e o da preparação de outra. O século XVI “trabalha — como escreve Strowski — numa meia luz; sabe que é a alvorada e onde está o oriente, mas não discerne ainda o contôrno das cousas: seus golpes, às vêzes, são falsos. Insiste sôbre a insuficiência das observações feitas pelos antigos e sôbre os vícios que as tornam incompletas e suspeitas. Multiplica as suas ironias sôbre a vã logomáquia do silogismo das escolas. Tudo isto é muito bom, mas é perigoso. Suponde que um pensador, em circunstâncias determinadas, exagere as suas idéias: suponde que êle se assombre ou queira se assombrar diante da multidão

(7) — F. Sherwood Taylor — *Pequena História da Ciência* (trad. Eras. do Prof. Milton da Silva Rodrigues), São Paulo, pág. 102.

de fatos novos que deve observar e diante da dificuldade, diante da impossibilidade de bem observar; supõe ainda que considere a dialéctica silogística como o processo único e vão do espirito humano. Este pensador será talvez um precursor de Bacon, de Galileu, de Descartes; mas êle poderá ser também o mestre de um cético” (8).

E’ neste momento e neste meio que vai nascer o **Quod nihil scitur**. Mas, quais teriam sido as influências diretas recebidas por Francisco Sanchez? E’ o que passamos agora a examinar.

* * *

II — As influências:

Não é facil afirmar, de uma maneira categórica, quais as influências sofridas pelo filósofo e médico de Tolosa. Não há, na obra de Sanchez, citações que nos revelem, de uma maneira clara, quais os filósofos que mais influíram no seu pensamento. Cremos que seria mais exato dizer que êle foi inspirado pelo “clima”, como hoje se diz, do seu tempo, e que Sanchez nessa atmosfera procurou, de uma maneira muito pessoal, conduzir o seu pensamento. Assim, desde o prefácio do seu trabalho, diz êle: “Quero-me com aqueles que, não se tendo obrigado a jurar nas palavras dum mestre, examinam com os recursos próprios as questões, levados pelos sentidos e pela razão” (9). Desde logo, como se vê, o argumento da autoridade não parece valioso para Sanchez. “Mas talvez tu digas — escreve ainda Sanchez — que é que tu (o filósofo Sanchez), depois de tantos e tão ilustres homens, nos podes trazer de novo? Porventura estava à tua espera a verdade? De modo algum; mas também antes não tinha estado à espera dêles. De novo, nada há; sendo assim, porque escreveu Aristóteles? Ou porque nos havemos de calar nós? Acaso limitou êle todo o poder da natureza e tudo abarcou?” (10). No decorrer do seu trabalho, como havemos de ver adian-

(8) — F. Strowski — *ob. cit.*, pág. 124.

(9) — Sanchez — *Q.n.s.* — *R. H.* (1913), pág. 125.

(10) — Sanchez — *Q.n.s.* — *R. H.* (1913), pág. 125.

te, nota-se que o autor tinha um conhecimento bem aprofundado das obras da Antiguidade, sobretudo da de Sexto Empírico. Além desta obra clássica, como pensam vários autores, teria exercido forte influência sobre as inteligências do século XVI e mesmo do século XVII, o livro de Cornélio Agripa, que punha a nú a ignorância dos homens e o mau método de ensino dos escolásticos. O livro de Agripa — “**De Incertitudine et Vanitate Scientiarum. Declamatio invectiva**” não somente teria exercido influência sobre Sanchez mas também sobre a obra de Michel de Montaigne (11).

Como diz Strowski, essa obra era muito espalhada na região do sul da França, na época de Montaigne e de Sanchez. Sanchez a teria lido. E tão fortemente impressionara, essa obra, os homens cultos do século XVI, que chegou a ter várias edições e até uma tradução. Aliás, este tema da **vaidade** e da **incerteza** do saber dos homens é como que o “leit motiv” da época em que viveu Sanchez. O livro de Cornélio Agripa, que é talvez um símbolo do estado de espírito da época, revelava bem a situação em que se encontrava o século XVI, isto é, a sua posição entre uma ciência do passado e uma ciência a construir. E’ que a marcha da ciência num sentido novo, comporta sempre essas fases de dúvida e de destruição.

Não menos conhecido era, na época, o livro de Pico de la Mirandola, o **Examen Vanitatis Doctrinae Gentium et Veritatis Christianae Disciplinae**. Diante de toda filosofia que não seja um desenvolvimento direto da revelação, Pico de la Mirandola é cético ou pirrônico, Divide êle os filósofos em três categorias: os que afirmam, os dogmáticos; os que negam, os acadêmicos; e os pirrônicos, que duvidam. Pico de la Mirandola não afirma, não nega, pois negar é uma maneira de afirmar. Duvida. A todas as soluções dos filósofos, con-

(11) — Cf. F. Strowski — *ob. cit.*, pág. 130. Em nota à pág. 130: “*Henrici Cornelli Agrippae ab Nettesheym — De Incertitudine et Vanitate Scientiarum. Declamatio invectiva*. A biblioteca municipal de Bordeus possui deste livro três edições do século XVI: uma de 1564, outra de 1587; uma de 1531, que é a mais procurada. Esta obra, no tempo de Montaigne, era muito espalhada na Guiana”.

trapõe Pico de la Mirandola as contradições que os mesmos apresentam, e, a tudo isso, a constância e a unanimidade da doutrina da revelação (12). “Os céticos — escreve êle — nasceram para refrear o orgulho temerário dos outros filósofos” (13), pois, tudo varia, de homem para homem e num mesmo homem, de hora em hora: “*Sensus est suapte natura varius... varius in diversis hominis et quandoque in eodem*” (14).

Naturalmente, êstes autores deveriam ter sugerido e lembrado a Sanchez, a importância dos trabalhos de Sexto Empírico e principalmente o seu **Hipotiposes pirronianas**. Êste livro deveria, com certeza, ser constantemente manuseado por Sanchez que, como Sexto Empírico, também era médico.

Sexto Empírico lembraria a Sanchez a vaidade dos títulos e das profissões... Uma outra semelhança que deveria tornar Sexto Empírico simpático a Sanchez (que aliás o seguiu nesse passo) é o haver Sexto Empírico preconizado sempre a necessidade de um método (15). Esta mesma preocupação se traduz nas páginas do **Quod nihil scitur**. A própria tendência de desvalorização do saber, que vai dominar o “ceticismo” do século XVI, nasce, ao que parece, nas obras do médico e cético grego (16).

E' mister não esquecer ainda um aspecto interessante da história da medicina que está ligado às idéias filosóficas. Como se sabe, o termo empírico, que foi acrescentado ao nome do médico e filósofo Sexto, que viveu, provavelmente, por volta do III século da nossa era, lhe vem do nome da escola médica a que se filiara. E, isto, em parte vai nos servir para esclarecer as influências sobre Sanchez. Êste empirismo médico, doutrina criada por Filino de Cos e Serapião de Alexandria, foi uma nova doutrina médica nascida na Escola de Alexandria. Para

(12) — Cf. F. Strowski — *ob. cit.*, pág. 125 a 127.

(13) — Cf. F. Strowski — *ob. cit.*, pág. 128.

(14) — *Apud* F. Strowski — *ob. cit.*, pág. 128.

(15) — Cf. Victor Brochard — *Les Sceptiques Grecs* — 2a. ed., pág. 316 e 317.

(16) — Cf. Victor Brochard — *ob. cit.*, pág. 318.

o médico empírico só um juízo é possível: aquele que nos é dado pelos sentidos. “Os princípios da filosofia pirrônica — escreve Andral, citado por J. Bouillet — foram os que inspiraram o fundador da escola empírica. Observar sem raciocinar, ocupar-se apenas com os fenômenos, negligenciar nas ciências, a pesquisa da essência das cousas e, em medicina, o estudo da causa próxima ou da natureza íntima das moléstias, tais eram os preceitos que Filino de Cós ensinava aos seus discípulos. Se o raciocínio, dizia êle, só pode levar à incerteza, para que raciocinar tanto? Se as teorias são enganosas, para que formular teorias? Os raciocínios e as teorias são simples jogos de espírito, meros passa-tempo, sem nenhuma importância. A experiência que, para o empírico é o que tem importância, apresenta três formas distintas: é, às vêzes, fruto do acaso; em outras condições é ela produto de um ensaio ou, enfim, o resultado de uma imitação da natureza. A observação, a história e a comparação formam a trilogia essencial dos doutrinários que nos ocupam” (17). Ora, o mesmo tom, quasi as mesmas idéias, iremos encontrar em Francisco Sanchez, assim como o mesmo desprezo pela lógica ou dialética. Foram as suas idéias médicas, êle mesmo o diz, que o conduziram à filosofia. Mas, como médico, como leitor assíduo dos autores antigos, Sanchez não desconhecia, por certo, a outra doutrina, que completa o empirismo, — o metodismo.

Esta doutrina médica, representada principalmente na Antiguidade por Temissão de Laodicéia, por Soranus de Êfeso e por Tessálio de Trales tendia, por sua vez, a organizar os conhecimentos médicos de uma maneira metódica, a generalizá-los, para que daí pudesse surgir alguma cousa de eficiente, na aplicação médico-científica (18).

Êste anseio de sistematização, dos partidários do metodismo, conheceu-o também Francisco Sanchez e talvez tenha êle querido aplicar as mesmas idéias que encontrára na medicina antiga, à filosofia do seu tempo. Naturalmente, o que aqui apresentamos é simples-

(17) — J. Bouillet — *ob. cit.*, págs. 107/108.

(18) — J. Bouillet — *ob. cit.*, pág. 110.

mente uma conjectura, pois não possuímos as obras médicas de Sanchez nem as dos autores empíricos e meto-
distas antigos para que as possamos comparar, afim de
provar o que aquí conjecturamos.

Sabe-se, porém, que a influência das obras de Sexto
Empírico no século XVI foi, ao que parece, bastante pro-
funda. Gentian Hervet e Robert Estienne foram os
seus divulgadores (19). A tradução dos livros de Sexto
Empírico por êstes dois autores, foi, no século XVI,
a grande Bíblia do ceticismo. Esta tradução, que
segundo Strowski formava um grosso volume in-4.º,
editado em Paris em 1569 (20), e onde se reuniam o
Adversus Mathematicos, e as **Hypotiposes**, juntas ainda
à **Vida de Pirro**, de Diógenes Laércio e o **Contra Aca-
demicos et Pyrrhonios**, de Galeno, serviu para que, na
época, “se encontrassem argumentos fortes contra o
espírito humano e para a constituição de uma doutrina
sistemática do ceticismo” (21). Todavia, êste ceticismo
do século XVI constitue, sobretudo, uma arma de com-
bate, um instrumento de destruição do dogmatismo
dos autores antigos, principalmente de Aristóteles e dos
autores medievais. Todo o esforço dos “céticos” do
século XVI visa destruir uma forma dogmática e vã da
ciência e preparar o terreno para que nele se possa
construir uma ciência sólida. Sanchez, no seu livro, vai
fazer também do seu ceticismo, uma máquina de guer-
ra contra o dogmatismo dos autores antigos. “A fór-
mula inicial — **Nada se sabe** — em uma época em que
tôdas as noções eram absolutas, a crença, a autoridade
temporal, a natureza e a vida, era a proposição altiva
e destemida da **relatividade** dos conhecimentos huma-
nos. Nesta via positiva, Sanchez vai buscar a forma do
conhecimento às ciências, e trata de estabelecer a no-
ção de ciência como um conhecimento superior (**Interna
visio**), que resulta do perfeito ou completo conheci-
mento” — escreve T. Braga (22).

(19) — Gentian Hervet, discipulo de Erasmo (1499-1584).

(20) — F. Strowski — *ob. cit.*, pág. 133.

(21) — F. Strowski — *ob. cit.*, pág. 133.

(22) — T. Braga — *Questões de literatura e arte portuguesa*,
págs. 278/279.

Patenteada a vaidade das ciências e a precariedade do espírito humano, o que os pensadores do século XVI, os chamados “céticos” vão fazer, é procurar, dentro da relatividade das cousas, um método que possa dar conta, de uma maneira relativamente provável, tendo em consideração a fragilidade humana, do poderio do homem sôbre a natureza. Para isso, guardam, todavia, suficiente confiança na razão. Há, sem dúvida, para todos êles, uma arte de bem pensar, uma regra para a direção do espírito. E’ o problema do método. E, todo o **Quod nihil scitur**, como havemos de verificar mais adiante, não visa outra cousa. “O ceticismo e o criticismo — escreve Menendez y Pelayo —, vistos serenamente e à distância, não devem ser estimados, segundo geralmente são julgados, como filosofias puramente negativas e dissolventes, mas como momentos obrigatórios da evolução filosófica, como pontos de parada em que o espírito se detem para fazer exame de consciência e prosseguir com mais alento para a frente. Tomam, em geral, uma forma violenta, como de desafio ao sentido comum, à autoridade e à tradição; costumam nascer de um excesso de dogmatismo imposto por largos séculos e que, de um modo ou de outro, suscitam rebeliões e protestos, nos quais, a trôco de negar o valor da ciência oficial, se chega até a negação de toda a ciência” (23).

Francisco Sanchez, ao terminar o **Quod nihil scitur**, anunciava um outro livro, em que haveria de edificar a ciência sôbre fundamentos mais sólidas e não sôbre “quimeras e fições” (24). Tôdas as ciências, são vãs, precisamente porque não apresentam fundamentos sólidos sôbre os quais possam se apoiar. Razão e experiência, tais são as novas bases de um método do saber verdadeiro, que há de nascer. A experiência que em tudo, como escrevia Duarte Pacheco Pereira, “he madre das cousas e de toda duvida nos tira” deverá reconstruir êsse saber. O grande Montaigne, escrevia nos seus Ensaio: “Il n’est desir naturel que le desir de connoissance. Nous essayons tous les moyens qui nous y peuvent mener. Quand la raison nous faut, nous y employons l’expérience. Per varios

(23) — Menendez y Pelayo — *ob. cit.*, págs. 222/223.

(24) — Cf. Menendez y Pelayo — *ob. cit.*, pág. 224

usus artem experientia fecit: Exemplo monstrante viam, qui est un moyen plus foible et moins digne; mais la verité est chose si grande, que nous ne devons desdaigner aucune entremise qui nous y conduise” (25).

Montaigne pertence mais ao passado e o convívio com os antigos autores o levava a descrever da experiência. Montaigne não conhecia as novas direções da ciência natural que Sanchez aprendera na Itália. Montaigne é um literato. Sanchez um cientista. “Quero-me com aqueles que, não se tendo obrigado a jurar nas palavras de um mestre, examinam com recursos próprios as questões, levados pelos sentidos e pela razão”, escrevia Sanchez (26). Para o discípulo da escola de Vesálio, de Realdo Colombo, de Falópio, que já possuía, da experiência, uma noção bem mais larga e completa e via que ela se opunha a tudo o que o saber antigo, falsamente baseado na razão ensinara, a experiência tem outro significado. Mas, ainda incerto do futuro, sem os instrumentos que o século XVII vai criar, assim termina Sanchez, de maneira desoladora, o seu trabalho: “De que a ciência deve ser um conhecimento perfeito, não há dúvida alguma; mas sobre qual seja esse conhecimento perfeito, onde esteja e em quem, sobre isso é que a dúvida não pode ser maior. Assim como outras cousas, também isso se ignora. Talvez esse conhecimento não esteja em parte alguma, e é isso o mais racional” (27). Todavia, mais adiante, retomando confiança na razão e na experiência, arremata: “Ao menos expuz o que sentia o mais clara, fiel e verdadeiramente que pude. Não quis, com efeito, cometer aquilo que condeno nos outros, isto é, provar a tese com razões trazidas de longe, mais obscuras e duvidosas talvez do que ela, pois **tenciono fundar uma ciência firme e mais fácil que eu puder e não cheia de quimeras e ficções alheias à verdade...**” (28).

Francisco Sanchez, com a penetrante crítica que faz à ciência tradicional, percebe a necessidade de

(25) — Michel de Montaigne — *Les Essais* — ed. de P. Villey, T. III, chap. xiii, págs. 562/563.

(26) — *Q. n. s.* — *R. H.* (1913), p. 125.

(27) — *Q. n. s.* — *R. H.* (1916), p. 69.

uma transformação da ciência, mas percebe isso de uma maneira ainda bastante confusa e é impotente para realizar essa transformação. Tem vivo sentimento das imperfeições da natureza e do saber humano, mas é ainda, — nem o permitia o seu momento histórico —, incapaz de realizar o ideal que vislumbrara (29).

* * *

Além das influências dos autores antigos, sobretudo a de Sexto Empírico, sofreu certamente Sanchez outras, mais modernas, sobretudo as de Luís Vives, Nicolau de Cusa e as de Raimundo de Sebonde. Na opinião de Gerkrath, por exemplo, Nicolau de Cusa teria sido o autor em que Sanchez teria encontrado a conciliação entre a dúvida e a fé cristã. Segundo outros, para tal fim teria êle se servido de Raimundo de Sebonde (30).

O problema histórico das influências recebidas por um determinado autor, é sempre um problema muito complexo. Numa época são inúmeras as correntes que se fazem sentir e a Renascença, mais do que outra, traduz um número muito grande e variado de tendências. Reagindo contra uma concepção estreita da vida, tal como era a da Idade Média, naturalmente êste período de transição apresenta uma série de matizes que não são facilmente caracterizáveis. Sente-se, em tudo, que uma ruptura se vai processando e que lentamente se esboça um estilo novo de vida e de inteligência. “A Renascença — escreve Harald Höffding, — funda uma concepção nova da vida, livre e humana, da natureza e da vida que ela própria conseguiria apenas exprimir nos seus traços mais notáveis mas cujo desenvolvimento detalhado revelou que ela continha problemas suficientes para o pensamento e para a investigação de vários séculos. Entretanto, esta concepção não sofreu mudança essencial nos seus principais traços. Quando nos procuramos orientar nos grandes problemas teóricos e práticos, seguindo o fio da História, é mister que re-

(28) — *Q. n. s.* — *R. H.* (1916), pág. 69.

(29) — Cf. Harald Höffding — *Histoire de la Philosophie Moderne.* — Vol. I, pág. 195.

(30) — Cf. Senchet — *ob. cit.*, pág. 2 (notas 1 e 2).

montemos à essa época, que possui bastante vigor e força para se alargar e para abraçar, na sua riqueza, o que a investigação especializada só pode apañhar sob um aspecto” (31). Sanchez é precisamente um dos pensadores característicos de um desses períodos de transição com é a Renascença. A sua crítica, o seu livro, traduzem ainda certa hesitação, que se exprime no seu “ceticismo”, ou melhor dito, no seu relativismo. Não é possível dizer, de uma maneira precisa, qual a influência mais forte que sôbre êle atuou. No “clima” de sua época, como ainda veremos, existe uma orientação mais ou menos marcada e êle, como os demais humanistas do seu tempo, decidir-se-ia pelo novo estilo mas nunca submisso à influência exclusiva de um mestre. “Não jurar nas palavras do mestre” — é a frase que melhor traduz as tendências dos sábios do século XVI. Não é fácil, — e talvez seja mesmo um tanto artificial — procurar nestes humanistas do século XVI, a influência de mestres.

Como teremos ocasião de vêr, Francisco Sanchez é muito parco de citações no seu livro. Todavia, aí aparece, uma ou duas vêzes, o nome de Luís Vives. Raimundo de Sebonde, — que não é citado no *Quod nihil scitur* — parece ter sido também um dos autores mais manuseados no tempo em que viveu Sanchez. Esse filósofo, médico e teólogo catalão, professara, no século XV, na Universidade de Tolosa, medicina, filosofia e teologia, obtendo no século seguinte, o mais vivo sucesso, talvez por corresponderem as idéias do século às que havia exposto na sua *Theologia naturalis*. “O pirronismo no século XVI, — escreve Pierre Villey — se faz muitas vêzes aliado da ortodoxia católica, que êle defende contra o racionalismo dos livre-pensadores e dos heréticos. E’ assim que Montaigne o entende e a sua intenção não será censurada em Roma quando, em 1581, os *Ensaïos*, que foram encontrados em sua bagagem, serão examinados pela autoridade religiosa” (32). Sanchez, con-

(31) — H. Höffding — *ob. cit.*, pág. 7/8.

(32) — Pierre Villey — *Les Essais, de Michel de Montaigne*, nova ed. baseada no exemplar de Bordeus, Paris, 1930, t. II, pág. 209. Cf. Menendez y Pelayo — *La Ciencia Española* — t. 2, p. 382 e seg.

temporâneo de Montaigne, talvez até seu amigo, em vista das suas relações de família, pertencendo à mesma classe, evitaria também, certamente, o desagrado da autoridade religiosa. Aliás, Raimundo de Sebonde, esforçava-se em fundamentar a fé na razão, como os escolásticos após São Tomás. Sanchez, não tratando propriamente da questão teológica, não perde a oportunidade para mostrar-se, no decorrer do seu **Quod nihil scitur**, um fervoroso ortodoxo.

Emilien Senchet, no trabalho, já aqui muitas vezes citado — e que é, certamente, um dos melhores estudos sobre Sanchez — crê que três tendências antigas o seduziram: o racionalismo positivo de Aristóteles, o ceticismo experimentalista de Sexto Empírico e o meto-
dismo da Galeno (33). Já acentuamos, rapidamente, estas influências que, de certa maneira, faziam parte da bagagem médica de Sanchez. Já nos referimos também à viagem de estudos que Sanchez empreendeu pela Itália. Durante os seus anos de estadia e de estudo, nesse país, deveria ter Sanchez travado conhecimento com o notável movimento que se processou aí no domínio referente à filosofia natural. “O temperamento dos italianos, aberto à realidade sensível e para essa particularmente voltado nessa época, pela singular vivacidade do desenvolvimento estético, é relativamente menos disposto que o dos povos dos países nórdicos à especulação filosófica; a vivacidade de sua fantasia, uma das maiores qualidades do seu caráter nacional, devia ser um dos obstáculos às exigências de uma rigorosa ciência conceitual. Assim se explica a singular fantasia dos sistemas filosóficos italianos. Amadureceram na viva aspiração de uma nova concepção do universo; e, como a arte italiana foi uma genial reprodução da natureza, assim o seu instinto metafísico aprofundou-se, abismou-se na misteriosa atividade do universo” (34).

Os primeiros sistemas da natureza dos sábios italianos, têm algo de fantasioso e assemelham-se muito,

(33) — S. Senchet — *ob. cit.*, pág. 3.

(34) — W. Windelband — *Storia della Filosofia Moderna* — pág. 66.

como nota Wilhelm Windelband, às primitivas concepções dos gregos, mas, apesar disto, conseguiram êles uma visão exata da natureza. A natureza é o tema que absorve os sábios italianos do tempo de Francisco Sanchez. Esta influência foi, ao que parece, decisiva na formação do jovem que se preparava para o estudo da medicina e ela traduz o racionalismo positivo de Aristóteles, tão em voga, na época, nas escolas naturalistas italianas (35).

Mas foi Luís Vives, o autor que parece haver exercido maior influência sobre Francisco Sanchez.

Menendez y Pelayo, nos seus interessantes estudos sobre a filosofia espanhola, escrevia que a influência de Vives foi a causa imediata da posição de independência intelectual do século XVI. Esta atitude de inteira independência e de liberdade em relação aos clássicos, e que também exprime grande respeito pela experiência, são devidas ao desenvolvimento que vai ter, com o filósofo valenciano Luis Vives, o espírito crítico.

Formado nas humanidades e no respeito pelos clássicos pagãos, as primeiras obras de Vives são literárias. Vives conhecia a fundo a antiguidade clássica, estudara detidamente os seus modelos, mas não chegou nunca a identificar o seu espírito com a concepção clássica da vida. Católico fervoroso, por ocasião da cisão entre Henrique VIII e o Papado, deixa a Inglaterra, onde usufruía de uma posição das mais prósperas. Independente e original, cedo percebe a mistificação dos doutores onicientes da Escolástica, voltando contra êles a sua erudição e a sua fina análise crítica. Publicando por volta de 1519 o seu trabalho — *In Pseudodialecticos* — nele golpeia, com mão de mestre, a rançosa e presunçosa sabença dos doutores da Sorbona.

Para Vives é a experiência a base de todo o conhecimento. Nós não conhecemos as essências das cousas. “*Rerum essentiae per se sunt nobis ignotae*” (36). A mesma posição é a de Sanchez diante do problema das

(35) — Cf. E. Renan — *Averroés et l'Avérroïsme* — pág. 322 e seg., G. Gentile, *Bernardino Telesio*, pág. 37 e seg.

(36) — Apud A. Bonilla y San Martin, *Luis Vives y la Filosofía del Renacimiento*, vol. II, pág. 81.

essências. A obra que talvez tivesse muito influido sobre Francisco Sanchez teria sido o “Da causa da corrupção das artes” (*De causis corruptarum artium*), em que o filósofo valenciano assinala o abuso da disputa, a soberba dos doutores, o acatamento à autoridade e o desprezo em que era tida a experiência que, como vimos, para êle é a fonte mesma do conhecimento. No seu “*In Pseudodialecticos*” talvez tenha ainda bebido Francisco Sanchez inspiração para a crítica com que fere a velha silogística escolástica. Diz Vives, no seu opúsculo *In Pseudodialecticos* “que sendo a Dialética, como o próprio Aristóteles ensina, um meio de investigação que abre caminho para chegar aos princípios de tôdas as ciências, é contraproducente acumular nela conceitos obscuros e alambicados, que ninguém pode entender senão aqueles que os fabricaram” (37). E o próprio Vives, assim se expressa acêrca dos silogismos: “Quasi tudo que tratam nos seus silogismos, oposições, conjunções, disjunções, explicação de proposições, etc., não passa de cousa de adivinhação, muito semelhante àquela que as crianças e as mulheres propõem à modo de adivinha” (38).

Como mais tarde Sanchez, Vives também julga que a dialética é apenas vazio palavrório que sômente serve para enganar.

A posição de Vives em relação ao problema do conhecimento é a seguinte: nós não podemos conhecer cousa alguma fora do mundo da nossa experiência sensível. “Pelas portas dos sentidos — *januis sensuum* — chegamos à inteligência da realidade, pois não temos outro meio para isso, enquanto permanecermos encerrados neste cárcere que é o corpo. Da mesma maneira que aqueles que se encontram dentro de uma casa que só possui um postigo, quando querem saber o que se passa no exterior, só podem contemplar a parte que permite a abertura, assim nós, nada mais vemos neste mundo do que aquilo que os nossos sentidos nos mostram. Se mais além vai o nosso entendimento, é sempre apoiado no dado sensorial. Com efeito,

(37) — A. Bonilla y San Martin, *ob. cit.*, pág. 94.

(38) — A. Bonilla y San Martin, *ob. cit.*, *ibidem*.

quando dizemos que uma cousa é desta ou daquela maneira, que tem tais ou tais propriedades, julgamos segundo o que sentenciamos o nosso espírito, mas não segundo as próprias cousas, — *non ex rebus ipsis* —, porque não é para nós a realidade, a medida de si mesma, mas o nosso entendimento; quando dizemos que as cousas são boas ou más, úteis ou inúteis, não as julgamos segundo são em si, mas segundo são para nós, seguindo nisto o testemunho dos sentidos” (39).

Este fenomenismo de Vives, também vamos encontrá-lo na filosofia do *Quod nihil scitur*. Sanchez, como teremos ocasião de ver, dirá que o conhecimento pelos sentidos é o mais certo dos conhecimentos, não obstante a experiência nada poder concluir sem o juízo. O mesmo afirma Luís Vives.

O ponto de partida dos dois filósofos é o mesmo: ambos partem da observação da natureza e têm em elevada conta os sentidos. Um porém, não esconde, como diz Senchet (40) sob a aparência de ceticismo, as suas intenções positivas; não exagera as fraquezas do nosso espírito. O outro, julga-as impossibilitadoras de um conhecimento perfeito, se bem que prometa criar uma ciência simples e tão firme quanto o permita a “fragilidade humana”.

Este pensamento sensualista não é porém transmitido a Sanchez apenas por Luís Vives. Para acabar de colocar Sanchez no seu momento e para conhecer quais as outras influências que se fizeram provavelmente sentir sobre as suas idéias, mister é “que abordemos o estudo dos filósofos espanhois e portuguezes do século XVI que, pelo seu racionalismo positivo, exerceram sobre êle uma influência mais profunda ainda” (41).

Gomez Pereira e Fox Morcillo são os filósofos “espanhois e portuguezes” a que se refere Senchet. Ambos são espanhois e o que talvez tenha levado Senchet a considerar o primeiro como portuguez, foi o seu sobrenome Pereira, muito corrente nos países da nossa

(39) — Vives — “*De Instrumento Probabilitatis*”, *apud* A. Bonilla y San Martin, *ob. cit.*, vol. II, págs. 20/21.

(40) — E. Senchet — *ob. cit.*, pág. 18.

(41) — E. Senchet — *ob. cit.*, pág. 9.

língua. Gomez Pereira, espanhol como Sanchez, foi filósofo e médico, um dos precursores da idéia das localizações cerebrais, ao mesmo tempo que fisiologista de valor. Menendez y Pelayo consagra-lhe um interessantíssimo estudo (42) e é dêsse estudo que nos servimos para ilustrar os aspectos da sua influência e a de Fox Morcillo sôbre Francisco Sanchez.

“Homem arrojado, impaciente contra todo jugo, rebelde a tôda autoridade não fundamentada na razão, amigo de ir contra a corrente e de deitar paradoxos estranhos” (43), Gomez Pereira, nos extractos da sua famosa *Antoniana Margarita*, (44), que nos dá Menendez y Pelayo, apresenta idéias que muito se assemelham às de Sanchez. Para Gomez Pereira, como para Sanchez, a experiência é, nas cousas físicas, a única autoridade (45). Não há autoridade, nem mestres que supram a experiência própria e a própria razão.

Sanchez não seguiria naturalmente todos os curiosos paradoxos dêsse médico e filósofo que foi Gomez Pereira, que entreviu uma série de problemas da fisiologia e da biologia moderna (46). Algumas vêzes até se opôs à “fantasia” de Pereira.

Como Vives e Sanchez, Gomez Pereira também dá grande importância aos sentidos. Por exemplo, a alma, para Pereira, toma consciência das sensações, mas a razão nos informa que tôda sensação supõe a existência

(42) — Cf. Menendez y Pelayo — *La Ciencia Española* — vol. II, de pág. 249 a 382.

(43) — Menendez y Pelayo — *ob. cit.*, pág. 259.

(44) — “*Antoniana Margarita*” é o nome da grande obra médico-filosófica de Gomez Pereira. Este título é uma homenagem filial de Pereira, pois seu pai chamava-se Antônio e sua mãe Margarida. Apareceu essa obra em Medina del Campo, terra natal do filósofo, em 1554 e 1558, em 2 volumes, que M. y Pelayo diz serem hoje rarísimos. O título exáto do livro é o seguinte: “*Antoniana Margarita, opus nempe Physicis. Medicis et Theologicis non minus utile quam necessarium. Per Gomentium Pereiram, medicum Metimne Duelli, quae Hispanorum lingua Medina del Campo appellatur, nunc primum in lucem editum. Anno MDLIV, decima quarta die Mensis Augusti*” Cf. M. y Pelayo, *ob. cit.*, págs. 249 e segts.

(46) — Menendez y Pelayo, *ob. cit.*, pág. 262.

de uma forma material semelhante ao objeto que percebemos (47). Esta sua doutrina, verdadeiramente aristotélica, encontra-la-emos combatida e apresentada sob uma outra forma, acêrca da imagem, no **Quod nihil scitur**. O pensamento de Sanchez, foi vivamente impregnado pelas idéias de Pereira, embora Sanchez negasse a noção de forma material, achando que tôdas essas formas eram meras ficções.

Não. nos é possível, infelizmente, dar minuciosamente as curiosas idéias de Gomez Pereira sôbre vários aspectos da psicologia. E' suficiente, cremos, acentuar que o seu entusiasmo pela experiência e pelas ciências naturais, ligá-lo-iam a Sanchez.

Continuador das idéias de Gomez Pereira é Sebastião Fox Morcillo, marcado também pelo nobre sentimento de independência que caracteriza os pensadores do século XVI. Há, neste século, uma certa conformidade no que diz respeito à independência filosófica entre os pensadores espanhois não escolásticos. A causa disto, como observa Menendez y Pelayo, foi a influência exercida sôbre todos por Luís Vives. "Cada autor, escreve Menendez y Pelayo, segundo as preferências particulares de seu espírito, escolhe diverso critério de verdade, inclinando-se uns para a experiência, outros para a razão, como faculdade de idéias puras; alguns para o senso comum e outros para a evidência matemática. Mas todos convêm em ser cidadãos livres da república das letras" (48).

Sebastião Fox Morcillo parecer ter sido, nesta época, um dos primeiros, em Espanha, a aplicar à filosofia, o método geométrico. No seu **De naturae philosophia seu de Platonis et Aristotelis consensione**, e ainda no seu **De Demonstratione ejusque necessitate ac vi**, diz êle que há de se guiar exclusivamente, nos seus trabalhos, pela sua própria observação, grande parte dela baseada no estudo da matemática (49).

(47) — "*Antoniana Margarita*", apud E. Senchet, *ob. cit.*, pág. 123.

(48) — M. Menendez y Pelayo — *La Ciencia Española*, vol. II, pág. 274.

(49) — Cf. M. Menendez y Pelayo — *ob. cit.*, pág. 271/272 e G. Laverde y Ruiz — "*Fox Morcillo*", in *Ciencia Es-*

Para Fox Morcillo o juízo é inútil se os sentidos são capazes de engendrar o conhecimento perfeito. A seu ver, os juízos percebem mas são apenas capazes de simples percepção, sem poderem todavia constituir uma síntese e são incapazes de discernir as variedades dos objetos. E' o juízo que percebe, entre as diferenças individuais, as semelhanças essenciais, os elementos estáveis e firmes, aos quais chamamos formas do espírito (50). Partindo daí, Fox Morcillo afirma que a "ciência não pode ser simplesmente obra dos sentidos nem exclusivamente do espírito: ela resulta do concurso destes dois fatores" (51). Teremos ocasião de verificar que a tese de Francisco Sanchez muito se aproxima dessas idéias.

A tendência crítica, mais crítica do que cética, que aparece em Sanchez, nós a encontramos ainda em outro filósofo e médico espanhol, Francisco Vallès, que julgava necessário, para não errar, "duvidar de tudo, mesmo do mais provável, — *necesse est ut in rationum investigatione . . . etiam de his quae sibi videntur probabilissima, nisi se ipsos velint fallere (homines) dubitent*" (52).

A ciência natural, simplesmente classificadora, não parecia suficiente para satisfazer o espírito destes homens. Todos tinham marcada tendência para o relativismo. E' a filosofia crítica que começa a ensaiar os seus passos.

Lamentamos não possuir os textos destes filósofos espanhóis, que tão altamente contribuíram para o ad-

pañola, de M. Menendez y Pelayo, *ob. cit.*, vol. I., págs. 355/407.

(50) — Cit. do "*De Demonstratione ejusque necessitate ac vi*", de S. Fox Morcillo, *apud* E. Senchet, *ob. cit.*, pág. 11.

(51) — *idem*, *apud* Senchet, *ob. cit.*, pag. 12.

(52) — Cit. da obra de Francisco Vallès — "*Philosophia sacra de iis quae scripta sunt Physice in libris sacris*, Cap. LXIV (ed. 1587), *apud* M. Menendez y Pelayo, *ob. cit.*, vol II, p. 272. De tendência experimentalista é também o filósofo Pedro de Valência que, como diz Senchet (*ob. cit.*, pág. 19, nota 2) "aconselhava o sábio a somente se entregar às suas pesquisas, após haver observado o mais possível os artificios da natureza e os tomar como regra das experiências"

vento da filosofia moderna com o seu agudíssimo espírito crítico. Lamentamos ainda não poder alargar neste trabalho, o lugar que aquí deveria ocupar a opulenta cultura ibérica do século XVI, tão marcada de vivíssimas contradições. Como muito bem nota o pensador argentino José Ingenieros, a península ibérica é uma das regiões mais interessantes para a história da filosofia. E' preciso não esquecer, — escreve ainda Ingenieros —, que “os filósofos muçulmanos da Espanha, em maior projeção que os do Oriente, introduziram na Europa o aristotelismo, preparando a renovação da escolástica cristã. O enorme passo que encontramos entre Santo Agostinho e São Tomás foi, em grande parte, resultado do seu trabalho, combinado com o dos judeus. Sua civilização teve outros méritos que a colocam mais alta que a da Europa cristã do seu tempo. Dois grandes ramos das ciências naturais, as matemático-astronômicas e as médicas, foram cultivadas por eles com grande afã e fecundos resultados; êsse movimento científico é mais representativo se tivermos em conta a confusão reinante no mundo cristão” (53).

Temos infelizmente descuidado, talvez mais do que devíamos, o estudo da história dessas duas culturas que estão na base da nossa formação e que, pela afinidade de língua e de evolução histórica, acompanham os destinos da América Latina.

* * *

Senchet, no seu excelente trabalho sôbre o método de Francisco Sanchez, encontra ainda estreitas relações entre o pensamento dêste e o de Nicolau de Cusa.

Esta relação deriva do fato de serem ambos anunciadores de um espírito novo, oposto aos velhos moldes de pensamento escolástico medieval. Nicolau de Cusa, “marcha com a ciência no novo voo que ela empreende. Muito pouco artista, êle está ligado às belas letras pela erudição. Mas já é um cientista: geômetra e astrônomo, tomando êsses dois ramos do compasso que nesse momento se abrem sôbre o mundo para lhe tomarem

(53) — José Ingenieros — *La cultura filosofica en España*, pág. 11.

a medida e a nova compreensão” (54). Sanchez também, pressentindo um novo método, necessário ao conhecimento do mundo, estaria nesta mesma via em que Nicolau de Cusa foi, ainda no século XV, em dos primeiros a caminhar. O mesmo interesse pelo aspecto concreto e individual das cousas do mundo, relaciona o pensamento destes dois pensadores. Nicolau de Cusa indica, mais de uma vez no seu famoso livro, a aliança constante da experiência e da matemática, os dois processos que iriam ter a sua plena expansão no século XVII com o advento da ciência cartesiana. Com Sanchez ainda tem êle alguns pontos comuns: o ataque contra a silogística aristotélica, estreita demais para expressar uma nova concepção da ciência. A essa lógica quer Nicolau de Cusa, do mesmo modo que Francisco Sanchez, opor um novo método. A preocupação constante da Renascença e do século XVII, a procura e o estabelecimento de um novo método, inquieta a ambos.

Não será na lógica clássica que se há de encontrar esse novo caminho para a ciência. Ambos procurarão as bases do novo método, num pensamento vivo e criador, que ultrapassa, de muito, a lógica clássica do Estagirita (55).

Para Nicolau de Cusa, como para Sanchez, toda ciência se refere ao individual. Nicolau de Cusa, mais chegado à filosofia escolástica, é ainda um nominalista, embora nominalista num sentido bem diferente da gnoseologia medieval, já ultrapassada. A ciência, o conhecimento, não visa definir uma natureza, um ser que, como diz Abel Rey no seu interessante estudo sobre a filosofia de Nicolau de Cusa (56), supõe um processo fechado ou suscetível de fechamento, mas sim conduzir-nos a leis, e destas a relações cada vez mais perfeitas. Nicolau de Cusa e Sanchez distinguem entre um conhecimento perfeito, que nos é impossível e um conhecimento imperfeito, o único que podemos afirmar.

(54) — Nicolaus de Cusa — *De la docte Ignorance* — trad. Moulinier, introdução de Abel Rey, pág. 4.

(55) — Cf. a importância da influência da tradição filosófica franciscana, na obra de Nicolau de Cusa. in Moulinier-Rey — *Nicolaus de Cusa. — De la Docte Ignorance.* Cf. E. Renan — *ob. cit.*, pág. 323 e seg.

(56) — Abel Rey — *Intr. da ob. cit.*, pág. 19.

E por isso, a “douta ignorância” de ambos, é mais uma posição da qual podemos partir para, tendo em conta a fragilidade humana, construir uma ciência que seja eficaz, e não limitada a um dogmatismo sem consequências uteis para a vida do homem. Todo conhecimento se resume para Nicolau de Cusa, como para Sanchez, à pesquisa e ao estabelecimento de relações e deve partir sempre de termos sensíveis (57).

Já falamos, no Capítulo I, sobre as origens de Francisco Sanchez. Era êle, como dissemos, oriundo de uma família espanhola de judeus conversos, de marranos. Parece ser o ceticismo um dos traços do pensamento israelita (58). As origens espanholas de Sanchez, a influência que exerciam na região do sul da França os espanhóis e as citações que o mesmo faz, em várias passagens do seu livro, de autores espanhóis e portugueses, de Gomez Pereira e do judeu português Amato Lusitano, fazem supor que, apesar da sua reta ortodoxia de cristão novo, Sanchez não se teria transformado, com tanta facilidade, num fervoroso prosélito da religião católica, abraçada por seu pai, o médico Antonio Sanchez. O afastamento de Francisco Sanchez de Montpellier, a sua mudança para Tolosa, evitando as guerras de religião, que dividiam então a cidade onde cursara medicina, tem por certo um significado. Queria êle fugir talvez, às situações difíceis que se apresentam nessas ocasiões. Muitas são ainda no seu livro as citações do Eclesiastes. E' certo que também os cristãos velhos usavam constantemente citações do Eclesiastes. Mas, como mostra Pedersen, o representante característico do ceticismo israelita é precisamente o Eclesiastes, a bíblia do ceticismo hebraico. **Quod nihil scitur** — que nada se sabe, é uma atitude que expressa o sentimento de impotência do

(57) — Sobre este interessante assunto, cf. ainda a tradução que já citamos de Moulinier, com introdução de Abel Rey e mais a excelente edição de Paolo Rotta — “*Nicolai Cusani — De Docta Ignorantia, libri tres*”, com notas de P. Rotta. Bari. Laterza, ed. 1913. Cf. Maurice de Wulf — *Histoire de la Philosophie Médiévale*, vol. II, 5.a ed. Friedrich Ueberweg — *Grundriss der Geschichte der Philosophie* (M. F. Koehler e W. Moog) vol. III, 12a. ed., pág. 71 e segs.

(58) — Cf. J. Pedersen — *Scepticisme israélite*.

homem diante dos mistérios do mundo, algo que acentua a presunção da fragilidade humana de interpretar a obra de Deus. O ensinamento do Eclesiastes leva ainda os pensadores israelitas a meditar em nas palavras desse livro de sabedoria, em que se diz: “Mais vale a vista real dos olhos que a inquietação na alma” (59). A sabedoria judaica ensina que, qualquer que seja o esforço que o homem faça afim de compreender aquilo que se passa na face da terra, êle nunca chegará, porém, completamente, a compreender as leis que regem êsse misterioso processo. A inquietação foi posta por Deus na alma do homem para que procure, sempre, sem cessar, o sentido da grande obra de Deus. Daí uma posição pessimista e cética. Sanchez não deixou de seguir, sob êste aspecto, a velha tradição do pensamento israelita (60).

Tais são de uma maneira muito resumida, as diversas influências exercidas sôbre o filósofo que nos ocupa e que o encaminharam para a filosofia crítica. Examinaremos agora, antes de estudar a “filosofia” de Francisco Sanchez, o seu famoso livro, o **Quod nihil scitur**.

(59) — J. Pedersen — *ob .cit.*, pág. 5.

(60) — Cf. S. Munk — *Mélanges de Philosophie juive et arabe*.

CAPÍTULO III

EXAME DO

Quod nihil scitur

Em 1581, um ano após o aparecimento dos **Ensaios**, de Montaigne, vinha à lume, em Lião, na tipografia de Ant. Gryphe, um livro que tem relações com o de Montaigne. Este livro é o **Quod Nihil Scitur** — o **De Que Nada Se Sabe**, de Francisco Sanchez.

Como a exposição que vamos fazer é puramente analítica, cremos não haver inconveniente em tratá-la na ordem em que a apresenta o seu autor.

Na “ordem”, ou melhor dito, na desordem, pois Francisco Sanchez apresenta as suas idéias de um modo completamente desordenado, como teremos ocasião de ver.

O trabalho de Francisco Sanchez fôra escrito cinco anos antes. O seu prefácio data de Janeiro de 1576. E’ bem possível que o aparecimento dos **Ensaios**, de Montaigne, determinasse Sanchez a publicar, mais cedo do que pretendia, o seu livro. Conta o seu autor que, ao terminá-lo, resolvera seguir o conselho do poeta Horácio: deixá-lo numa espera de nove anos e só depois disto publicá-lo. Mas, encontrou-o “tão roído pela traça que, retardando a sua publicação, por mais dois anos ainda, muito provavelmente ao fogo e não à luz, teria de o dar no fim desse prazo” (1). Entre outras razões que levavam seu autor a publicá-lo, antes de decorrido o prazo de remissa que Horácio aconselhava, havia uma, de grande importância: tinha o filósofo ou-

(1) — Q.n.s. — *R. H.* (1913), p. 122.

tros trabalhos a publicar e, “convém que esta (publicação) as anteceda”, escrevia êle (2).

Os que muito retocam e retorcem os seus trabalhos sempre acabam por não publicá-los. O livro de Sanchez sairia assim, sem retoques, tal como fôra escrito em fins de 1575. Sairia “como soldado que vai batalhar contra a mentira” (3). Seria uma arma de guerra.

Dedicava-o Sanchez a Diogo de Castro que parece haver sido professor de medicina, na Universidade de Coimbra.

A história dêste livro, como a de outros da sua época, é autobiográfica. Não nos propomos, é de ver, a reconstruir aqui o “sistema” de Sanchez, mas simplesmente dar a conhecer a obra. Desde o início de sua vida, conta Francisco Sanchez, foi êle dado à contemplação da natureza. No início, esta sua ânsia de saber contentarase com pouco, com qualquer alimento que lhe era fornecido. Mas, muito cedo ainda, a ciência vigente no seu tempo se lhe tornou “impossível digirir-la e começou a vomitar tudo o que ingerira” (4). Nem as afirmações dos passados nem o sentir dos vivos o satisfiziam. Percebia em alguns, “sombrias de verdades”, mas em nenhum encontrava uma resposta sincera e absoluta da maneira como se devia julgar das cousas. Como faria mais tarde Descartes. — voltou-se o filósofo tolosano para si e “pondo tudo em dúvida, como se até então nada se tivesse dito, comecei a examinar as próprias cousas” (5). São essas, ao vêr de Francisco Sanchez, as condições do verdadeiro método da ciência. Levaria o filósofo as suas investigações até aos primeiros princípios e, iniciando aí as suas reflexões, quanto mais pensava mais duvidava. (*Inde initium contemplationis faciens, quo magis cogito magis dubito*) (6). Consultava os doutores, buscando neles a verdade. Mas, todos, haviam construido a ciência segundo a sua ou a alheia fantasia, e assim, cada vez mais afastados da realidade, construíam êles “um labirinto de palavras sem funda-

(2) — Q. n. s., *H. R.* (1913), pág. 123.

(3) — Q. n. s., *H. R.* (1913), pág. 23.

(4) — Q. n. s., *H. R.* (1913), pág. 123.

(5) — Q. n. s., *R. H.* (1913), pág. 124.

(6) — Q. n. s., *R. H.* (1913), pág. 124.

mento algum de verdade” (7). Átomos, Idéias, Números, Universais, Intelecto ativo, Inteligência, — quem, em suma, será capaz de compreender tôdas estas cousas que não existem? Sanchez rebela-se contra tôdas estas ficções. Os filósofos supõem compreender tudo isso e para tal recorrem a Aristóteles, que é manuseado, revolvido e decorado. Aquele que mais cousas souber de cor, êsse é o mais sábio (8). Em face dessa ciência livresca e dessa submissão aos clássicos, Sanchez proclama a sua independência intelectual. **“Quero-me, — escreve êle — com aqueles que, não se tendo obrigado a jurar nas palavras dum mestre, examinam com os recursos próprios as questões, levados pelos sentidos e pela razão”** (9). E para êsse exame, convida o leitor: “. . . tu, quem quer que sejas, que tens a mesma condição e temperamento que eu, e que no teu íntimo tens muitíssimas vêzes duvidado da natureza das cousas, duvida agora comigo: exercitemos juntos o nosso engenho. Que os teus juizos sejam livres, mas não dezarrazoados” (10).

Mas por que examinar de novo tôdas as cousas, depois de haverem elas sido estudadas por homens tão eminentes e sabedores? Porventura, a verdade estava à espera dos críticos? A verdade, é certo, não está nunca à espera de ninguém. Teria Aristóteles, por acaso, pergunta Sanchez, limitado todo o poder e todo o saber que a natureza tem ou pode dar? Sanchez naturalmente não pensa assim, apesar de assim pensarem muitos filósofos do seu tempo, entre outros “Scaligero, que apregoa haver Aristóteles abarcado todo o saber possível sôbre as cousas da natureza”. Aristóteles, ao ver de Francisco Sanchez, “ocupa um dos mais honrosos lugares entre os filósofos mais ilustres e é um dos engenhos mais agudos entre os que mais se distinguem no meio desta fraqueza humana” (11). Mas errou, ignorou; era humano e, por isso, “muitas vêzes pagou tributo à insuficiência do espírito humano” (12). “Che-

(7) — Q. n. s., *R. H.* (1913), pág. 124.

(8) — Q. n. s., *R. H.* (1913), pág. 124.

(9) — Q. n. s., *R. H.* (1913), pág. 125.

(10) — Q. n. s., *R. H.* (1913), pág. 125.

(11) — Q. n. s., *R. H.* (1913), pág. 125.

(12) — Q. n. s., *R. H.* (1913), pág. 126.

gamos — escreve Sanchez — a muitas conclusões que parecem aproximar-se tanto mais da verdade quanto mais se afastam das doutrinas antigas” (13). As opiniões estão sujeitas a variações. Atrás dos tempos, tempos vêm que exigem constante revisão das opiniões.

Sanchez não promete a Verdade. Vai procurá-la, no entanto, até onde puder; “e tu, descoberta que seja e expulsa dos seus esconderijos, segui-la-ás. Nunca esperes porém, apossar-te dela ou retê-la cientemente: baste-te o que para mim é suficiente: agitá-la. E’ esse o meu escopo: deve ser também o teu” (14). O método desta revisão e desta constante procura, como escreve Francisco Sanchez, “irei buscá-lo à medicina, de que sou professor” (15).

Assim, partindo da especulação filosófica e com um método, o da medicina, inicia Sanchez o seu trabalho. Que o leitor não espere, — acrescenta — um estilo ataviado e polido. Não são obras como a sua, as destinadas às pompas da retórica. O que êle exige é propriedade e essa procurará êle obtê-la.

Embora seu livro se afaste do estilo clássico medieval, nele há todavia, ressaibos do velho modo de escrever e de apresentar as questões. Nem sempre, porém, é massudo como costumam ser os trabalhos escolásticos. O tom com que apresenta as questões é, por vêzes, espirituoso, leve e sempre entremeiado de espírito crítico (16).

Todavia, a leitura do *Quod nihil scitur* é quasi sempre fastidiosa. As questões são repetidas e, no diálogo que êle trava com o seu jovem interlocutor, a sequência do mesmo é interrompida por longos parêntesis.

A crítica aos velhos processos do pensamento escolástico é porém constante, assim como o desejo de ser construída uma ciência que se aproxime, quanto possível, da realidade.

* * *

(13) — Q.n.s., *R. H.* (1913), pág. 126.

(14) — Q.n.s., *R. H.* (1913), pág. 123.

(15) — Q.n.s., *R. H.* (1913), pág. 126.

(16) — Cf. Francisque Bouillier, *Histoire de la Philosophie Cartésienne* — vol. I, pág. 21.

“Nem sequer sei que nada sei” — assim inicia Sanchez o seu trabalho. Julga, que outros também estão na mesma situação. Esta primeira proposição será seguida por esta outra: **nada se sabe**. Se no decorrer da sua obra, chegar êle a provar a sua proposição, concluirá, com razão, que nada se sabe. Se não conseguir êsse objetivo, tanto melhor, pois isso mesmo êle afirmara. Sanchez não se detem aí. Como Aristóteles, começa êle o seu estudo pelos nomes, pois, tôdas as definições são verbais, assim como quasi tôdas as outras questões. São verbais porque a essência das cousas, nós não podemos conhecê-las. De subterfúgio em subterfúgio, os “dialéticos”, os velhos lógicos progridem até a definição do Ente. Mas, que significa essa palavra? “Dirás que não a podemos definir porque não tem gênero superior. Não percebo isso, nem tu tão pouco” (17). Mesmo quando dizemos que deve haver um ponto em que as nossas dificuldades terminam, isso não é bastante para resolver as dificuldades e satisfazer o espírito. “Homem é uma só cousa, e todavia tu dás a essa cousa diferentes nomes: ente, substância, corpo, vivente, animal, homem e finalmente Sócrates” (18). Não serão meras palavras?

E’ o homem total, concreto, o que os nossos sentidos, podem apreender. Dividi-lo artificialmente pela razão, que é obscura e falaz, é caminhar no sentido do erro.

Desde o início do seu trabalho, Francisco Sanchez atribue aos sentidos um grande valor. Os diversos autores que se ocuparam com o filósofo tolosano não acentuaram como deviam êste aspecto. Em Senchet, por exemplo, nota-se que esta questão não aparece com o destaque que o texto de Sanchez apresenta. E’ erro fiarmo-nos nas palavras — diz o filósofo. Qualidade, vida, natureza, alma, tudo isso são simplesmente palavras sem conteúdo. Nelas não há nenhuma consistência, nenhuma certeza, nenhuma estabilidade.

“Daí tantos tropos, tantas figuras, tantas regras, tanto mistifório, que é de tudo isso que consta a Gramá-

(17) — Q.n.s., R. H. (1913), pág. 188.

(18) — Q.n.s., R. H. (1913), pág. 189.

tica” (19). “Na Dialética ou na Lógica cultiva-se a mesma loquacidade, mas não do mesmo modo: põem-se as palavras por ordem, preparam-nas para a batalha, ordena-se-lhes que combatam juntas, e nunca separadamente; dão-se leis, reprime-se, permite-se, obriga-se” (20). Mas o valor das palavras é o povo que lhe dá, e no povo não ha nenhuma certeza, nenhuma estabilidade. A própria palavra ciência, que significa? Que é ciência, para Aristóteles, por exemplo? “**Habitus per demonstrationem acquisitus**”. Sanchez acha péssima essa definição. E’, diz êle, definir o obscuro por alguma cousa ainda mais obscura.

Quanto mais palavras, maior a confusão. E, assim, palavrosa e confusa se apresenta a filosofia, a lógica, e a metafísica de Aristóteles. “Lanças-me na série de categorias até chegares à noção de Ente, que afinal não sabes o que é. Mas, então, não se pode reduzir tudo às categorias? Sem dúvida. E daí? Vai-se dar sempre a um labirinto. Realmente o que são as categorias? Uma longa série de palavras” (21). Sôbre tais alicerces se levantam fantásticas construções. Embrenham-se os lógicos em uma verdadeira floresta de palavras. Tal é a lógica de Aristóteles e, “muito mais ainda as dialéticas que depois dêle escreveram os mais modernos” (22).

Os lógicos falam também constantemente em abstracção, em intellecto ativo (cousa pasmosa, diz Sanchez), do universal, de “outras cousas abstraescentes ou iluminantes!” “Levam as cousas a tal ponto que pela palavra asno posso eu designar a mente dêsses lógicos que não podem compreender senão a palavra comum asno particular, e até formá-la, quando, afinal de contas qualquer dêles é um asno particular” (23). A propósito das diversas modalidades das palavras, sustentam-se subtilíssimas discussões que ao menor choque se desmoramam... Os dialéticos, “os modernos magos, não sabendo nada, mas confiados nas palavras, se apresen-

(19) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 190.

(20) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 190.

(21) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 192.

(22) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 193.

(23) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 194.

tavam como sabendo muito para não serem arguidos de ignorância” (24). Mas, afinal, para que andam esses dialéticos a besuntar-nos o espírito com estas palavras obscuras?

A impressão de Sanchez sobre o silogismo não é melhor do que aquela que tem sobre as categorias. “Que é o silogismo? Prodígio dos prodígios!” (25). A ciência dos silogismos, na realidade, é futil, longa, difícil e nula. Só serve para gastarmos tempo inutilmente. A silogística de modo nenhum se sustenta, pois, “tudo o que se encontra na Metafísica e nas restantes obras de Aristóteles são definições de nomes” (26). Nada sabemos e por isso Sócrates é, para ele, o sábio e justo varão, porque sabia que nada sabia.

Se nada sabemos, em que podemos nós confiar? Tôdas as cousas humanas são suspeitas, “incluindo mesmo as que agora escrevo” (27).

E’ inutilmente que o homem anda à procura da verdade. Não a possuirá nunca. Razão tinha o autor do *Eclesiastes* quando dizia que tudo era vaidade.

O próprio Aristóteles, segundo a sua definição, diz que nenhuma ciência pode existir. “A ciência obtem-se por demonstração. Mas o que é a demonstração? Um sonho de Aristóteles, semelhante à República de Platão ou à do orador Cícero ou do poeta Horácio” (28). O que Aristóteles criou foi simplesmente uma silogística prolixa, que não pode ser nem sequer um esboço de ciência. Com silogismos não se criou nenhuma ciência. Chegou-se, porém, a perturbar as outras. “Ainda hoje vários patetas assim fazem, negando tudo o que não se contém no modo e na figura, e é tamanha a sua estupidez e a subtileza e utilidade dessa ciência silogística que, esquecendo por completo as cousas, se voltam para as sombras. E’ de admirar que Averroes, aliás talentoso e depois dêle muitos outros, tenham tentado — inútil e enorme trabalho! — reduzir a silogismos o que Aristóteles disse em discurso livre, e tenham querido mostrar

(24) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 195.

(25) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 195.

(26) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 197.

(27) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 272.

(28) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 273.

que são infalíveis, certísimos e demonstrativos, quando nada disso assim é” (29). Lembra ainda Francisco Sanchez que Santo Agostinho aprendeu tôdas as outras ciências sem mestre, exceto a silogística. A razão dêste fato é que as outras ciências baseiam-se na realidade enquanto que a silogística é uma ficção subtil, “de muito dano e nenhum proveito” (30). Ela afasta os homens da observação, detem-nos em si mesmos, sem os fazer progredir no conhecimento das cousas. E’ curioso, observa Sanchez: os silogistas ensinam a falar de uma série de cousas que não sabem. São como aqueles que ensinam a construir uma casa, a traçarem planos, sem nunca haverem efetivamente construído nada. Um dêles é o próprio Aristóteles, de quem diz Sanchez, “nunca eu entendi a mínima cousa ou proposição” (31). Todavia reconhece o filósofo, o serviço que Aristóteles lhe prestou encaminhando-o para a observação da natureza. Foi o Aristóteles naturalista que o guiou e que o levou a fugir dos dialéticos, posteriores a Aristóteles, principalmente dos dialéticos da Idade Média. Foi o Estagirita, o guia do seu método na pesquisa científica e filosófica.

“E’ fácil ver quão estultos são os que, desprezando a observação das cousas, vão buscar tôda a ciência aos autores. Efetivamente, aquele que me aponta alguma cousa com o dedo não produz em mim a visão, mas excita a potência visual a passar ao ato. Parece-me, pois, extraordinariamente insensato o que alguns afirmam, que a demonstração conclue e infere necessariamente de princípios eternos e invioláveis, quando talvez não os haja, ou, se os há, são absolutamente desconhecidos e em brevíssimo espaço de tempo tão violáveis. E’ por isso que, ao contrário, a verdadeira ciência, se alguma existisse, seria livre e filha dum espírito livre; se por si não percebesse a realidade, também não a perceberia coagida por quaisquer demonstrações. Estas só obrigam os ignorantes, aos quais basta a fé” (32). Em lugar de preparar silogismos em *Barbara*, em *Camestres* ou *Cae-*

(29) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 273.

(30) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 274.

(31) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 274.

(32) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 275.

sare, melhor vale fazer com o pano, a madeira e as pedras, roupas e casas.

Tôda essa pseudo ciência, baseada em silogismos, nada constroe. Mais honesto seria confessar que nós nada sabemos.

A ciência é conhecimento apenas do particular. E' estultice falar de uma ciência do geral. Assim como a visão é apenas a visão de um objeto, assim o conhecimento também só pode atingir um objeto, um objeto depois do outro. O saber não é um amontoado de muitas cousas na mente, nem douto é aquele que tem a memória bem recheada, mas sim aquele que compreende: "Uma ciência basta a todo o mundo e a ela não lhe basta o mundo todo. Para mim até a mais insignificante cousa do mundo é bastante e mesmo demais para estudo durante a vida inteira, e não espero poder chegar a conhecê-la" (33). Sanchez critica, desta maneira, o enciclopedismo pretencioso e oco da velha escolástica, a pretensão vã de totalização mal compreendida da tradição filosófica medieval.

Passa a seguir Sanchez, ao exame do problema do conhecimento do mundo externo. Como podemos nós conhecê-lo? A existência do mundo externo nos é revelada pelos sentidos. Estes têm grande importância aos olhos do filósofo tolosano.

Sabemos nós se o mundo externo existe? E, de que maneira nós o conhecemos?

Todos os objetos acham-se em nós, afirmam certos filósofos. Revolvendo-os, encontramo-los e isto, diz Sanchez, para esses filósofos constitui a ciência. Enganam-se, porém, e muito. "Em primeiro lugar, afirmam que em nós está o burro (talvez esteja neles), o leão, etc. Ora, como pode ser que eu esteja no leão e o leão em mim? Isto não passa duma quimera" (34). Estas questões, promete tratá-las Francisco Sanchez nos livros que vai consagrar ao estudo da natureza. Para êle, "não são as cousas ou as suas imagens que existem em nós, que fazem a ciência ou a constituem; mas en-

(33) — *Q.n.s., R. H.* (1913), pág. 277.

(34) — *Q.n.s., R. H.* (1913), pág. 277/278.

che-se com elas a memória, e depois as contempla o espírito” (35).

E dêsse modo Francisco Sanchez vai mostrar que a ciência não pode constituir um hábito. Como dizia Aristóteles, o hábito é alguma cousa que se relaciona com a memória, e memória não pode ser conhecimento “O hábito de muitas cousas na memória não se chama ciência, a não ser que elas tenham sido previamente conhecidas pela inteligência” (36). Embora Platão tenha dito no *Menon*, que saber é recordar, pede-lhe perdão o filósofo tolosano (“perdoe-nos o sapientíssimo Platão”) mas a sua teoria não passa de uma agradável ficção, que não é confirmada pela experiência e pela razão. Neste passo do *Quod nihil scitur*, promete ainda Sanchez estudar questões relacionadas com a psicologia e com a teoria do conhecimento, no seu livro *De Anima*, que, como se presume, êle não chegaria a escrever ou que, caso tenha escrito, é hoje ainda desconhecido.

Contra Platão e sua teoria da reminiscência, invoca Sanchez o testemunho da experiência da natureza, e é Galeno, no qual Sanchez baseia a sua refutação da teoria da reminiscência. Se tôdas as nossas impressões estiveram apagadas, não há recordação, “como sucede àqueles a que a doença faz esquecer até o próprio nome; e se acontece que êles aprendam depois, não dirás que êles se recordam” (37). Enfim, recordar não é saber. Qué é a ciência? E’ saber as cousas pelas suas causas, dizem os velhos filósofos. Esta definição não satisfaz tão pouco a Francisco Sanchez, por ser obscura e por apresentar, desde logo, outro problema: o das causas. Que importa ao conhecimento das cousas, a causa eficiente e a causa final? Para um conhecimento perfeito da minha pessoa — escreve Francisco Sanchez — convém que eu conheça perfeitamente meu pai; para conhecer êste, é preciso conhecer o pai dêle, e assim sucessiva e interminavelmente. Com as outras cousas succede o mesmo, e isso mesmo se dá com relação à causa

(35) — *Q.n.s., R. H.* (1913), pág. 278.

(36) — *Q.n.s., R. H.* (1913), pág. 278.

(37) — *Q.n.s., R. H.* (1913), pág. 280.

final” (38). Dizer que não interessa o particular, mas apenas o universal, é fazer uma ciência do geral, uma ciência artificial. De maneira nenhuma, uma ciência concreta, real. Tudo nos leva, pois, a confessar, em ultima análise, que nada sabemos. “Fugindo do infinito, caímos no infinito, imenso, incompreensível, indizível, ininteligível. E o que podemos nós aí saber? Nada” (39).

Critica ainda Francisco Sanchez, acerbamente, a Aristóteles, por haver êle afirmado que a ciência é o conhecimento das cousas pelas suas causas. Julga Sanchez que isso é muito vago, confuso e inconstante, e que Aristóteles não merece desculpa. E’ ridícula a maneira pela qual essa questão é exposta pelos escolásticos, pois, transformando os objetos em palavras e silogismos e nada conhecendo das realidades da natureza, explicam os objetos como meras proposições, que nada são senão puro palavrório. “Assim, o príncipe dêles (aristotélicos) engana-se um pouco e êles que o não compreendem nem seguem, ainda mais se enganam, até que finalmente caem em tantas futilidades, afastando-se gradualmente da verdade” (40).

Aristóteles não pode ser desculpado por que afirmou uma vez que havia uma ciência dos primeiros princípios, mas era indemonstrável, e em outra que o conhecimento dos primeiros princípios era apenas compreensão, e não ciência. E que vem a ser a compreensão senão o próprio saber? Êle é culpado pelo desvario dêsses lógicos que Sanchez tanto combate.

Até aquí procura Sanchez mostrar a ignorância dos filósofos que seguiram os antigos, principalmente os aristotélicos. Apresenta agora a sua própria definição. O que até então mostrou e criticou, era naturalmente falso. O que passa agora a dizer parece a Sanchez, verdadeiro. E’ possível que não o seja, mas, se assim é, isto indica quanto é verdadeira a sua tese: que nada se sabe.

A ciência, é o conhecimento perfeito (*Scientia est*

(38) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 281.

(39) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 281.

(40) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 283.

rei perfecta cognitio), o perfeito conhecimento das cousas.

Paira sôbre tôdas as nossas palavras a mais completa dúvida e o próprio Sanchez confessa que não sabe o que é conhecimento. “Direi que é a compreensão, a penetração, o entendimento e qualquer outra cousa, se houver, que signifique o mesmo” (41). Mas, como entendermo-nos se, para cada um de nós, a palavra tem um sentido determinado? Como decidir? Sôbre tais assuntos ninguém é capaz de decidir. “A si próprio cada um se julga doutíssimo; para mim são todos ignorantes. Talvez o ignorante seja só eu; mas nem sequer isso eu posso saber, e bem o desejaria. Que direi eu, portanto, que não seja suspeito de ignorância? Nada” (42). Em tais condições, difficil é saber por que razões escreve o filósofo. Ele mesmo dá conta dessa sua situação quando diz que, “com os parvos, sê parvo; sou homem: que fazer?” (43).

Vivemos de simples ficções. Mas as ficções não são a ciência. “A ciência obtem-se por demonstração; esta supõe a definição; e as definições não se podem provar, mas devem acreditar-se; logo, a demonstração por suposições produzirá uma ciência suposta e não uma ciência firme e certa” (44). Todavia, para podermos prosseguir, admitamos, como faz Sanchez, a definição que apresenta: a ciência é o perfeito conhecimento das cousas. Admitindo-a, encontramos nela, três elementos: a coisa a conhecer, o conhecimento, e a perfeição (in scientia igitur, si definitionem admittas meam, tria sunt, res scienda, cognitio, et perfectum) (45).

Êstes três elementos, Francisco Sanchez separa-os.

Em primeiro lugar, quantos são os objetos? São talvez infinitos; infinito é o número dos objetos que vemos. Sendo necessário conhecer os princípios das cousas, mister seria, pensa Sanchez, que as conhecessemos tôdas. E como poderá ser isto? O aristotélico afirma que a matéria das cousas infinitas pode ser a mesma.

(41) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 285.

(42) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 285.

(43) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 285.

(44) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 286.

(45) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 287.

Mas também pode ser que seja múltipla, retruca Sanchez. E' bem possível que haja outras cousas inteiramente diferentes das nossas, e que nenhum de nós as conheça. Ora, para conhecer as cousas é mister conhecer tôdas as peças que as supõem. Como num relógio, necessário é desmontar tôda a máquina para conhecermos tôdas as peças que a compõe, e ainda, a função que aí representam as mesmas, umas sôbre as outras. O mesmo se deve pensar em relação ao mundo. Também êle é um vasto mecanismo para Francisco Sanchez. Que vemos nele que não esteja a se mover ou que não se encontre a mover alguma cousa? Caso existisse uma ciência, ela seria — uma ciência das funções, — e por ela se conheceriam, como diz o filósofo, “perfeitamente tôdas as cousas, visto que uma sem as outras não se podem conhecer perfeitamente. A ciência que possuímos é constituída de futilidades, rapsódias, fragmentos de poucas e mal feitas observações, e o resto são fantasias, invenções, ficções, opiniões” (46).

Ao mesmo tempo que encontramos bem caracterizada a situação do pensador do século XVI, duvidoso do valor da ciência, principalmente da ciência oficial, erudita e livresca do seu tempo, Sanchez anuncia a nova ciência, a ciência das funções, que o século XVII irá realizar.

A desconfiança de Francisco Sanchez em relação a tôdas as teorias do seu tempo era perfeitamente razoável. Êle esperava novos e mais perfeitos caminhos para o conhecimento científico. Não podia ainda porém, percebê-los todos, mas já sabia que não estavam na aridez das discussões medievais sôbre os conceitos. — que eram uma caricatura de ciência, — mas que deviam ser encontrados no campo da experiência.

Compreendeu o filósofo que as ciências se acham tôdas intimamente ligadas. A êste assunto, a que atribuía aliás grande importância, prometia êle dedicar um livro, o *Examen Rerum*.

Assestando as suas baterias contra a lógica escolástica, mostrou que com a mesma nada se construía de uma maneira científica. A lógica aristotélica ape-

(46) — *Q. n. s., R. H.* (1913), pág. 292.

nas demonstra a nossa cabal ignorância dos objetos. “Dos indivíduos, confessas tu, que não há ciência, porque são infinitos; mas as espécies não são nada ou são apenas uma fantasia. Só os indivíduos é que existem, só estes é que nos affectam os sentidos, só dêles é que pode haver ciência, e dêles deve esta ser tomada; se assim não é, mostra-me na natureza êsses teus célebres universais” (47). E’ a velha querela do nominalismo e do realismo, da Idade Média. Longe está Francisco Sanchez de tomar posição, apoiado na opinião dos filósofos antigos. Os autores em que se apoia para sustentar a sua opinião são autores científicos, tais como Falópio, e a do grande médico judeu português, João Rodrigues de Castelo Branco, o celebrado Amato Lusitano que, fugindo à perseguição que lhe movia a Inquisição, em Portugal, percorreu várias terras e por largo tempo viveu na Itália. Aí, com certeza, conheceu Francisco Sanchez as suas obras. Referindo-se à importância da variedade de individualidades, Sanchez cita os livros médicos de Amato Lusitano, principalmente as suas *Centúrias* (48).

Sempre armado contra o instrumento da ciência medieval, que é a lógica aristotélica, Francisco Sanchez não perde, nas longas páginas que consagra à sua crítica, no *Quod nihil scitur*, ocasião para demonstrar a sua completa e perfeita inaneidade.

Tão anacrônico é o pensamento que ela representa que, ao ver dos escolásticos, êle só pode ser ensinado na língua grega ou latina. “Dizem, — escreve ainda — que é porque não há palavras para traduzir muitas das que existem naquelas línguas, como por exemplo, a *entelelequia* de Aristóteles, sôbre cuja tradução para o latim se tem disputado muito. Entre os latinos há as palavras *essentia*, *quiditas*, *corporeitas*, e outras ainda que os filósofos inventam e que, por nada significarem, por ninguém ainda foram compreendidas, nem podem ser explicadas, nem vertidas em linguagem vulgar, que costuma designar por nomes próprios tôdas as cousas, mas só as reais, e não inventa-

(47) — Q.n.s., *R. H.* (1914), pg. 160.

(48) — Q.n.s., *R. H.* (1914), p. 160/61. Sôbre êste assunto, v. Diogo Barbosa Machado — *Biblioteca Lusitana* — vol. I, págs. 126/128 e artigo de Maximiano de Lemos. — “*Amato Lusitano*”, in *R. H.* (1913), págs. 29/35.

das” (49). E’ absurda esta pretensão. Mais ainda aquela que, segundo uma opinião frívola, dá às palavras uma espécie de força própria, como se os nomes tivessem sido dados às cousas segundo a sua própria essência. “Levados por isso é que alguns, não menos estultamente procuram mesmo tirar d’alguma cousa a significação de tôdas as palavras como, por exemplo, **pedra** (em latim *lapis*) porque fere os pés (*laedit pedem*) e **humus** de humidade. E *asinus*? Donde? De ti, porque és *sine sensu*” (50).

E’ uma grande estultice pensar que podemos apreender as essências das cousas. Talvez, — pois, assim afirma o Pentateuco, concorda prudente Francisco Sanchez, — só mesmo na linguagem de Adão poderiam os homens, conhecer a natureza ou essência das cousas... Mas as línguas alteram-se, corrompem-se e confundem-se constantemente. Não têm, pois, as palavras a faculdade de indicar a natureza das cousas. Tôda linguagem é convencional. Outras há que têm uma origem onomatopaica, como o ladrar dos cães, o coaxar das rãs, o sibilo, o clangor, o tinido, etc., mas, em tudo isso não se revela a essência das próprias cousas.

Enfim, quanta variedade existe na espécie humana! A razão aí varia sob tôdas as formas: nos costumes, nas religiões, no regimen familiar, em tudo. E quem está com a verdadeira razão? Podemos nós, por acaso, afirmar? O que devemos fazer é apenas dizer: **nada sabemos.**

“Na tua ciência perfeita, dizias ontem, e até já há muitos séculos, que a terra era cercada por um oceano, e a dividias em três partes universais: Ásia, África e Europa. O que dirás agora? Foi descoberto um novo mundo, e novas cousas numa nova Espanha ou Índias Ocidentais, e nas Orientais. Dizias também que havia uma região meridional sob o Equador, que por causa do calor era inhabitável e que o mesmo se dava nos Polos e nas zonas extremas por causa do frio; que essas duas cousas são falsas, já o mostrou a experiência. Como é,

(49) — *Q.n.s., R. H.* (1914), pág. 163.

(50) — *Q.n.s., R. H.* (1914), pág. 163.

pois, que afirmas que as tuas proposições são eternas, incorruptíveis, infalíveis” (51).

Misérriimo verme é o homem! Ousa tanto e tão inutilmente! Nem sequer é capaz de dar uma explicação de si mesmo, da sua origem, do seu fim! Grande dúvida há sobre tudo o que existe no mar, no interior da terra, no próprio ar. E isto não é sem razão porque “todo o conhecimento vem dos sentidos; e assim aquelas cousas não podendo ser percebidas, também não podem ser sabidas; com certeza que muito menos conhecimento pode haver a respeito delas do que a respeito das que nos rodeiam. Quanto a estas não duvidamos de que existam, mas quanto àquelas dizem-se muitas cousas que nem temos certeza de serem assim, nem são conclusões necessárias da razão” (52).

O homem nada sabe, nada pode dizer sobre essas questões. “Que nada se pode, humano modo, saber perfeitamente, vê-se pelo próprio fato de Aristóteles e os seus discípulos tentarem mostrar, com inúmeras razões que o mundo é eterno, que não teve princípio nem há de ter fim; e disso estão convencidos os filósofos” (53).

A razão nos mostra muitas cousas, diz Sanchez, mas a fé nos obriga a crer no contrário. . . São desculpáveis os filósofos que duvidam mas não os que se obstinam em não crer.

E’ assás ambígua a posição de Sanchez neste passo. No decorrer da leitura do *Quod nihil scitur* percebe-se que a fé do filósofo não era das mais fortes. Quando trata da questão relacionada com o início e fim do mundo, dá a palavra primeiro a Plínio e depois ao “divino legislador Moisés”, e quando acompanhamos o evoluer do seu livro, percebemos que a sua preferência vai para o primeiro. Diante disso, e na impossibilidade de afirmar qualquer coisa fundada na fraca razão humana, é levado a confessar a profunda ignorância dos homens. A substância de certas cousas, de modo algum pode ser por nós percebida. “O que é, se alguma cousa é, para os filósofos o infinito, e para os nossos, Deus, para o qual não ha medida nem limite,

(51) — *Q. n. s., R. H.* (1914), pág. 240.

(52) — *Q. n. s., R. H.* (1914), pág. 241.

(53) — *Q. n. s., R. H.* (1914), pág. 241/242.

não podendo portanto, de modo algum compreendê-lo a nossa mente” (54). Entre nós e Deus não há proporção alguma. Não podemos compreendê-lo com a nossa fraca razão. Ela não nos esclarece sobre isso; tão pouco sobre outros mistérios da vida. Não compreendemos as razões primeiras da nossa existência, nem lhe conhecemos os fins. Não podemos afirmar também que o homem é sempre o mesmo. Em uma hora, apenas em uma hora, grandes mudanças se podem dar num mesmo indivíduo.

Enfim, em face de todos êstes problemas, nos encontramos sem saber cousa alguma.

Mas, quando vem à talho de foice uma ocasião para o nosso filósofo resvalar para o terreno das ciências naturais, êle não a perde (55). A propósito de cruzamentos que ocorrem na zoologia e na botânica, ilustra êle o nosso estado de ignorância acêrca dos princípios e das essências.

Além disso, como acontece com os filósofos naturalistas, as suas simpatias pelas doutrinas de Heráclito são bem marcadas. Assim, para Sanchez, é o calor, e mais pròpriamente, o fogo, a grande causa de tudo. O calor “gera, corrompe, branqueia, enegrece, rarefaz, condensa, resfria, adelgaça, — enfim — é o grande responsável pelas transformações dos corpos”. Afinal, que é que o calor não faz? “O calor é a divindade sublunar, a mão direita da natureza, o agente dos agentes, o mobil dos móveis, o princípio dos princípios, a causa das causas sublunares, o instrumento dos instrumentos, a alma do mundo” (56). O fogo é o que melhor nos pode

(54) — *Q.n.s., R. H.* (1914), pág. 242.

(55) — Preocupa-se Francisco Sanchez com inúmeras questões relacionadas com a biologia de seu tempo. Aí vemos que também para Sanchez os ratos eram gerados do estrume e as rãs, dos lodaçais. A geração e a corrupção são os temas tratados neste passo, por Sanchez. E' excusado dizer que, em linhas gerais, êle aí segue a biologia do Estagirita.

(56) — *Q.n.s., R. H.* (1914), pág. 46. — Para êle, o sol é a fonte de onde se geram as cousas e Deus é a luz. Como Farias Brito, o filósofo brasileiro, também Sanchez considera Deus como sendo a luz. A primavera e o verão são as gerações de vida. O inverno e o outono, são as gerações de morte. Do frio vem a morte, do calor, a vida.

dar uma idéia “do poder e da virtude de Deus infinito e onipotente e melhor imagem de sua inefável divindade” (57), escreve Sanchez.

Por um momento, aparece a tendência panteísta, — maneira subtil de introduzir o materialismo — na obra de Francisco Sanchez. Mas, é essa a única nota panteísta que encontramos no *Quod nihil scitur*.

“Todo o nosso conhecimento vem dos sentidos” (58). Em mais de um trecho do seu trabalho, vêm repetidas essas idéias. Além dos sentidos, tudo mais é confusão, dúvida, perplexidade e adivinhação. Os sentidos só vêm as cousas externas. Não as conhecem. A mente aceita as informações dos sentidos. Se êstes se enganam, também ela. Todo o nosso conhecimento se faz por meio de imagens que provêm dos sentidos. Mas nós só possuímos imagens dos objetos mais grosseiros. Os objetos espirituais, êsses, nos escapam totalmente. São demasiadamente subtis para serem apanhados pelos sentidos. E, por essa razão, dêles sabemos muito pouco, nada mesmo.

Quantas ocasiões de erro há nas cousas, diz Sanchez. Elas mostram que sabemos bem pouco. E’ bastante que conheçamos as dificuldades que se nos apresentam. Se as pudessemos vencer, saberíamos alguma cousa, mas, para isso, necessário seria que tivessemos um outro espírito. Nos próprios objetos existem

E nessa perfeição da vida, gerada pelo calor, o mais perfeito dos animais é o homem. Não é apenas nos antigos filósofos gregos, Heráclito e Empédocles, que Sanchez encontra o elogio do principio dos princípios, que é o fogo. Em Platão e em Aristóteles já é bem marcada a importância dada ao calor. Na Renascença, é notável o papel que assume, principalmente entre os naturalistas italianos, o fenomeno do calor. Essa influência e mais ainda as velhas doutrinas médicas sobre a importância do calor (febre, etc.) atuaram sobre Sanchez, levando-o a attribuir-lhe importância incalculável. Empédocles, como é sabido, influuiu muito nas velhas escolas de medicina. Cf. Edmond Hoppe — *Histoire de la Physique*, págs. 212 e segs., e *passim*. F. E. Enríques e G. de Santillana — *Pequena História do Pensamento Científico*, pág. 109.

(57) — *Q. n. s.*, R. H. (1915), pág. 46.

(58) — *Q. n. s.*, R. H. (1915), pág. 50.

muitísimas dificuldades. Maiores ainda são elas no cognoscente, no próprio sujeito.

A ciência era, como vimos, segundo a definição que dela dá Francisco Sanchez, o conhecimento perfeito. Neste considerava o filósofo três aspectos. A cousa conhecida, o objeto; o cognoscente, o espírito; e o conhecimento, que é “o ato dêste com relação àquele” (59).

Sanchez ainda uma vez promete estudar mais minuciosamente a questão do conhecimento no seu próximo tratado, o *De Anima*. No *Quod nihil scitur* tratará êle apenas, muito brevemente, da questão, pois, o seu lugar próprio é no *De Anima*. O estudo da alma é difficilimo e cheio de obscuridade. Se o conhecimento da alma, fôsse perfeito, o homem, escreve Sanchez seria semelhante a Deus, seria o próprio Deus. “Como é que o imperfeito e mísero homúnculo há-de conhecer as outras cousas, êle que não pode conhecer-se a si mesmo?” (60). Como pode o homem conhecer as cousas mais profundas se nem sequer conhece as mais grosseiras? Não há razão para que Scaligero reprove Luis Vives, a quem em boa parte Sanchez segue, quando aquele filósofo e humanista espanhol diz que a “perscrutação da natureza do espírito é cheia de obscuridade” (61). A perscrutação é, ao ver de Sanchez, não apenas absurda mas “absurdíssima, caliginosa, escabrosa, abstrusa, inacessível, tentada por muitos e por ninguém conseguida”.

Em vários trechos do *Quod nihil scitur*, nota-se uma certa antipatia por Scaligero, o célebre humanista aristotélico. E aqui Sanchez não perde a oportunidade para criticá-lo. “Talvez êle (Scaligero), por ser dotado dum engenho agudíssimo, a achasse fácil (a observação da natureza do espírito)... Realmente Scaligero, na opinião de Sanchez, era um artista... “Escreveu com arte acêrca de tudo. Disse principalmente acêrca da natureza do espírito muitas cousas que, afogadas em brilhantes palavras, enganam o espírito e que, dadas com abundância, parecem matar a fome. Mas, um exa-

(59) — *Q. n. s.*, *R. H.* (1915), pág. 52.

(60) — *Q. n. s.*, *R. H.* (1915), pág. 52.

(61) — *Q. n. s.*, *R. H.* (1915), pág. 53.

me mais profundo, revela apenas artifício e deixa o assunto tal como estava antes” (62).

Voltemos agora, seguindo de perto este filósofo altamente dispersivo que é Sanchez, ao que êle entende por conhecimento. Conhecimento, diz êle, é a apreensão do assunto: é a inteção, a intuição, o “conhecimento profundo”. Mas, o que é essa intuição? “Não posso nem sei responder” (63). E’ mister, todavia, — ajunta ainda Francisco Sanchez — distinguir no conhecimento, a apreensão da recepção. Um animal recebe imagens, mas não conhece (64). Os nossos olhos também recebem imagens mas não conhecem. A própria alma recebe imagens e não conhece, quando, por exemplo, admite cousas falsas ou quando elas se apresentam obscuras. Existem duas espécies de conhecimento: um dêles é perfeito. E’ aquêle “pelo qual entendemos e vemos as cousas por todos os lados, por dentro e por fora”. E’ o conhecimento científico, a reflexão.

O conhecimento imperfeito é aquele pelo qual apenas apreendemos, como diz Sanchez, o assunto de um modo qualquer. E’ o conhecimento mais corrente e pode ser mais ou menos claro, repartido em graus diferentes, segundo a capacidade intelectual dos homens. Êste pode ser externo, obtido pelos sentidos e, por isso chamam-no de sensual. Pode ainda ser interno, mas êsse, no dizer de Sanchez, é “inteiramente nada” (65). Há, porém, apenas um cognoscente: o homem, dotado de sentidos e de inteligência. Os sentidos, — sem os quais nada existe, — nada conhecem e nada julgam. Todavia, acrescenta ainda o filósofo, há três espécies de objetos que são conhecidos pela inteligência, de outra maneira. Uns são inteiramente externos, sem que sôbre êles se faça sentir a ação do espírito. Outros são inteiramente internos e dêstes, uns existem sem auxílio do espírito; outros, em parte, com êsse auxílio. Não é muito fácil entender esta divisão e sub-

(62) — *Q. n. s., R. H.* (1915), pág. 53.

(63) — *Q. n. s., R. H.* (1915), pág. 53.

(64) — E’ neste passo que Sanchez não está de acôrdo com Gomez Pereira. Cf. Menendez y Pelayo — *Ciencia Española* — T. 2, págs. 277 e seg.

(65) — *Q. n. s., R. H.* (1915), pág. 54.

divisão que Francisco Sanchez elaborou. Ele mesmo, sentindo a dificuldade da sua divisão, exemplifica da maneira seguinte: “A côr, o som, o calor não podem apresentar-se per se ao espírito para êste os conhecer. Aquelas cousas porém que são produzidas inteiramente pela própria inteligência, são“ cousas de que ela é mãe, e que estão dentro de nós, não se apresentam, não se mostram à mente por meio doutras imagens mas por si mesmas”.

Tais são muitos objetos que a própria inteligência inventa, quando, com palavras, descobre e conclue alguma cousa nova, e quando ela mesma entende a própria intelecção, quando estabelece conexão, divisões, comparações, predicções. Da segunda espécie são tôdas as cousas internas “como a vontade, a memória, o apetite, a ira ,o mêdo, e as outras paixões, e qualquer outra cousa que seja interna, e que pela própria inteligência é conhecida imediatamente per se. Há finalmente muitas cousas que em parte chegam à inteligência pelos sentidos e em parte são produzidas pela própria inteligência” (66).

O que tem côr, grandeza, figura, é sempre levado ao espírito pelos sentidos. E é o espírito que “despoja dêsses acidentes a essência”, é êle que examina, junta, e que, enfim, imagina sôbre a natureza do objeto. Dizem os filósofos que no céu há inteligência, que lá se acham os arquetipos eternos das cousas. Sanchez, porém, não entende isto. O ar, por exemplo, facilmente nós o percebemos pelo tacto, mas, realmente, nenhuma imagem dêle existe no nosso espírito, a não ser uma certa imagem que nós criamos, de um corpo qualquer quasi incorruptível que não sabemos o que seja. O mesmo pensamos do vácuo. O mesmo se dá com referência ao infinito. “Sou forçado a deter-me no meio dessa cogitação, pensando que é infinito aquilo que eu não acabarei jamais de apreender, embora o crescente ao infinito e também indefinidamente o imagine, e assim formo uma imagem realmente acabada, mas que não é limitada e perfeita em nenhuma das suas extremidades, antes como que defeituosa, com esta noção de que não está terminada nem

é terminável, porque em ambos os extremos se lhe podem ajuntar eternamente partes infinitas” (67).

E’ bem desgraçada a condição humana! Pense-se na luz, — ela nos é incompreensível, desconhecida. O mesmo podemos dizer da vontade, do intellecto e de outros objetos que não são percebidos pelos sentidos. “Estou certo, diz Sanchez, de que penso agora nestas cousas que estou escrevendo, e de que as quero escrever, e desejo que sejam verdadeiras e aprovadas por ti, mas quando me esforço por considerar o que é essa cogitação, essa vontade, êsse desêjo, falece a cogitação, é iludida a vontade, cresce o desêjo, aumenta a angústia. Nada vejo que possa observar ou apreender. Nisto o conhecimento que das cousas internas temos, sem auxílio dos sentidos, é vencido por aquele que das cousas externas temos por meio dos sentidos, pois neste tem a intelligência alguma cousa para observar como por exemplo, a figura dum homem, duma pedra, ou duma arvore, figura que recebeu dos sentidos, ao passo que no conhecimento das cousas internas nada encontra a intelligência que possa compreender, e discorre daqui e dali, tateando como os cegos, a ver se pode agarrar alguma cousa” (68).

A certeza que deriva dos nossos estados interiores é bem mais segura do que a que provem das nossas sensações. Mas, quando julgamos sôbre como são as cousas externas, aí então nos enganamos sempre. “Estou mais certo de existir e ser branco êste pergaminho em que escrevo do que de ser composto de quatro elementos e dêstes existirem nele em ato e dêle ter uma forma, forma diferente dêles” (69). O conhecimento menos certo é aquele que se obtem pelas palavras, pois é apenas “apalpação, dúvida, opinião, conjectura e daqui resulta novamente que a ciência não é aquilo que se obtem pelos silogismos, divisões, predicacões, e outras operações semelhantes do espirito. Se nos fôsse possível apreender a razão interna de qualquer cousa da mesma forma que por meio dos sentidos percebemos as qualidades externas das cousas, então em verdade se diria que sabia-

(67) — *Q. n. s., R. H.* (1915), pág. 169.

(68) — *Q. n. s., R. H.* (1915), pág. 169/170.

(69) — *Q. n. s., R. H.* (1915), pág. 170.

mos, mas, que saibamos, nunca ninguém o conseguiu, e por isso nada sabemos” (70).

Como se vê, Francisco Sanchez é um empirista. Para êle, apenas os sentidos podem dar o conhecimento mais aproximado, embora, com sombras de dúvida. Si pela razão fôsse possível apreender os objetos do espírito, como os objetos são apreendidos pelos sentidos, então, poder-se-ia constituir a ciência. Mas, isso, como se viu é impossível.

Do outro conhecimento, o das cousas internas, que é obtido pela associação, pela comparação, pela negação, e outras operações do espírito, tratará Francisco Sanchez a seu tempo. Veremos ainda uma vez que promete estudar o assunto no livro **Examen Rerum** (71).

Examinemos agora novamente, seguindo sempre a “ordem” sancheziana, o conhecimento que temos das cousas ou objetos externos. Este conhecimento é obtido por vários meios. Por dois, outras vêzes três e mesmo quatro meios. Mas dois são sempre constantes. E’ por êles que os homens obtêm a sensação. Um dêstes meios é a vista; outro, o ar. Trata-se pois de saber se pela sensação se conhece alguma cousa perfeitamente.

Pensa o filósofo que não pode ser conhecida cousa alguma, com verdadeira perfeição, quando essa cousa é conhecida por intermédio de outra. Uma cousa perfeitamente conhecida, deve o sujeito conhecê-la imediatamente, por si mesma. Ora, os sentidos percebem os accidentes e por êles é que a essência das cousas se dá a perceber. Sendo assim, como podemos nós perceber alguma cousa?

São os fenômenos que nos revelam a essência. Sob este aspecto, Sanchez poderia ser considerado como um precursor do pensamento moderno. Aliás, se tivermos em conta este seu pensamento, isolado de sua doutrina (o que não é possível aceitar), teriam razão os que, como Menendez y Pelayo, o consideravam, a par de Luis Vives, como um kantiano em profecia (72).

Os sentidos, sempre falazes, são os informadores da

(70) — *Q. n. s., R. H.* (1915), pág. 170/171.

(71) — *Q. n. s., R. H.* (1915), pág. 171.

(72) — M. Menendez y Pelayo — *Ensayos de Critica Filosofica*, pág. 279.

mente. E esta pode se enganar a respeito da essência das cousas. Sendo assim, nada podemos saber. Se a ciência deve ser o conhecimento da essência das cousas e se os acidentes são sempre imperfeitos, chegamos à conclusão que a ciência é impossível: ao *quod nihil scitur*, que é a tese de Francisco Sanchez.

Vejamos, por exemplo, a vista. Embora derive do órgão mais perfeito e embora seja ela o mais certo e o mais nobre de todos os sentidos, a nossa visão se engana muitíssimas vezes. O seu meio externo varia. Na água, os corpos se tornam obscuros, duplos, muitas vezes maiores ou mesmo deformados. O ar, que representa melhor as cousas, por ser incolor, também transforma o aspecto dos objetos. O vidro, outro meio, ora faz o objeto maior, ora menor, ou mesmo de côr diferente. E qual dessas cousas nos dará o objeto verdadeiro, tal como é? Sôbre a natureza do ar, também nada sabemos.

A diversidade dos meios externos faz, pois, variar a visão dos objetos. No meio interno, não menores são as dificuldades. Enumera-as Sanchez para provar que, também aí, somos vítimas de muitos enganos, relatando alguns e prometendo explicá-los, ainda uma vez, no seu *Examen Rerum*. E' possível, acrescenta, que haja quem não dê importância a êstes erros e creia até que êles em nada impedem o conhecimento. Mas está muito longe de ser assim. Demócrito, Epicuro e os pirrônicos duvidam, baseados no testemunho enganador dos sentidos.

Francisco Sanchez expõe várias experiências ingênuas e sôbre elas chama a atenção do seu interlocutor afim de provar que, em conclusão, nós nada podemos saber, em vista da relatividade a que está submetida a nossa sensibilidade, base do nosso conhecimento. Os filósofos falam ainda de cinco meios internos de conhecimento: os cinco sentidos. De cada um é diversa a essência e, conseqüentemente, diversas as cousas que cada um dêles percebe. Há, todavia, algumas que são comuns, tais como o tamanho, o número, a forma. Os olhos, porém, se enganam, enganam-se quanto à forma e quanto ao número. O mesmo acontece aos outros sentidos; nada também mais falaz" (73).

Privados dos sentidos, nós nada podemos saber,

nada podemos pensar. Utilizando os sentidos, estamos também condenados ao erro. O juízo, a razão tem que confiar nos sentidos. Mas, “mesmo que os sentidos percebessem e discernissem . . . nem por isso saberiam” (74). O que devemos concluir? Que nada sabemos.

O espírito, induzido em erro pelos sentidos, engana-se ainda mais, pois, apesar de tudo, são os sentidos — como êle sempre afirma, no decorrer da sua obra — o melhor caminho do conhecimento. Estamos dêsse modo sujeitos a julgar por probabilidades e assim, conduzidos a constantes dúvidas.

Terminada esta parte, em que examinou o objeto e os meios de conhecer, trata agora Francisco Sanchez do cognoscente, do sujeito. São inúmeras as causas de ignorância da parte dêste. A vida é muito curta e nós temos muito que aprender. Já diz um aforismo de Hipócrates que a ocasião foge, a experiência é perigosa e o juízo difficil. O homem ao nascer é um pedaço de cera, capaz de todas as formas, tanto no corpo como na alma. Mais ainda nesta do que no corpo. A alma humana, da qual não se conhece a natureza, é imperfeita. Ela, por si só, sem o auxílio dos sentidos é incapaz de conhecer.

A psicologia de Francisco Sanchez, — em que se misturam dados fisiológicos e psíquicos, — promete êle tratá-la no **De Anima**. Nessa sua psicologia, tomaria um lugar de grande importância a biologia. Mas, infelizmente, não é possível encontrar no **Quod nihil scitur** um desenvolvimento que nos permita afirmar mais do que isso.

* * *

Antes de terminarmos o resumido exame do **Quod nihil scitur**, voltemos novamente ao tema predileto de Francisco Sanchez: o seu ataque aos velhos métodos da ciência, o seu combate à silogística. Vejamos quais as suas últimas palavras.

“A dialética — escreve êle — é uma outra Circe: transforma os sábios em asnos. Oxalá fôsse eu um Mercúrio para êsses nossos Enéias para que, deixando a débil e feiticeira dialética, se voltassem para a natureza

e se tornassem talvez senhores de grandes domínios” (75).

A ciência silogística é como um velho edifício, sempre a cair, sem que os loucos dialéticos se apercebam disso. Frívola e inane, a silogística não se pode manter, embora estejam os seus habitantes continuamente a trabalhar para a manterem.

Os velhos professores vivem a ensinar aos jovens essa perniciosa ciência. Assim, passa de uns a outros, êsse flagelo que impede o saber verdadeiro. Sanchez, dirigindo-se ao seu jovem interlocutor, ao qual procura mostrar, no decorrer do seu trabalho, a inaneidade da silogística, acrescenta que êle poderá servir-se de outras razões e de provas melhores que as silogísticas (76) e isso fará no seu livro *modi sciendi*, o famoso método das ciências de que falam Menendez Pelayo e Senchet, até hoje desaparecido e talvez nunca publicado.

O verdadeiro método de saber é o da observação da natureza, não o da erudição silogística, que nada constroe e que não passa senão de vasio palavrório. De que vale a opinião de Aristóteles? O próprio Aristóteles já dissera: “não é por alguém a ter afirmado ou negado que uma proposição é verdadeira ou falsa mas porque na realidade é desta ou daquela maneira” (77). Sendo assim, porque é que certos autores dizem que é ímpio e herético contradizer êsses autores, se o próprio Aristóteles afirma que a realidade e o valor das cousas dependem delas mesmas e não da opinião que se tenha delas? Só mesmo a insensatez é que pode julgar assim. “Quando se opôs (Aristóteles) a Platão, experimentou êle com patetas semelhantes, o mesmo que nós experimentamos com êstes, quando nos opomos a êle ou a outros” (78).

Esta subserviência à autoridade explica-se: ela vem da ignorância. Os sábios carecem de autoridade. O que lhes impõe respeito ao autor, é que êsses falsos sábios só conhecem um autor e irrita-os enormemente

(75) — *Q.n.s.*, *R. H.* (1915), pág. 375.

(76) — *Q.n.s.*, *R. H.* (1915), pág. 376.

(77) — *Q.n.s.* — Cit. dos “*Tópicos*”, *apud.* “*Q.n.s.* *R. H.* (1915) pág. 377.

(78) — *Q.n.s.*, *R. H.* (1915), pág. 377.

a negação da sua ciência. Os verdadeiros sábios apenas se submetem à natureza.

Depois de sublinhar as dificuldades do saber, sempre com o seu pensamento voltado para a **questão do método**, Francisco Sanchez estuda os meios que os “miseros humanos” têm para encontrar a verdade. Como não podemos conhecer as cousas *per se*, pela sua própria essência, procuramos auxiliar a nossa ignorância. **Nada podemos, é certo, perfeitamente saber. Mas, com os meios que inventamos, alguma cousa conseguimos perceber e aprender.** Estes dois meios são: a **experiência** e o **juízo**.

Nem a experiência nem o juízo podem subsistir sem se auxiliarem mutuamente. A maneira como deve ser empregada uma e outro, diz Sanchez, di-lo-à êle “num livrinho que se segue a êste, e que estamos escrevendo” (79). Referia-se talvez o filósofo ao **Método Geral das Ciências**.

A nossa experiência é falaz e muito difícil. Embora bem feita, ela só mostra o que se passa externamente e, de nenhum modo, a essência das cousas. O juízo origina-se do que se descobriu pela experiência e, dêsse modo, somente pode se exercer sobre as cousas externas. Como é, pois, possível a ciência? Quer pela experiência, quer pelo juízo, ela é impossível, pois, os únicos meios para que possamos conhecer alguma cousa, são precisamente êsses. Por essa razão, devem os jovens se convencer de que, para saber alguma cousa é mister muita experiência e não esquecerem que, tôdas elas se ligam, que um fio muito fino une uma experiência às outras muitas e infinitas. E’ por essa razão que constantemente somos obrigados a revisar os nossos juízos. E’ a muita experiência que torna o homem douto e prudente. Os livros muito nos informam sobre o saber e a experiência. Mas falham também. Voltados demais para os livros, os que julgam saber muito, afastam-se da natureza e isso constitui um grande e grave erro. Quantas vêzes se escrevem livros apenas pela vaidade de sustentar uma opinião! E quantas vêzes, essa vaidade teimosa, não transfigura a ciência e o verdadeiro conhecimento! . . .

(79) — *Q. n. s., R. H.* (1916), pág. 61.

A experiência é a melhor tradução da realidade da natureza. Mas deve ser sempre pessoal.

A experiência dos outros de pouco nos serve. Produz em nós a fé, não a ciência. Assim é que a maior parte dos letrados são fiéis e não sábios, pois vivem a beber nos livros quasi tudo, sem nada observarem por si mesmos.

O traço pessimista da raça judaica, a que pertencia Francisco Sanchez — bastante visível no decorrer do seu trabalho, — acentua-se agora, nas suas últimas páginas. E com êle, o seu “ceticismo”.

“A mim antes de começar observar as cousas, parecia-me ser mais douto. Aquilo que me tinha sido ensinado pelos mestres, guardava-o firmemente, e julgava que sabia bem, pensando que saber nada mais era do que ter visto, ouvido e conservado na memória muitas cousas. De acôrdo com isso, eu julgava êste ou aquele como o julgavam os outros, e por isso, todo me dedicava a êsse gênero de ciência, como via fazerem os demais, e só nisso trabalhava; logo, porém, que me voltei para as cousas rejeitando então a precedente fé, pois era mais fé que ciência, comecei a examiná-las, como se nunca por alguém alguma cousa tivesse sido dita, e aquilo que eu antes julgara saber, parecia-me agora ignorá-lo... e ignorá-lo cada vez mais; a tal ponto chegaram as cousas que me parece que nada sei, e nada espero poder saber, e quanto mais examino as cousas, mais duvido. E porque não hei eu de duvidar, se não posso perceber e conhecer a essência das cousas? Dessa é que deve ser a verdadeira ciência” (80).

As propriedades ocultas, tôdas essas explicações que constituem a ciência do seu tempo, nada significam. Isso não constitue explicação nenhuma: constitue, sim, ignorância. Só mesmo os aristotélicos poderiam aceitar essas explicações... E mesmo êsses são obrigados a confessar que nada sabem. Até sôbre as experiências há divergência. Como poderiam elas julgar cousas que escapam à alçada dos sentidos, se até sôbre o que dêles nos vem, não conseguimos uma completa convergência de opinião. A ciência deve ser um conhecimento perfeito. Qual seja êle

e de onde deve provir, tais são as dúvidas que se levantam. Ignoramos completamente êsse conhecimento e é bem possível que êle não exista. Aliás, é o que parece a Sanchez, mais racional. O conhecimento perfeito exige um cognoscente, um sujeito perfeito e um objeto também perfeito. Essas duas cousas, infelizmente não existem, nem na natureza há cousa alguma que seja perfeita. A ciência, definira-a Sanchez como sendo o conhecimento perfeito da cousa, do objeto, por um sujeito perfeito. Mostrou êle, no decorrer do seu trabalho, que não encontramos nenhuma condição dessa perfeição. Dessa maneira a única conclusão a que chegamos é esta: que devemos confessar que nada sabemos.

Promete Sanchez voltar a tratar do assunto em outros livros, pois, como diz, “bem sei que muitas das cousas que eu aqui disse não agradarão talvez: dirás mesmo que não demonstrei que nada se sabe. Ao menos expuz o que sentia mais clara, fiel e verdadeiramente que pude. Não quis com efeito cometer aquilo que condeno nos outros, isto é, provar a tese com razões trazidas de longe, mais obscuras e mais duvidosas talvez do que ela, pois **tenciono fundar uma ciência firme e o mais fácil que eu puder, e não cheia de quimeras e ficções alheias à verdade** do assunto, e que são arranjadas só para mostrar agudeza de engenho do escritor, e não para mostrar as cousas. Não me faltam a mim, em verdade, da mesma forma que aos outros, as subtilezas e ficções engenhosas, e tenho até mais que êles, se o meu espírito se satisfizesse com elas; mas, como isso se separa e afasta muito das cousas, serve mais para enganar o espírito do que para o instruir, e leva-o das cousas verdadeiras para as inventadas. A isso não chamo eu ciência, mas impostura, sonho, uma cousa enfim semelhante às que são feitas pelos charlatães e impostores. A ti cabe agora julgar acêrca disto: aquilo que te parecer bom, acolhe-o cordialmente, e não rasgues hostilmente o que te parecer mau, pois seria ímpio bater em quem tenta ser útil. Aplica a tua inteligência. Se alguma cousa sabes, ensina-me; muito agradecido te ficarei. Entretanto nós, cingindo-nos ao estudo das cousas, **diremos num outro livrinho, se alguma cousa se sabe, e como: nele exporemos o meio de**

saber quanto é compatível com a humana fragilidade” (81).

Assim termina Francisco Sanchez, o chamado “Cético”, o seu **Quod nihil scitur**.

(81) — *Q.n.s., R. H.* (1916), pág. 69/70.

CAPÍTULO IV

O PENSAMENTO DE FRANCISCO SANCHEZ

O pensamento filosófico de Francisco Sanchez não mereceu, durante a sua vida, a devida atenção. Todavia, no século XVII, sobretudo entre 1660 e 1665, foi êle considerado como perigosíssimo cético (1). O século XIX considerá-lo-ia como um dos precursores da filosofia moderna.

Sanchez é assim, considerado, ora como um precursor de Descartes, ora como um dos precursores de Kant. Wilhelm Windelband escreveu a seu respeito: "Sanchez partia do princípio de que o homem só pode saber aquilo que êle mesmo faz. A aplicação científica dêste pensamento estaria reservada a uma época muito posterior, muito mais avançada nas pesquisas e a um homem que grandemente desenvolveria êsse princípio, Kant. Sanchez, dentro do espírito do seu tempo, apenas entendeu que, como a atividade criadora, o verdadeiro saber só pode existir em Deus. Não obstante a sua absoluta desconfiança da ciência do seu tempo, acenou com a possibilidade de existirem melhores caminhos para a ciência, isto é, que — fora da aridez das discus-

(1) — E. Senehet, *ob. cit.*, p. XXXIV e seg. Na segunda metade do século XVII fez se sentir, principalmente na Alemanha, uma reação contra Sanchez. Nesse mesmo século, Sanchez era esquecido em França, onde o cartesianismo se espalhava. Na Alemanha, apesar do tom modesto e da prudência das afirmações de Francisco Sanchez, levantou-se contra êle séria opposição, por parte dos últimos escolásticos. Ulrich Wildius e Daniel Gartmark, ou Harmacius, combateram as suas idéias. Wildius escreve contra o "*Quod nihil scitur*" o seu

sões sôbre os conceitos — muito havia a esperar do fértil campo da experiência” (2).

Entre as duas teses que se apresentam sôbre a posição de Francisco Sanchez, perigosíssimo cético e precursor da filosofia moderna, têm oscilado os diversos historiadores da filosofia.

Quer nos parecer que, do exame do *Quod nihil scitur* deduz-se que Sanchez apenas utilizou-se do ceticismo como arma de crítica, para demonstrar que não podemos atingir, nunca, uma ciência perfeita. Usou-o, principalmente para combater a ciência dos antigos e dos escolásticos, sobretudo a ciência livresca. As tendências vigentes no seu temperamento, levaram-no para o ceticismo, afastando-o e incompatibilizando-o com o dogmatismo que caracterizou a silogística. Constantemente Francisco Sanchez opõe a essa silogística oca, tão cheia de defeitos, — defeitos que êle examina com bastante espirito critico, — a observação da natureza. Confessa ainda o filósofo, ao terminar o seu livro, que tenciona **fundar uma ciência firme e a mais fácil que eu puder, e não cheia de quimeras e ficções alheias à verdade do assunto**” (3). E, mais adiante, antes de concluir o seu trabalho, ainda ajunta: “Entretanto nós, cingindo-nos ao estudo das cousas, diremos num outro livrinho se **alguma cousa se sabe e como: nele exporemos o meio de saber quanto é compatível com a humana fragili-**

“*Quod aliquid scitur*” (Lipsia, 1661). Gartmark reeditou, enchendo-o de notas, o *Quod nihil scitur*. Esta obra appareceu sob o titulo: “*Sanchez aliquid sciens: additae sunt textui notae refutatoriae*, in 12.^o, Stettin, (1665). Ainda em 1665, Gabriel Wedderkopf, em uma dissertação, — (*Prae ceteris Franciscum Sanchez, cuius opusculum de multum nobili et prima universali scientia, quod nihil scitur, exstat, quo in strenum se collapsi ac iamdodum profligati scepticismi restauratorem praebet*”, impressa em Strasburgo) chama-o, como se vê, *restaurador do ceticismo*.

No século XIX também seriam os alemães os principais autores a estudar Francisco Sanchez. Ritter, Gerkrath e outros consagraram ao filósofo tolosano estudos que, infelizmente, não nos foi possível encontrar no Brasil.

(2) — Cf. W. Windelband — *Storia della Filosofia Moderna*, vol. I, pág. 23.

(3) — *Q. n. s., R. H.* (1916), pág. 69.

dade” (4). Francisco Sanchez não professa a dúvida pela dúvida, como os céticos antigos. O que Francisco Sanchez deseja é reconstruir completamente a ciência e expulsar do domínio dela, o velho e ineficaz tram-bolho da silogística medieval. Em muitos trechos do **Quod nihil scitur**, como tivemos ocasião de ver, encontramos alusões a este fato. Sanchez é um precursor de Bacon e de Descartes, da filosofia moderna. A sua intenção de escrever um outro livro, em que estabeleceria um saber compatível com a fragilidade humana, indica que ideava talvez, como o faria mais tarde o Chanceler Bacon, um **Novum Organon**. Esta idéia da necessidade de uma grande transformação das ciências e dos seus métodos, parece ter sido Francisco Sanchez um dos primeiros a apresentá-la. E’ certo que, já no século XIII, um outro Bacon havia se voltado para o estudo das ciências, mostrando-se porém, como Sanchez, admirador de Aristóteles mas, ao mesmo tempo, tomado de desprêzo pelo aristotelismo do seu tempo (5). No século XVI é Sanchez, porém, um dos primeiros a referir-se a uma transformação do método das ciências.

Filósofo da Renascença, Francisco Sanchez trabalha, como escreve F. Strowski, numa meia luz. O passado ainda é por demais atuante para que Sanchez possa, com segurança, nessa meia luz do século XVI, perceber, com clareza, todos os contornos da ciência moderna. “A Renascença, como escreve Léon Brunschvicg, se volta contra si, trazendo à superfície, num inextricável amontoado de opiniões e de raciocínios, tôdas as escolas dos filósofos, sem possuir por sua própria conta um método exato que dê à inteligência o poder de discernir entre elas” (6).

Resulta daí a sua crítica, cheia de contradições; a sua vaga esperança num novo método do saber, apropriado à fragilidade humana.

Era necessária, precisamente, uma experimentação mais completa e concreta, uma observação mais apro-

(4) — *Q. n. s.*, R. H. (1916), pág. 70.

(5) — Cf. Ch de Rémusat — *Bacon, sa vie, son temps et sa philosophie*, 3a. ed., pág. 377.

(6) — Léon Brunschvicg — *Les Progrès de la Conscience dans la Philosophie Occidentale*, T. I, pág. 127.

fundada da natureza, para que se realizasse aquilo que êle, sem outros meios que a sua aguda inteligência, previra nesse libelo contra a ciência livresca do seu tempo que é o **Quod nihil scitur**.

Quer nos parecer que **O que nada se sabe** sancheziano significa que nada sabemos pelos velhos metodos da filosofia escolástica. Na sua fragilidade, a ciência dos homens nunca pode ser perfeita. Não será nunca um saber definitivo, mas uma busca constante do saber. A filosofia de Francisco Sanchez, ao mesmo tempo que nos assinala uma transformação curiosa da história do pensamento humano, apresenta certos princípios de filosofia geral que indicam o caminho do pensamento moderno da filosofia, isto é, o nascimento de uma orientação nova, o nascimento de uma filosofia crítica. A filosofia será assim uma atividade permanente do espírito, sempre suscetível de aperfeiçoamento. Dessa maneira será, nas suas conclusões, provisória e fragmentária como a própria ciência, com a qual, aliás, ela está estreitamente ligada.

Que nada se sabe, — significa, pois, que todo tipo de filosofia, fixado uma vez por tôdas, que tôda espécie de dogmatismo não pode, de maneira alguma, satisfazer o espírito humano. Como escreve um dos filósofos contemporâneos, “a obstinação nas fórmulas de um sistema, mesmo que êle seja chamado de racionalista, deve sempre parecer, ao verdadeiro filósofo, como alguma cousa de perfeitamente irrazoável” (7). Sanchez teve ainda ocasião de acentuar no seu trabalho, êste pensamento, que é bem do nosso tempo: a especulação filosófica é um contínuo aprofundamento da consciência das relações entre o homem e o mundo. Enfim, ciência e filosofia se confundem. Mas, enquanto o espírito do cientista se volta mais para a observação dos fatos da natureza, enquanto para êste último, é suficiente a experiência, o filósofo, — e isto assinalou-o muito bem Francisco Sanchez, quando aludiu à própria insuficiência da experiência — o filósofo tem que ir além da experiência. A êle cabe a crítica dos princípios e dos métodos, o exame do problema do conhecimento, a análise do próprio espírito.

(7) — Léon Brunschvicg — *Finesse et Géometrie*, in *Evolution de la Physique*, pág. 104.

Em uma palavra, tudo o que é humano interessa o filósofo e, por serem infinitos os objetos humanos é que nunca haverá para o filósofo, como afirma Sanchez, uma ciência perfeita. E' ainda o orgulho estulto da filosofia medieval que Sanchez quer combater com o seu libelo, o **Quod nihil scitur**. E' a boa causa do relativismo, do verdadeiro humanismo do qual Francisco Sanchez toma a defesa.

O dogmatismo sempre deu origem às reações cétricas. Assim o estreito dogmatismo medieval fará nascer a crítica de Sanchez.

Sanchez propôs-se a uma crítica radical da velha escolástica dando à luz o seu trabalho para que o mesmo saísse, como êle mesmo o diz, na dedicatória a Diogo de Castro, “a batalhar contra a mentira” (8). O seu temperamento, a sua formação, talvez a sua raça, o seu ensino da filosofia na Faculdade de Artes de Tolosa, levariam-no à dúvida e à crítica. De tal modo havia sido forte a ação da Escolástica, subjugando as Universidades no respeito à letra das obras do Estagirita, que uma forte reação teria fatalmente de se produzir. A dúvida, de que se serviu Francisco Sanchez para afirmar a fragilidade da ciência humana, serviu ainda para mostrar que apenas uma ciência provável pode ser conseguida pelos homens e, de nenhum modo, uma ciência dogmática, orgulhosa e ineficaz como a que derivava da Escolástica.

Vejamos agora em que consiste a “filosofia” de Francisco Sanchez. Como tivemos ocasião de ver, nas páginas do **Quod nihil scitur**, que acabamos de resumir, constantemente indaga o filósofo o que podemos saber e, repetidamente, a esta pergunta obtemos a resposta: **nada**. Sócrates, o doutíssimo e justo varão, como diz Sanchez, já havia declarado que só uma cousa sabia: que nada sabia. Sanchez, por sua vez, está ainda menos seguro, pois julga que mesmo sôbre a nossa ignorância devemos ter dúvidas.

O ponto de partida do seu pensamento é, como se vê, negativo. Mas, serve-se êle dessa negação para destruir o vasto edifício da especulação filosófica da sua época e, ao mesmo tempo, para indicar quais os elementos que devem constituir a ciência perfeita, o verdadeiro

(8) — *Q. n. s.*, *R. H.* (1913), pág. 123.

conhecimento. Inicia a sua destruidora crítica pela filosofia aristotélica, pela filosofia oficial.

Essa crítica visa principalmente a lógica e a metafísica. Logo de início critica êle a definição que, a seu ver, é mera palavra e a demonstração silogística que nada pode construir. No exame que faz da metafísica, destroe, por sua vez, todos os princípios, tôdas as causas que são o maquinismo que anima a filosofia aristotélico-medieval. Aristóteles, diz êle, com profunda penetração examinou a natureza; foi, sem dúvida alguma, um grande observador da natureza. Mas os seus seguidores não parecem haver compreendido que a sua silogística se baseia num dogmatismo ao qual a própria natureza não dá lugar. Êste é absolutamente incompreensível para o seu espírito. A natureza não cabe, de maneira nenhuma, nas estreitas fórmulas das definições nem, tão pouco, nas variadas modalidades dos diversos silogismos. Tôda a complicada máquina silogística não passa de vazio palavrório. Predicamentos, categorias, espécies, gêneros, tudo isso se reduz a uma série de nomes, sem nenhuma significação. E é a essas bagatelas que se atêm os doutores da ciência oficial.

Se estas definições não apresentam nenhum valor, também nenhum valor têm as demonstrações de Aristóteles e dos seus sucessores, pois, estas se baseiam naquelas. Dizendo que a ciência se obtém por demonstração, Aristóteles afirma, ao mesmo tempo, que a demonstração é obra da ciência, e assim comete um verdadeiro círculo vicioso.

O conhecimento que se obtém dessa maneira, é obscuro, inacessível ao homem. Como se pode provar que o homem é um ser? — pergunta Sanchez. Os lógicos responderão: o homem é uma substância, a substância um ser, logo o homem é um ser. Mas o que é substância? — perguntará, novamente Sanchez. E dêsse modo continua êle a apresentar sempre mais e maiores dificuldades à argúcia dos dialéticos.

O que parece certo, porém, é apenas isto: recorrendo à silogística, o método por excelência da velha ciência, estamos sempre no mesmo lugar. Com êste método, a ciência não pode realizar progressos.

Os chamados sábios, cujo saber se encontra todo concentrado na silogística, parecem ter medo que a ciência seja cousa simples. Querem-na propositadamente complicada. Na obra dos sucessores medievais de Aristóteles. Sanchez encontra, em última análise apenas isto: querelas de palavras.

Prefere Sócrates, Platão, que não ousaram afirmar e que não construíram um tão complicado instrumento do saber. Em lugar de passar o tempo a ajuizar como devem ser as cousas e o próprio pensamento, melhor é agir e aproveitar o tempo em cousas construtivas. Os silogistas vivem a falar de uma porção de cousas que não sabem. São como os que ensinam a construir uma casa, a lhe traçarem planos, sem nunca haverem efetivamente construído nada. Voltemo-nos para a observação da natureza e deixemos que êsses lógicos se percam no labirinto que, por gôsto e vaidade, vivem a percorrer. O verdadeiro ponto de partida da ciência é a experiência, a observação dos fenômenos da vida. A mesma crítica, já vimos, é feita à metafísica de Aristóteles, destruindo assim Francisco Sanchez, não apenas os métodos da velha ciência mas o seu próprio conceito.

Dissera ainda Aristóteles que o conhecimento é um hábito obtido pela demonstração. Isto é motivo de espanto para Francisco Sanchez. Vimos já que a demonstração não tem nenhum valor, ao ver do filósofo. Este hábito para Aristóteles é, em suma, uma associação de tôdas as nossas representações. Mas a ciência, como visão interna e subjetiva, não se poderia explicar como sendo um simples hábito de associar cousas ou objetos no espirito. Tivemos ocasião de ver, no capítulo anterior, que Sanchez combate a doutrina da reminiscência de Platão, onde Aristóteles foi buscar a sua definição da ciência. Tudo isso para Francisco Sanchez não passa de mito e nessa idéias não há a menor suspeita de realidade, o que, para êle, é cousa muitíssimo grave.

A ciência é o conhecimento dos objetos pelas suas causas. Mas esta noção é ainda mais complicada do que a outra. E' sabido como estas noções têm perturbado, até hoje, os arraiais filosóficos e científicos!...

Causa, essência, — de que maneira poderia o nosso espírito penetrar nisso tudo?

Seguindo o velho argumento de Sexto Empírico, cuja leitura lhe teria sido familiar, antepõe Sanchez a essa definição de Aristóteles, o célebre argumento do progresso até o infinito. Os sábios, para conhecerem bem as cousas, deveriam remontar até às primeiras causas. E, — indaga Sanchez, — como poderia isso ser possível? Naturalmente o filósofo exagera, talvez propositadamente para atacar os peripatéticos, pois não deveria desconhecer, como erudito que era, que as ciências possuem uma história e “se compõem da soma de verdades adquiridas sôbre as quais se apoiam as que veem por último para poderem progredir” (9).

De outro lado, com princípios indemonstráveis não se constroe a ciência. O que devemos concluir de tudo isso? Que nada sabemos e que a lógica e a metafísica aristotólicas são simplesmente ciências fictícias.

Destruído o valor da lógica e da metafísica de Aristóteles, reinante ainda nas Universidades do tempo de Sanchez (10), o que deve se colocar em lugar delas? Não se trata apenas de destruir, mas sim de construir. Mas como construir? Aí falha a argúcia de Sanchez.

Antes de mais, vejamos qual a crítica que o filósofo vai fazer do conhecimento. Para isso, mister é que êle mesmo nos forneça a sua definição. E esta, como já tivemos ocasião de ver, é: **a ciência é o conhecimento perfeito do objeto**. Mas êste ideal é irrealizável, porque, para conhecer o todo, necessário seria conhecer tôdas as suas partes. Vimos, ao examinar o **Quod nihil scitur**, a profunda observação de Sanchez sôbre as re-

(9) — Gaston Sortais — *La Philosophie Moderne*, t. I, pag. 41.

(10) — Para indicar apenas o quanto era temerário atacar Aristóteles, e as suas doutrinas, é suficiente ter em conta que a escolástica, nesse tempo, e mais tarde ainda, podia ter em seu auxílio para castigar os que a atacavam, “o braço secular”. Em 1624 houve em Paris um grande escândalo a propósito de um processo de teses que haviam sido apresentadas contra a doutrina de Aristóteles. Eis como Charles Adam, o illustre biógrafo e um dos editores de Descartes, nos conta o caso: “Estas (as 14 teses contra Aristóteles) deviam ser disputadas publicamente, nos dias 24 e 25 de agosto, sábado e domingo, por três companheiros: Jean Bitault, Etienne

lações que possuem entre si as diversas ciências e como, com palavras verdadeiramente proféticas, anunciava êle a futura ciência das funções, que só o século XVII estaria em condições de encontrar e os séculos XVIII e XIX de desenvolver.

O mundo nos oferece, diz Francisco Sanchez, um largo e variado espetáculo. Os seres que o povoam são infinitos ou finitos? Ninguém pode afirmar tal cousa. Tudo aí nos escapa e qualquer afirmação que queiramos fazer será pura vaidade. Além disso, o mundo é como um relógio. Necessitaríamos conhecer tôdas as suas engrenagens e não as conhecemos tôdas nesse vasto mecanismo que é o mundo. Nem sequer poderemos conhecê-las porque elas se acham tão ligadas umas às outras que nos escapam. Além disso o mundo, e com êle tudo, acha-se submetido à dura lei da evolução. Quando começamos a conhecer alguma cousa, ela já se modifica, se transforma e dêsse modo, nunca podemos, acêrca de qualquer objeto, afirmar o que quer que seja. E' uma lição de relativismo que o filósofo nos dá.

Em relação ao cognoscente, ao sujeito, outro não é o resultado. Mostrou Sanchez que o homem não pode atingir a essência das cousas e que os nossos conhecimentos derivam dos sentidos. As nossas ilusões aí também têm origem. Os meios pelos quais obtemos as imagens que vão ao nosso espírito variam, variam sempre, sem nos dar nenhuma possibilidade de afirmar.

O ar, a água, todos êsses meios, através dos quais nós percebemos os objetos, os transformam. Nunca podemos dizer se êles são realmente aquilo que

de Claves "médecin chymiste" e Antoine Villon "le soldat philosophe". "Uma das mais belas salas de Paris havia sido reservada para isso, e mais de mil pessoas já aí se achavam reunidas. Esta propaganda pela palavra era bem mais perigosa do que a feita pelos livros. Assim, antes que se desse início à disputa, por determinação do Primeiro Presidente, a sala foi evacuada. A seguir, a pedido da Sorbona, o Parlamento baixou uma ordem, em 4 de Setembro de 1624 para que as teses fôsem rasgadas e os seus autores exilados da cidade. Além disso, sob pena de morte, foi ordenado que não se ensinasse máxima nenhuma contra os autores antigos. A mais ampla publicidade foi feita sôbre êsse processo e o *Mercure François*, publicou-a in extenso.

vemos, ouvimos ou tocamos. Nada é mais certo do que os sentidos, mas nada também mais enganador do que êles. Que podemos, pois, saber? Estamos condenados ao mais completo relativismo.

E o espírito? Nos seus primeiros anos, no homem, diz Sanchez, êle é como a cera mole, onde tudo pode ser impresso. Mas o espírito evolve e adquire vícios, moléstias, como o próprio corpo, do qual êle é o espêlho. E' bastante notar como as opiniões dos homens são diferentes, para mostrar quão frágil é o espírito.

Que perfeição podemos portanto atingir? Nenhuma. Nossa ciência é relativa, depende de tantas e tão variadas condições que nunca podemos afirmar com segurança ser ela perfeita. A imperfeição é o caráter constante da vida dos homens. Imperfeição dos sentidos, imperfeição do espírito, imperfeição do próprio objeto, imperfeições que nos obrigam a concluir que todo o nosso saber é inútil.

A noção da perfeição, de uma ciência certa e segura, é eliminada no pensamento de Francisco Sanchez como inacessível ao homem. Não significa isto, porém, que o homem seja incapaz de obter uma ciência, provisória e limitada. O próprio Sanchez promete um **novo método**, que um dia porá de acôrdo, de maneira harmoniosa, o pensamento e a experiência.

Se Francisco Sanchez não chegou, talvez, a publicar o seu famoso e prometido **Método**, deixou todavia, nas páginas do trabalho que examinamos, alguns trechos que mostram que êle já entrevia, senão mesmo possuía, alguma noção de uma **nova orientação do saber, da nova ciência**.

Não nos furtamos ao prazer de reproduzir aqui, nos seus próprios termos, esta curiosa sentença do Parlamento de Paris.

Mercure François. t. X (impresso em 1625) Texto da ordem baixada contra os três filósofos anti-peripatéticos:

“Veu par la Cour la Requête presentee le 28 aoust 1624 par les Doyen, Syndics & Docteurs de la Faculté de Théologie en l'Universitez de Paris, tenant à ce que, pour les causes y contenués, fust ordonné que les nommez Villon, Bitault & de Claues comparoistroient on personne, pour reconnoistre, aduoër ou desaduoër les Théses par eux publiees, & ouy leur declaration estre procedé contr'eux ainsi que de raison: cependant

O pensamento de Francisco Sanchez possui, porém, como quasi todo pensamento dos filósofos dêste período do século XVI, dois aspectos. De um lado estão êstes filósofos influenciados pela erudição, pelos clássicos e, de outro, — graças ao desenvolvimento que começam a ter as experiências científicas, — por uma incipiente e ainda desorganizada concepção nova da ciência. Evidentemente, o que mais ressalta, na obra de Sanchez, no *Quod nihil scitur*, é a erudição. O famoso *Método Geral das Ciências*, que êle teria escrito, não nos é hoje conhecido, e, como vimos, alguns autores duvidam até que Sanchez tivesse chegado a escrevê-lo. Todavia, por êsse veemente panfleto que é o *Quod nihil scitur*, em que se destroe a ciência oficial escolástica, percebe-se que o autor, na época em que o escreveu, já perdera tôda confiança no valor dessa ciência. Victor Brochard, no seu excelente estudo sôbre o ceticismo antigo, assinala a posição em que estavam os pensadores do III século da nossa era, descrentes da dialética estéril e por isso voltados para a observação da natureza, à procura de um “novo método” que os pudesse conduzir a uma interpretação mais exata da natureza.

Da mesma maneira que os pensadores do III século, que Sexto Empírico, — e já aquí acentuamos à influência dêste autor, no decorrer do século XVI —, os pensadores da Renascença, também cansados e conven-

permis faire saisir lesdites Theses, & et deffenses faites de les disputer: copies imprimées desdites Theses, pour estre agitées en public le 25 Aoust: Arrest du 29 dudit mois, par lequel ladite Cour auroit ordonné, que lesdites Theses seroient communiquées aux Docteurs de la Faculté de Theologie pour donner avertis sur icelles: l'avis de ladite Faculté du 2 Septembre contenant la censure des propositions contenues esdites Theses: les procès verbal de Cassault Huissier, du 3 Septembre, contenant la perquisition faite dudit Villon, ledit de Claues ouy, conclusions du Procureur General du Roy, & tout considéré,

La Cour, apres que ledit de Claues a esté admonesté, ordonne que lesdites Theses seront deschirées en sa présence, & que commandement sera fait par l'un des Huissiers de ladite Cour ausdits de Claues, Villon & Bitault, en leurs domiciles, de sortir dans les 24 heures de cette ville & lieux du ressort de Paris, avec deffenses de se retirer dans les villes & lieux du ressort de cette Cour, enseigner la Philosophie en aucune Vniuersitez d'iceluy, & à toutes personnes de quelque qualité

cidos da inutilidade da silogística, procuraram na observação da natureza, o método novo que lhes poderia dar uma paisagem mais adequada e verdadeira do mundo.

E' sabido que entre os cétricos do III século, abundavam os médicos. O exercício da medicina é, talvez, um domínio favorável para conduzir ao ceticismo. De outro lado, a incerteza das observações da ciência antiga, inclinava os médicos e naturalistas a usarem um conjunto de regras próprias à observação, e era êste conjunto de regras empíricas que os cétricos antigos desejavam substituir à dialética. Não era ainda a ciência, diz Brochard, era "uma arte ou uma rotina, mas que, ao ver dêles, era bem preferível à ciência vã da qual se haviam servido até então" (11).

No século XVI, os filósofos entrevêm de modo semelhante um outro novo conjunto de regras que devem substituir a escolástica, já ineficaz e envelhecida, incapaz de dar conta das razões que regem a vida do Universo.

E' suficiente verificar os títulos das obras anunciadoras da revolução científica que se vai realizar no decorrer do século XVI: *Instaurato magna*, restabelecimento, restauração da ciência, *Novum organon*, um novo instrumento da ciência, para Bacon; *Regulae ad direc-*

& condition qu'ils soient, mettre en dispute lesdites propositions contenues esdites Theses, les faire publier, vendre & debiter à peine de punition corporelle, soit qu'elles soient imprimees en ce royaume ou ailleurs.

Faict deffenses à toutes personnes, à peine de la vie, tenir ny enseigner aucunes maximes contre les anciens Auteurs & approuvez, ni faire aucunes disputes que celles qui seront approuvees par les Docteurs de ladite Faculté de Theologie. Ordonné que le present Arrest sera leu en l'Assemblée de la dite Faculté en Sorbonne, mis en transcrit en leurs Registres, & autres copies collationnees d'iceluy bailliees au Recteur de Vniuersitez, pour estre distribuees par les Colleges, à ce qu'aucun n'en pretende cause d'ignorance.

Fait en Parlement, & prononcé le 4 jour de Septembre 1624. Ledit jour, ledit de Claues mandé, lesdites Theses ont esté deschirees en sa presence. Signé Gallard", *apud* Charles Adam — "*Vie & Oeuvres de Descartes*", t. XI, págs. 85/87.

(11) — Victor Brochard — *ob. cit.*, pág. 39.

tionem ingenii, regras para a direção do espírito, para Descartes. E enfim: **Discurso do Método**.

Já aí vai largo espaço entre o momento da **Docta Ignorantia** e o do **Discurso do Método**. O que se verifica, durante êsse espaço de tempo, é que a Escolástica e a sua silogística são ineficazes. Quereis conhecer algo de novo, a natureza das cousas e do próprio homem? As respostas a essas perguntas não podem ser dadas nem por Aristóteles, nem pelos seus sucessores, os escolásticos. Elas só poderão ser respondidas pela ciência que se fundamentar na observação da natureza. Naturalmente, até que os sábios pudessem chegar a constituir um novo método, — do qual ainda o século XX se aproveita — mister foi que uma árdua e demorada batalha se travasse. E não seriam poucos os fracassos e pequeno o desânimo. E' isto que explica a dúvida do século XVI. E' essa dúvida seiscentista que os primeiros trechos do próprio **Discurso do Método**, de Descartes, ainda encerram.

Sanchez inspirar-se-ia na lição dos cétricos antigos e sofreria a influência da confusão renascentista. Compreenderia a inutilidade, o vazio da ciência escolástica, mas ainda não se encontrava, nem o permitia a ciência do seu tempo, em condições de estabelecer as bases de um novo método. Daí o seu desânimo, o seu desencorajamento que toma a forma de um ceticismo quasi completo.

Um dos autores do século XVII que estudou a "filosofia" do **Quod nihil scitur**, classificou Francisco Sanchez de "restaurador do ceticismo". E' certo que Gabriel Wedderkopf escrevia ainda em 1665 e não podia, por estar vivendo no momento mesmo em que ainda se travava a batalha pela ciência moderna, perceber todos os matizes do pensamento do filósofo tolosano. "Os anos que decorem de 1450 a 1650 assistiram ao desmoronamento paulatino daquela concepção medieval da natureza, primitiva e afastada da realidade, bem como ao gradual desenvolvimento do espírito moderno" (12). Mas o espírito moderno somente seria conquista definitiva, um século e meio após a publicação do "**Discurso do Método**", quando outras preocupações iriam focali-

(12) — F. Sherwood Taylor — *ob. cit.*, pág. 120.

zar, sob aspectos novos, o problema do homem político e social.

O pensamento de Francisco Sanchez estava destinado a desaparecer na grande evolução que a filosofia iria fazer após o advento do cartesianismo, do qual o próprio Sanchez seria um dos anunciadores. E' destino dos precursores serem esquecidos quando os seus sonhos ou as suas previsões se realizam. Foi o que sucedeu a Francisco Sanchez.

Todavia, a linha mestra do seu pensamento aparecerá nos sistemas filosóficos dos séculos XVII e XVIII e mesmo, do século XIX.

De pouco valeria fazermos aqui o paralelo de Sanchez com os filósofos que se lhe seguiram, principalmente Francisco Bacon, Renato Descartes e Emanuel Kant. Em todos êles, naturalmente aparecerão elementos da filosofia de Sanchez que se desenvolveram desde o século XVI, que se revigoraram no século XVII e que, já sujeitos a uma nova crítica, vão se expandir e florescer completamente na filosofia contemporânea. Em poucos séculos, a fisionomia do pensamento filosófico vai se modificar completamente e os esboços desaparecerão. O experimentalismo triunfa e, aproveitando-se do progresso da ciência, a filosofia se enriquece. O pensamento de Sanchez porém, ia além do simples experimentalismo: anunciava o nascimento da filosofia crítica.

A relação das idéias de Sanchez e Descartes, por exemplo, são muito estreitas. Já houve até quem puzesse lado a lado, a compará-las, as idéias do **Quod nihil scitur** e as que são emitidas no **Discours de la Méthode** (13). O pensamento dêstes dois autores, nas suas origens, é quasi o mesmo. Apenas Descartes não detem a sua obra no **Discurso**. Êste é um programa a ser cumprido. O seu trabalho não se limita apenas à crítica da velha ciência e a anunciar um novo método **da ciência**, como fizera Sanchez, mas a criá-la e a lhe dar a expressão adequada. Descartes é um cientista. O seu programa, o **Discurso do Método**, vai êle realizá-lo estudando a física, a geometria analítica, a anatomia e a fisiologia, visando sempre encontrar os liames que envolvem todos os aspectos do Universo e que nos podem fornecer, sôbre tôdas as cousas, idéias claras e dis-

(13) — Alfredo Pimenta — *ob. cit.*, pág. 92/93.

tintas (14). Sanchez limita-se à crítica, a derrubar o velho edifício que já desde o século XV ameaçava ruir.

Emilien Senchet, nas últimas páginas do seu excelente trabalho sobre Sanchez, porfia à procura dos filósofos que têm relação com o pensamento do autor que estudou, e encontra ainda algumas relações entre Sanchez e Kant. Não desejamos acompanhá-lo nessa ingrata e inútil tarefa. Seria desmerecer, seria mesmo deslustrar o pensamento do filósofo que, com tanta energia, afirmou, logo no prefácio do seu livro, que ninguém deve jurar na palavra dos mestres. Se Sanchez “teria aderido às teorias de Kant”, como curiosamente diz Senchet (15), é cousa que nem êle, nem ninguém pode afirmar...

O que Sanchez fez foi, para a sua época, um livro cheio de inteligência. Era mister criticar a velha lógica, velho e imprestável instrumento da ciência. O seu ataque e as suas críticas têm um alto interesse histórico, pois influíram nos autores que se lhe seguiram e foram certamente, fecundas. Mas não devemos ultrapassar o sentido histórico que elas têm.

Francisco Sanchez é, sem dúvida alguma, um dos precursores da filosofia moderna. Espírito atilado, afeito à observação, que os estudos médicos deviam aguçar, havendo frequentado os melhores centros de estudos de ciências naturais do seu tempo, sobretudo as escolas naturalistas da Itália; em frequentes relações com os homens cultos da Península Ibérica, homens que nessa época grandemente contribuíam para “a formação de uma cultura nova, de base experimentalista e de tendência crítica” (16), Francisco Sanchez foi um dos primeiros a compreender que a ciência necessitava novos métodos para poder progredir.

Atacou os aristotélicos porque êstes, a seu ver, desvirtuavam o próprio sentido da obra do grande pensador e do grande naturalista que foi Aristóteles. Mas

(14) — Cf. Gaston Milhaud — *Descartes Savant*.
Cf. E. Gilson — *René Descartes — Discours de la Méthode*, págs. 137, 368.

(15) — Cf. E. Senchet — *ob. cit.*, pág. 129.

(16) — Jaime Cortezão — *Teoria Geral dos Descobrimentos Portugueses*, pág. 49.

compreendeu também — cousa que para o seu tempo já era muito — que Aristóteles pertencia a uma outra época e que “atrás dos tempos, tempos vêm”, que era necessário procurar, continuar sempre a pesquisar e a refletir: enfim, que a tarefa da filosofia é alguma cousa que está sempre em aberto, sempre a se fazer, e que consiste nisso a sua grandeza e a sua miséria. Grandeza no ansêio do saber. Miséria, na nossa humana fragilidade, para atingir êsse saber.

Para Francisco Sanchez, como tivemos ocasião de ver, os únicos meios que possuímos para constituir a ciência são a razão e a experiência. A autoridade, êle a relega como valiosa apenas para as questões relacionadas com a fé. Salva assim, aos olhos da suscetível autoridade religiosa da sua época, a sua talvez duvidosa ortodoxia. No domínio do saber, só aceita a razão que deriva da experiência. Não fôssem as suas últimas palavras no **Quod nihil scitur**: “diremos num outro livrinho se alguma cousa se sabe e como: nele exporemos o método, tanto quanto é compatível com a humana fragilidade” (17) — êle bem poderia ser considerado como um cético. Mas essa sua atitude, já tivemos ocasião de dizer, foi mais uma posição de combate contra a ciência tradicional, uma espécie de “introdução à uma série de trabalhos de um gênero especial e empírico que êle não pôde ou não quis realizar” (18). A verdade, êle a procurará tanto quanto lhe seja possível. Procurá-la, trazê-la à luz, mas sem a esperança de possuí-la completamente, pois a verdade nunca é inteiramente possuída. O que é o nosso saber? Apenas uma “certeza temerária, junto a uma ignorância completa” (19).

Francisco Sanchez não possui, é certo, uma firme confiança na razão. O mais humilde fenômeno dêste mundo, encerra em si os mais complicados enigmas. A indecisão de Sanchez e a sua tendência cética o retêm. No mundo, diz êle, o número dos objetos é infinito e infinitas são as ligações que os prendem uns aos outros. O conhecimento perfeito de tôdas as cousas seria o

(17) — *Q. n. s. . R. H.* (1916), pág. 70.

(18) — Harald Höfding — *ob. cit.*, pág. 195.

(19) — Sanchez — “*De Divinatione per somnum*”, *cit.*, *apud* Gaston Sortais — *La Philosophie Moderne*, T. I, p. 37.

de tôdas as suas ligações, e o homem não o possui. E', pois, inacessível ao homem o completo e perfeito conhecimento. Menos confiante que Telésio e Bacon, não chega êle a escrever o seu prometido tratado: o **método geral das ciências** (20).

Sanchez sabe que a inteligência do homem é frágil. De que maneira, com uma inteligência limitada, poderia o "miserio verme que é o homem", aprender o infinito e o eterno? Mas, apesar dessa fragilidade, o homem pode conhecer, ao menos aproximativamente, alguma cousa.

A ciência é o conhecimento perfeito da cousa, do objeto. Portanto, inacessível ao homem. Mas podemos dela nos aproximar e, para isso, mister é que se construa um **novo método de saber**. O que a silogística, propunha, era simplesmente presunção, ignorância. Com ela não podemos contar.

E' mister que se destrua, pois, êsse instrumento nefasto de erros, de ignorância presunçosa e vã que é a silogística que, a subsistir, sômente poderá induzir os jovens em erros e mentiras e, dessa maneira, perpetuá-los ainda por muito tempo. Tôda a obra de Sanchez visa destruir a dialética, essa nova Circe que, na rude expressão do filósofo, transforma os doutores em asnos (21).

Em outro livro, mostraria Francisco Sanchez qual deveria ser o "**novo método do saber**". Essa promessa feita no **Quod nihil scitur**, não a cumpriu Sanchez, apesar de haver vivido ainda por largos anos. Porque? Ter-se-ia convencido da inutilidade de qualquer esforço? A sua atitude cética tê-lo-ia possuído completamente? "Quando se sabe, escreve Sor-tais, que os dias do nosso médico filósofo eram ocupados com direção de um hospital, com os cuidados da sua clientela, pelo preparo dos seus cursos e com a composição de suas obras médicas, pode-se facilmente pensar que não lhe sobrava lazer e calma para compor o **libellus** prometido. A emprêsa era ardua e ousada. Após haver

(20) — Supõe Menendez y Pelayo, que êsse tratado foi escrito, e em castelhano, e que andaria perdido em algum canto das muitas e riquíssimas bibliotecas da Europa. Cf. Menendez y Pelayo — *Ensayos de Critica Filosofica*, pág. 298, nota 1.

(21) — *Q. n. s., R. H.* (1915), pág. 375.

rejeitado o método silogístico, era mister substituí-lo agora por um novo método. Esta seria a tarefa de Bacon e de Descartes. Para realizá-la não era Sanchez o indicado. Não que lhe faltasse por certo força intelectual para isso. Mas faltava-lhe tempo” (22). É isso aliás o que o seu discípulo, Raimundo Delasso, que viveu na intimidade do filósofo, confirma.

Delasso nos conta ainda que “o ilustre professor não se deixava levar pela corrente pirroniana, sobretudo no que dizia respeito às cousas divinas e aos dados fornecidos pelos sentidos. Apenas suspendia o seu juízo sobre as questões incertas ou que se prestavam a conjecturas passageiras (23).

Francisco Sanchez, — isso se verifica no seu **Quod nihil scitur**, — era um observador, um espírito interessado no estudo da natureza, razão pela qual, na sua crítica poupa Aristóteles, que era um grande naturalista. Como todo experimentador, possuía grande desconfiança, uma quasi absoluta desconfiança e desprezo, pela especulação. A descoberta das verdades, êle não as podia compreender como alguma coisa que decorresse de meros raciocínios. Penetrar na realidade dos objetos, eis a primeira condição para saber, condição aliás inacessível ao poder do homem. Francisco Sanchez é um médico, um médico que reedita, no século XVI, a atitude que na Antiguidade os céuticos empíricos assumiram diante da dialética. No prefácio do **Quod nihil scitur**, como tivemos ocasião de ver, êle anuncia que o seu novo método de considerar a filosofia, êle o irá buscar à medicina.

Mais profundo que Bacon, Francisco Sanchez afirma que a fonte de todo o saber é o espírito humano. Nenhum conhecimento dado pelos sentidos pode ser mais seguro do que aquele que temos pelos nossos estados internos. Estamos sempre mais certos de uma volição, de um desejo do que uma percepção de um objeto da natureza. Todavia esta experiência interna é menos clara e mais vaga do que a experiência externa. Vendo mais longe do que Bacon, o seu pen-

(22) — Gaston Sortais — *ob. cit.*, pág. 39.

(23) — Gaston Sortais — *ob. cit.*, pág. 39, cit. do “*De Officio*”, de R. Delasso.

samento está ligado de preferência à corrente que Descartes iria tão brilhantemente desenvolver mais tarde.

Obra feita apenas no sentido negativo, o **Quod nihil scitur**, como as outras muitas negações do século XVI, seria esquecida. A sua intenção de construir um novo método, não foi cumprida. Assim, o seu valor, que é grande sem dúvida alguma, — para a sua época — ficou aí confinado sem a eficácia que poderia ter conseguido se, a essa negação que é o **Quod nihil scitur**, se houvesse seguido uma parte construtiva. Os homens do século XVI, agitados pela multiplicidade de correntes de pensamento que repontavam nesse período de liberdade e de individualismo, não poderiam realizar a nova obra de construção do saber. A Renascença não estava ainda amadurecida, principalmente no sentido da experiência, para poder produzir a reforma desejada por Francisco Sanchez. Caberia a outros realizá-la.

E' essa reforma, indicada por êle, que o pensamento humano vai realizar no decurso dos três séculos que o seguiram. O espírito crítico que se esboça na obra dos pensadores do século XVI e principalmente na obra de Francisco Sanchez vai sendo lentamente desenvolvido e completado. Como diria o seu continuador Francis Bacon, "artem inveniendi cum inventis adolescere posse statuere debemusà (24) — devemos declarar que o progresso do método está ligado aos próprios progressos das diversas ciências.

Essa idéia já a apresentava Francisco Sanchez no seu **Quod nihil scitur**, em 1581.

(24) — N. Bouillet — *Oeuvres Philosophiques de Fr. Bacon*,
pág. 82, t. II.

CONCLUSÕES

Ao iniciar este trabalho, dizíamos que a obra de Francisco Sanchez, embora traduzisse ainda a confusão de sua época, anunciava já, na Renascença, algo de novo: o desejo de renovar completamente o método da ciência. E, com êle, o da filosofia.

E' tempo agora de concluirmos.

Sanchez não realizou o que muitas vêzes prometeu no seu libelo contra a silogística. Fez crítica, mas crítica negativa. Nem outra podia êle fazer no seu tempo, em que as ciências ainda não haviam atingido o desenvolvimento que tiveram nos séculos XVII e XVIII. Os métodos, já aquí vimos o que dêles dizia Francis Bacon, — só podem desenvolver-se graças ao desenvolvimento das próprias ciências.

Para que Francisco Sanchez tomasse, contra os velhos esquemas escolásticos, a posição de ataque que assumiu no seu livro, mister era que tivesse compreendido, graças aos seus estudos de medicina e de ciências naturais, — na base dos quais já germinava a boa semente aí plantada pelos filósofos céticos, e principalmente por Sexto Empírico, — a idéia de que a observação da natureza ultrapassava de muito o vazio palavreiro da silogística. A sua rebelião contra as explicações verbais dos escolásticos, contra êsse modo estéril do raciocínio, inutilizador da própria razão, levá-lo-ia aos fatos experimentais, cada vez mais convencido de que seria daí que haveria de surgir, de conjunto com a razão, uma estrada nova para o conhecimento do homem e do mundo, apesar da fragilidade que há de sempre caracterizar o conhecimento humano.

Influenciado desde cêdo pelo pensamento livre de seus mestres bordaleses, trabalhados pela liberdade que

trouxera a Reforma religiosa, acuradas as suas capacidades de observador (constantemente demonstradas no **Quod nihil scitur**), nas escolas italianas, nas quais passou quatro anos a estudar; conhecedor dos novos métodos naturalistas dos discípulos de Vesálio, Falópio e outros, conhecendo e pesando o valor dos descobrimentos do seu tempo, principalmente os que então faziam os portugueses e espanhóis; percebendo o sentido que êles tinham para a velha cultura e o mundo novo que todos os descobrimentos anunciavam; — Sanchez compreendeu também que a primeira condição para que se elevasse o novo edificio da ciência, seria a criação de um novo método, mais adequado e mais eficaz que o preceituado pela Escolástica. Empreendeu, assim, o seu combate contra aquilo que acreditou ser o maior obstáculo para o nascimento de uma nova ciência. Seria êle o precursor da obra de Bacon e mais ainda, da de Renato Descartes.

Segundo Vivès, voltar-se-ia também, ainda que incidentalmente, para os problemas relacionados com o espírito. Apresentaria, de uma maneira muito insuficiente, é certo, alguns aspectos do problemas do conhecimento que somente mais tarde Emanuel Kant irá novamente examinar. Grande número de problemas tratados pela filosofia moderna já estão esboçados no **Quod nihil scitur** e, muitas vêzes, quando meditamos no que êle escreve, somos levados a pensar, o que Menendez y Pelayo dizia de Vivès, — que também Sanchez é um kantiano em profecia...

Falta a Sanchez, é certo, fôrça na afirmação. Mas essa não lhe podia sobrar, pois, o seu tempo, presa da confusão das mais opostas correntes de pensamento, não lhe permitiria, como não permitiu a nenhum pensador do século XVI, encontrar, como diz Brunschvicg, o método exato que iria dar à inteligência o poder de discernir entre tôdas essas variadas correntes.

Todavia, nas páginas do **Quod nihil scitur**, Sanchez já antevê a crítica dos modernos, que accorda o sábio, lembrando-o de que "o caminho do saber nunca termina, que a vida científica consiste em caminhar sempre para uma luz que aumenta infinitamente; que em parte alguma ainda se realizou a imediata coincidência da ciência e do universo e que ninguém pode

afirmar se ela se realizará; que o mundo é maior do que o nosso pensamento e que, sempre novos instrumentos recuam o horizonte da nossa observação, fazendo surgir de inesperadas profundidades, desconcertantes descobrimentos para os hábitos mentais da humanidade” (1).

Abrindo caminho às conquistas do pensamento moderno, o médico e filósofo que foi Francisco Sanchez sonhava, já em 1576, com uma filosofia sem preconceitos e sem dogmatismos, com uma filosofia crítica. Não é mérito pequeno haver visto com tanta profundidade, ainda no século XVI; não foi pequeno o mérito de quem procurou encaminhar a inteligência humana para os novos caminhos da ciência e do pensamento crítico.

(1) — *Léon Brunschvicg* — *L'Idéalisme Contemporain* —
2.a ed., pp. 8/9.

BIBLIOGRAFIA

- Adam (Ch) — *Vie & Oeuvres, de Descartes* — Cerf ed. Paris, 1910.
- Azevedo (João Lucio) — *Historia dos Christãos Novos Portugueses* — Liv. Clas. Ed. Lisboa, 1921.
- Baião (A) — *Episodios Dramaticos da Inquisição Portuguesa* — Renascença Portuguesa, Pôrto, 1919.
- Barboza Machado (D) — *Biblioteca Lusitana* — 2a. ed., Ass. dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1930/35.
- Bayle (P) — *Dictionnaire Historique et Critique* — 4a., ed., Amsterdão. P. Brunel, 1730.
- Bell (F-G) — *A Literatura Portuguesa* — trad. port., Imprensa da Universidade, Coimbra, 1931.
- Bonilla y San Martin (A) — *Luis Vives y la filosofia del Renacimiento* — s/i, ed., Madrid, 1929. (Reimp.).
- Boquet (F) — *Histoire de l'Astronomie* — Payot, Paris, 1925.
- Bouillier (F) — *Histoire de la Philosophie Cartésienne* — 3a. ed. Delagrave. Paris, 1868.
- Bouillet (J) — *Précis d'Histoire de la Médecine* — J. B. Baillière, Paris, 1883.
- Bouilliet (N) — *Oeuvres Philosophiques de Fr. Bacon* — L. Hachette, Paris, 1834.
- Braga (T) — *Curso de Historia da Litteratura Portugueza* — Liv. Int., Lisbôa, 1885.
- Braga (T) — *Historia da Litteratura Portugueza* — II *Renascença* — Chardron, Pôrto, 1914.
- Braga (T) — *Questões de Litteratura e de Arte Portugueza* — A. J. Lopes, s/d.
- Braga (T) — *Historia da Universidade de Coimbra* — T. I. Tp. Academia Real das Sciencias — Lisboa, 1892.
- Brandão (M) — *O Colégio das Artes* — Imp. da Universidade, Coimbra, 1924.
- Bréhier (E) — *Histoire de la Philosophie*. Alcan, Paris, 1926-38.
- Brochard (V) — *Les Sceptiques Grecs* — 2a. ed. Vrin., Paris, 1923.
- Brunschvicg (L) — *Le Progrès de la Conscience dans la Philosophie Occidentale* — Alcan, Paris, 1927.
- Brunschvicg (L) — “*Finesse et Géométrie*”, in *L'Evolution de la Physique* — Alcan, Paris, 1935.

- Brunschvicg (L) — *L'Idéalisme Contemporain* — 2a. ed., Alcan, Paris, 1921.
- Burckhardt (J) — *La Civilisation en Italie au Temps de la Renaissance*, trad. franc., Plon Nourrit, Paris, 1886.
- Cazac (H P) — *Le lieu d'origine et les dates de naissance et de mort du Philosophe Francisco Sanchez* — extrait du *Bulletin Hispanique*, Oct./Dec. 1903, Peret, Bordéas, 1903.
- Cortezão (J) — *Teoria Geral dos Descobrimentos Portugueses* — Seara Nova, Lisboa, 1940.
- Cumston (C.G.) — *Histoire de la Médecine* — La Renaissance du Livre — Paris, 1931.
- Dezobry et Bachelet — *Dictionnaire de Biographie et d'Histoire* 10.a ed. Delagrave ed., Paris, 1888.
- Diepgen (P) — *Historia de la Medicina* — Labor ed. Barcelona, 1925.
- Enriques (F) e Santillana (G) — *Pequena História do Pensamento Científico* — trad. bras., Vecchi, Rio de Janeiro, 1940.
- Figueiredo (F) — *Revista de Historia*, dirigida por, (anos de 1913, 1914, 1915, 1916).
- Figueiredo (F) — *Estudos de Litteratura* (4a. série), Portugalia, Lisboa, 1924.
- Florentino (F) — *Studi e ritratti della Rinascenza* — Laterza, Paris, 1911.
- Gaullieur (F) — *Histoire du Collège de Guyenne* — Paris, Sandoz et Fischbacher, Paris, 1874.
- Gauthier (L) — *Introduction à l'étude de la Philosophie Musulmane* — Leroux, Paris, 1923.
- Gentile (G) — *I problemi della Scolastica e il pensiero italiano* — Laterza, Bari, 1913.
- Gentile (G) — *Bernardino Telesio* — Laterza, Bari, 1911.
- Goedeckmeyer (A) — *Die Geschichte des Griechischen Skeptizismus* — Dieterich, Leipzig, 1905.
- Herculano (A) — *Historia de Portugal* — 8a. ed. rev. Prof. D. Lopes, Bertrand, s/d.
- Herculano (A) — *Historia da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal* — 7a. ed., Bastos, Lisboa, 1907.
- Hermet (A) — *Cusano* — Athena, Milão, 1927.
- Höfding (H) — *Histoire de la Philosophie Moderne* — 3a. ed. trad. franc., Alcan, 1924.
- Hoppe (E) — *Histoire de la Physique* — trad. franc., Payot, 1928.
- Ingenieros (J) — *La Cultura Filosofica en España* — s/i. ed. 1916.
- Lanson (G) — *Les Essais de Montaigne* — Mellottée, s/d. Paris
- Lemos (M) — "Amato Lusitano", in *Revista de Historia* (1913).
- Mendes dos Remedios (J) — *Os Judeus em Portugal* — França Amado, Coimbra, 1892.
- Mendes dos Remedios (J) — *Os Judeus em Portugal. II* — Coimbra, ed. It., Coimbra, 1928.
- Menendez y Pelayo (M) — *La Ciencia Española* — 4a. ed., Bibliotecas y Museos, Madrid, 1915.
- Menendez y Pelayo (M) — *Ensayos de Critica Filosofica* — Suc. de Rivadeneira, Madrid, 1892.

- Milhaud (G) — *Descartes Savant* — Alcan, Paris, 1921.
- Moulinier (L) — *Nicolas de Cusa — De la Docte Ignorance* — (trad) Alcan, 1930.
- Munk (S) — *Mélanges de Philosophie Juive et Arabe* — Gamber, 2a. ed., Paris, 1928.
- Pedersen (J) — *Scepticisme Israélite — sep. dos Cahiers de la Revue d'Histoire et de Phil. relig.* — Alcan, 1931.
- Pimenta (A) — *Estudos filosóficos e criticos* — Imp. Universidade, Coimbra, 1930.
- Rémusat (Ch) — *Bacon — Sa vie, son temps et sa philosophie* — 3a. ed. Didier, Paris, 1887.
- Rensi (G) — *Lo Scetticismo* — 2a. ed., Athena, Milão, 1928.
- Renan (E) — *Averroés et l'Averroisme* — Calmann Levy, 1925, Paris.
- Ritter (H) — *Histoire de la Philosophie* — trad. Tissot. Ladrangé, Paris, 1836.
- Roth (C) — *Historia de los Marranos* — trad. esp., Ed. Israel, Bs-Aires, 1941.
- Saitta (G) — *La Scolastica del Secolo XVI* — Bocca Turim, 1911.
- Sartiaux (F) — *Foi et Science au Moyen-Âge* — Rieder, Paris, 1926.
- Stapfer (P) — *Montaigne* — 6a. ed., Hachette, Paris, 1927.
- Sortais (G) — *Philosophie Moderne* — Lethielleux, Paris, 1926.
- Senchet (E) — *Essai sur la Méthode de Francisco Sanchez* — Giard & Brière, Paris, 1904.
- Sherwood Taylor (F) — *Pequena História da Ciência*, trad. Milton Silva Rodrigues; Martins, S. Paulo, 1941.
- Strowski (F) — *Montaigne* — Alcan, Paris, 1906.
- Ueberweg (F) — *Grundriss der Geschichte der Philosophie* — 12a. ed. Mittler u/S., Berlin, 1924.
- Vasconcellos (B) — “*Quod nihil scitur*” — trad. in “*Revista de Historia*” (1913-1916).
- Vignaux (P) — *La Pensée au Moyen-Âge* — Armand Colin, Paris, 1938.
- Villey (P) — *Les Essais de Montaigne* — Alcan, Paris, 1930/31.
- Windelband (W) — *A History of Philosophy* — trad. ingl. Macmillan, New-York, 1923.
- Windelband (W) — *Storia della Filosofia Moderna* — trad. it. — Vallecchi — Florença, 1925.
- Vossler (K) — *Algunos Caracteres de la Cultura Española* — Espasa Calpe, Bs-Aires, 1942.
- Wulf (M) — *Histoire de la Philosophie Médiévale* — 5a. ed., Alcan, 1925.

ÍNDICE

ERRATA

A página	Onde se lê	leia-se
p. 17 - l. 3	sede da	sede de
p. 17 - l. 18	lusitanus	lusitanis
p. 30 - l. 14	a linha 14. até "in 4.º (1636) —	segue a l. 13
p. 37 - l. 6	espírito	espíritos
p. 38 - l.	mundo moral como do	mundo moral como a do
p. 38 - l. 27	dizem	diz
p. 40 - l. 1	suprima-se a letra e e substitua-se	por vírgula.
p. 40 - l. 3	dialectia	dialética
p. 45 - l. 28	solidas	sólidos
p. 48 - l. 6	Renascença	Renascença
p. 49 - l. 7	onde não perde a oportunidade	não perde todavia a oportunidade
p. 49 - l. 15	da	de
p. 49 - l. 32	sistema	sistemas
p. 55 - l. 3	os juizos	os sentidos
p. 102 - l. 23	Instaurato	Instauratio
p. 103 - l. 35	decorem	decorrem
p. 107 - l. 14	o que a silogistica,	o que a silogística
p. 109 - l. 21	espirtio	espírito
p. 109 - l. 26	debemusà	debemus

ÍNDICE

PREFÁCIO	5
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I. — A VIDA E AS OBRAS DE FRANCISCO SANCHEZ	13
I. — A vida de Francisco Sanchez	13
II. — As obras de Francisco Sanchez	28
CAPÍTULO II. — O MOMENTO E AS INFLUÊNCIAS NA ELABORAÇÃO DO “QUOD NIHIL SCITUR”	35
I. — O momento	35
II. — As influências	40
CAPÍTULO III. — EXAME DO “QUOD NIHIL SCITUR”	61
CAPÍTULO IV. — O PENSAMENTO DE FRANCISCO SANCHEZ	91
CONCLUSÕES	111
BIBLIOGRAFIA	115

**BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.**

Volumes publicados:

- I. — ZOOLOGIA n.º 1 — 1937.
- II. — BOTÂNICA n.º 1 — 1937.
- III. — BIOLOGIA n.º 1 — 1937.
- IV. — ZOOLOGIA n.º 2 — 1938.
- V. — FÍSICA n.º 1 — 1938.
- VI. — LETRAS n.º 1 — 1938.
- VII. — BIOLOGIA n.º 2 — 1938.
- VIII. — MINERALOGIA n.º 1 — 1938.
- IX. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA n.º 1 - 1939.
- X. — MINERALOGIA n.º 2 — 1939.
- XI. — ETNOGRAFIA BRASILEIRA E LÍNGUA TUPÍ-GUARANI n.º 1 — 1939.
- XII. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO n.º 1 — 1939.
- XIII. — ZOOLOGIA n.º 3 — 1939.
- XIV. — QUÍMICA n.º 1 — 1939.
- XV. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA n.º 2 - 1940.
- XVI. — BIOLOGIA n.º 3 — 1939.
- XVII. — BOTÂNICA n.º 2 — 1940.
- XVIII. — MINERALOGIA n.º 3 — 1940.
- XIX. — ZOOLOGIA n.º 4 — 1940.
- XX. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO n.º 2 — 1940.
- XXI. — MINERALOGIA n.º 3 — 3941.
- XXII. — ZOOLOGIA n.º 5 — 1941.
- XXIII. — ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPÍ-GUARANI n.º 2 - 1941.
- XXIV. — ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPÍ-GUARANI n.º 3 - 1941.
- XXV. — ZOOLOGIA n.º 6 — 1942.
- XXVI. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL n.º 3 — 1942.
- XXVII. — LETRAS n.º 2 — 1942.
- XXVIII. — BOTÂNICA n.º 3 — 1942.
- XXIX. — FILOSOFIA n.º 1 — 1942.



IMPRESSORA COMERCIAL
R. QUIRINO DE ANDRADE, 59-67
SÃO PAULO



